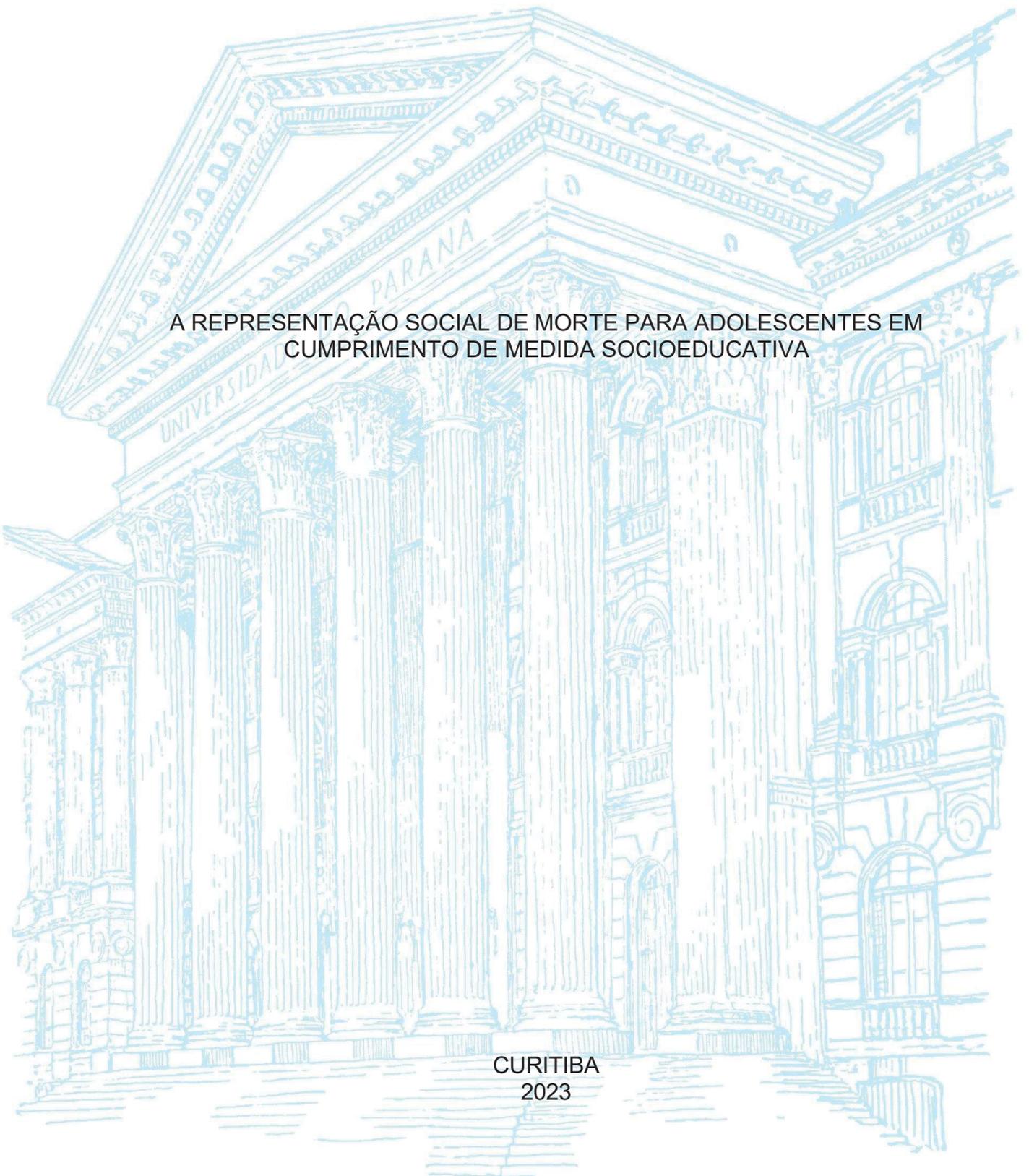


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RODRIGO SANCHES ROSA

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE MORTE PARA ADOLESCENTES EM
CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA

CURITIBA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RODRIGO SANCHES ROSA

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE MORTE PARA ADOLESCENTES EM
CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA

Dissertação de Mestrado apresentada à Linha Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano do Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná, como co-requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Araci Asinelli-Luz

CURITIBA
2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Sanches Rosa, Rodrigo.

A representação social de morte para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa / Rodrigo Sanches Rosa – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Araci Asinelli-Luz

1. Adolescência. 2. Adolescentes – Educação. 3. Adolescentes – Condições sociais. 4. Adolescentes e morte. 5. Educação – Aspectos sociais. I. Asinelli-Luz, Araci. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Tania de Barros Baggio CRB-9/760



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **RODRIGO SANCHES ROSA** intitulada: **A representação social de morte para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa**, sob orientação da Profa. Dra. ARACI ASINELLI DA LUZ, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 14 de Dezembro de 2023.

Assinatura Eletrônica
22/01/2024 10:41:05.0
ARACI ASINELLI DA LUZ
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
02/01/2024 06:13:47.0
DARLINDA MARIA PACHECO MOREIRA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ABERTA - PORTUGAL)

Assinatura Eletrônica
21/12/2023 18:15:15.0
JULIA SIQUEIRA DA ROCHA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA)

Assinatura Eletrônica
04/01/2024 20:31:08.0
TATIANE DELURDES DE LIMA BERTON
Avaliador Externo (FACULDADE UNISE)

DEDICATÓRIA

À Mel, minha gatinha que me atura todos os dias.
À Karine, minha irmã que se preocupa comigo todos os dias.

AGRADECIMENTOS

A finalização de um mestrado é a sagração de um processo acadêmico com momentos árduos. Nos agradecimentos, temos a oportunidade de refletir sobre o coletivo que contribuiu para todas as superações ao longo do caminho. Momento de escrita com muita gratidão e cuidados para que todos(as) sejam lembrados(as) espalhando o amor.

Primeiramente, quero agradecer a minha família, mãe Rose e irmã Karine, pelo apoio e orgulho que sentem sobre a minha conquista. Também agradeço àqueles que, de forma silenciosa, torceram pelo sucesso da caminhada e que estiveram presentes em algum desses momentos. Em seguida, ao qual incorporo no campo familiar devido aos anos de convívio, acolhimento e carinho, a minha orientadora Araci Asinelli-Luz, o destino me presenteou com mais uma mãe.

No campo institucional, quero agradecer a Universidade Federal do Paraná, a área da Educação, o Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, a linha de pesquisa Cognição Aprendizagem e Desenvolvimento Humano – CADH – e a Comunidade de Prática em Pesquisa – CPP; sem o incentivo, o investimento e a oportunidade, o mestrado não seria possível. Aos colegas de pesquisa da CPP, muito obrigado pelos aprendizados e apoio, em especial, para Noara e Tatiane.

Os(as) amigos(as) que estão presentes nos momentos mais profundos e que sempre têm uma palavra incentivadora. Ana Lúcia Ribas e Daniela Farias, vocês sempre serão as primeiras professoras e orientadoras. Manu e Eliane, vocês sempre serão as colegas de turma para realizar todos os trabalhos em grupo. Karla, muito obrigado pela sua amizade. Aos colegas de trabalhos e amigas, meu muito obrigado pela paciência: Gláucia e Ana, abraços fraternos.

De forma amplificada, quero agradecer a todo o Sistema Socioeducativo do Estado Paraná e, em específicos, seus personagens, que estão no cotidiano realizando um trabalho fantástico, humano, sensível e fundamental aos adolescentes e à sociedade, todo reconhecimento a eles e a elas. Aos Gestores, às Direções, à Equipe Técnica diversificada, aos Agentes de Segurança Socioeducativo que contribuíram para a realização desta pesquisa, meu agradecimento especial. Nesse contexto, quero agradecer ao Sistema Judiciário, Defensoria e o Ministério Público do Paraná que autorizaram a pesquisa. Obrigado pela confiança.

Não menos importante, quero agradecer a banca de qualificação e defesa desta dissertação: Profa. Dra. Darlinda Moreira, Prof. Dr. Everton Ribeiro, Profa. Dra. Julia

Siqueira Rocha, Profa. Dra. Tatiane Lima Beron e Profa. Dra. Rosa Bueno, vocês deram os passos aos quais pretendo seguir.

Mais gratidão ao mundo: obrigado!

Vida e morte são ciclos inevitáveis,
Como dia e noite são ritmos naturais;
Quando vem a vida, não se pode resistir,
Quando finda a vida, não se pode impedir.
Chuang Tse
(Shan, 2015, p. 64)

RESUMO

Esta dissertação, junto à linha de Pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), tem por objetivo conhecer a Representação Social de adolescentes que cumprem medida socioeducativa de privação ou restrição de liberdade, meio fechado, do estado do Paraná sobre a morte, visto ser essa temática recorrente nesse contexto, embora um tabu na sociedade em geral e pouco desenvolvida no campo educacional, haja vista que, para muitos(as), é uma presença constante devido às suas realidades de vidas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, tendo por base a Teoria das Representações Sociais (RS), na abordagem de Serge Moscovici e Denise Jodelet. A produção de dados se deu por meio de questionário *on-line*, com questões padronizadas e abertas, contemplando e respeitando a subjetividade e individualidade do(a) participante, cuja divisão ocorreu em duas etapas: sociodemográfica e evocação de morte e a análise dos dados por meio da análise de conteúdo do tipo categorial, conforme Lawrence Bardin (1977). A pesquisa se justifica pela lacuna do tema no campo acadêmico e pelo mestrandando ser um Agente de Segurança Socioeducativo da socioeducação em um dos Centros Socioeducativos (CENSE), buscando colaborar com o processo de humanização de adolescentes a partir de seus contextos de vida. Os(as) participantes são adolescentes, de diferentes gêneros e regiões, cumprindo suas medidas socioeducativas em um CENSE ou Casa de Semiliberdade no estado do Paraná. Quais são os resultados encontrados/qual conclusão sobre as RS? Os(as) participantes, majoritariamente, têm 17 anos; cursam o Ensino Fundamental; são paranaenses; acessam à internet; gostam de ler livros; ao menos têm, em suas casas, um equipamento doméstico ou eletrônico; expõem diversos sonhos e desejos, porém demonstraram conhecimento sobre a frase emblemática socialmente de que seus futuros podem ser o caixão ou a prisão, se caso continuarem em desacordo com a lei. A oportunidade é o caminho para a não concretude desse futuro. O sentimento de tristeza se revelou constante ao evocar a morte, e ela não direciona suas ações, uma vez que diversos são os sonhos revelados. Espera-se que os dados analisados possam ter repercussões afirmativas em prol de projetos de sonhos ou projetos de vida de adolescentes, bem como o tema morte faça parte do rol de conteúdos educativos a serem trabalhados na socioeducação. Cumpre assinalar que esta dissertação é um recorte temporal, regional e de um pesquisador que pode – e deve – ser implementada no campo científico, como também um convite à reflexão sobre o assunto morte no campo educacional e uma contribuição científica ao sistema socioeducativo.

Palavras-chave: Adolescência; Educação; Pedagogia Social; Socioeducação; Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

This dissertation, by the Cognition, Learning and Human Development Research, on the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Paraná (UFPR), aims to understand the Social Representation of adolescents who are subject to a socio-educational measure of deprivation or restriction of freedom in a closed environment, in the State of Paraná about death, as this theme is recurrent in this context, although a taboo in society in general and little developed in the educational field, given that, for many, it is a constant presence due to their life realities. This is a qualitative, exploratory and descriptive research, based on the Theory of Social Representations (SR), in the approach of Serge Moscovici and Denise Jodelet. Data production took place through an online questionnaire, with standardized and open questions, contemplating and respecting the subjectivity and individuality of the participant, which was divided into two stages: sociodemographic and evocation of death and data analysis through categorical content analysis, according to Lawrence Bardin (1977). The research is justified by the gap in the topic in the academic field and by the master's student being a Socio-Educational Security Agent for socio-education in one of the Socio-Educational Centers (CENSE), seeking to collaborate with the process of humanizing adolescents from their life contexts. The participants are teenagers, of different genders and regions, fulfilling their socio-educational measures in a CENSE or Casa de Semiliberdade in the State of Paraná. What are the results found/what conclusion about the SR? The majority of participants are 17 years old; attend elementary school; are from Paraná; access the internet; like reading books; have at least one domestic or electronic equipment in their homes; show different dreams and desires, although they seemed to demonstrate knowledge of the socially emblematic phrase that their future could be either the coffin or prison if they continue to violate the law. Opportunity is the path to the non-concreteness of this future. The feeling of sadness proved to be constant when evoking death, and it does not direct their actions, since there are several dreams revealed. It is expected that the data analyzed can have affirmative repercussions in favor of dream projects or life projects for teenagers, as well as the theme of death being part of the list of educational contents to be worked on in socio-education. It should be noted that this dissertation is a temporal, regional and researcher's perspective that can – and should – be implemented in the scientific field, as well as an invitation to reflect on the subject of death in the educational field and a scientific contribution to the socio-educational system.

Keywords: Adolescence; Education; Social Pedagogy; Socioeducation; Human development.

RESUMEN

Esta disertación, junto a la línea de Investigación Cognición, Aprendizaje y Desarrollo Humano, del Programa de Postgrado en Educación de la Universidad Federal de Paraná (UFPR), tiene por objetivo conocer la Representación Social de los adolescentes que cumplen medida socioeducativa de privación o restricción de libertad, semicerrada, del estado de Paraná sobre el asunto que abarca la muerte, puesto que es esa temática referida en ese contexto, aunque un tabú para la sociedad en general y poco desarrollada en el campo educativo, teniendo en cuenta que para muchos es una presencia constante debido a sus realidades de vida. Se trata de una investigación cualitativa, exploratoria y descriptiva, basándose en la Teoría de las Representaciones Sociales (RS), según el enfoque de Serge Moscovici e Denise Jodelet. La producción de datos se sucedió por medio de un cuestionario on-line, con cuestiones estandarizadas y abiertas, contemplando y respetando la subjetividad e individualidad del participante, cuya división ocurre en dos etapas: sociodemográfica y evocación de la muerte y el análisis de los datos por medio del contenido categorial, de acuerdo con Lawrence Bardin (1977). La investigación se explica por la brecha temática en el campo académico y por el estudiante de maestría ser un Agente de Seguridad Socioeducativa de la socioeducación en un de los Centros Socioeducativos (CENSE), intentando colaborar con el proceso de humanización de adolescentes a partir de sus contextos de vida. Los(as) participantes son adolescentes, de distintos géneros e regiones, cumpliendo sus medidas socioeducativas en un CENSE o Casa de Semilibertad en el estado de Paraná. ¿Cuáles son los resultados encontrados?/ ¿cuál conclusión sobre las RS? Los(as) participantes en su mayoría tienen diecisiete años; están estudiando en la Enseñanza Fundamental; son paranaenses; acceden a la internet; les gustan leer libros; al menos tienen en sus casas un aparato doméstico o electrónico; presentan diversos sueños y deseos, pero demuestran conocimiento sobre la frase emblemática social de que sus futuros pueden ser en el sepulcro o el cárcel, en el caso de seguir en desacuerdo con la ley. La oportunidad es el camino para la no concreción de ese futuro. El sentimiento de tristeza se reveló constante al evocar la muerte y ella no direcciona sus acciones, puesto que los sueños revelados son varios. Se espera que los datos analizados puedan tener repercusiones afirmativas en favor de proyectos de sueños o proyectos de vida de adolescentes, al igual que que el tema de la muerte haga parte de la lista de contenidos educativos a ser trabajados en la socioeducación. Débese notar que esta disertación es un trabajo temporal, regional y de un investigador que puede – y debe – ser implementada en el campo científico, así como una invitación a reflexionar sobre el asunto referido a la muerte en el campo educacional y una contribución científica al sistema socioeducativo.

Palabras clave: Adolescencia; Educación; Pedagogía Social; Socioeducación; Desarrollo Humano.

RÉSUMÉ

Ce mémoire réalisé dans la ligne de recherche Cognition, Apprentissage et Développement Humain du Programme d'Études Supérieures en Éducation de l'Université Fédérale du Paraná (UFPR), a pour but connaître la Représentation Sociale de la mort chez les adolescents assistés dans la Mesure Éducative Judiciaire qui suivent des peines encourues d'enfermement dans des établissements pénitentiaires pour mineurs, avec des restrictions ou privations de liberté, dans l'État du Paraná, car c'est un thème récurrent dans ce contexte, bien qu'il s'agisse d'un tabou dans la société en général et peu développé dans le domaine de éducatif, il est une présence constante pour beaucoup en raison de leurs réalités de vie. Il s'agit, donc, d'une recherche qualitative, exploratoire et descriptive, basée sur la Théorie des Représentations Sociales de Serge Moscovici et Denise Jodelet. Les données ont été recueillies au moyen d'un questionnaire en ligne, avec des questions standardisées et ouvertes, en tenant compte et en respectant la subjectivité et l'individualité du participant, dont la division s'est faite en deux étapes: le profil sociodémographique et l'évocation de la mort; et l'analyse de ces données s'est faite par le biais d'une analyse de contenu de type catégoriel, selon Lawrence Bardin (1977). Cette recherche est justifiée par la faiblesse du thème dans le champ académique et par le fait de l'auteur être un éducateur social dans un établissement de Mesure Éducative Judiciaire, ayant pour but contribuer au processus d'humanisation des adolescents dans leurs contextes de vie. Les participants sont des adolescents de genres différents, qui suivent des peines encourues d'enfermement dans des établissements pénitentiaires pour mineurs, avec des restrictions ou privations de liberté dans l'État du Paraná. Quels sont les résultats / quelle conclusion sur la Théorie des Représentations Sociales? La plupart des participants ont 17 ans; élèves de l'enseignement secondaire; ils sont du Paraná; avec d'accès à l'Internet; ils aiment lire des livres; au moins ils possèdent un appareil ménager ou électronique dans leur maison; ils ont plusieurs rêves et désirs dans leurs vies, mais ils ont la connaissance de la phrase socialement emblématique selon laquelle leur avenir ne peut être que le «cercueil ou la prison», s'ils continuent des actes hors la loi. L'opportunité est le chemin vers la non-matérialité de cet avenir. Le sentiment de tristesse s'est avéré constant lorsque la mort est évoquée, mais celle-ci ne dirige pas les actions de ces adolescents, car ils ont révélé des plusieurs rêves. Nous nous attendons à ce que les données analysées puissent avoir des répercussions positives en faveur de projets de vie des adolescents, ainsi que la thématique de la mort fasse partie des contenus éducatifs à travailler dans la Mesure Éducative Judiciaire. Il est à noter que ce mémoire est un coup temporel, régional et de recherche qui peut – et doit – être mise en œuvre dans le champ scientifique, ainsi qu'une invitation à réfléchir sur le sujet de la mort dans le champ éducatif et une contribution scientifique au système de la Mesure Éducative Judiciaire.

Mots-clés: Adolescence; Éducation; Pédagogie Sociale; Mesure Éducative Judiciaire; Développement Humain.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FLUXOGRAMA 1: PROCESSO DA REVISÃO INTEGRATIVA.....	57
NUVEM DE PALAVRAS 1: PALAVRAS-CHAVE.....	75
FIGURA 1: MESORREGIÃO DA SOCIOEDUCAÇÃO NO ESTADO DO PARANÁ.....	77
FIGURA 2: QUADRO DESCRITIVO DAS UNIDADES DE SOCIOEDUCAÇÃO NO ESTADO DO PARANÁ.....	78
FIGURA 3: REGIÕES GEOGRÁFICAS DO ESTADO DO PARANÁ.....	79

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: IMPORTÂNCIA DA ESCOLA/ESTUDAR POR PARTE DOS PARTICIPANTES.....	102
TABELA 2: ATIVIDADES EXERCIDAS PARA O LAZER DOS PARTICIPANTES	112
TABELA 3: MORTE EM 3 (TRÊS) PALAVRAS	126
TABELA 4: EXPLICAÇÃO SE OS PARTICIPANTES TÊM MEDO DA MORTE OU NÃO	141
TABELA 5: O QUE É A MORTE PARA OS PARTICIPANTES.....	145
TABELA 6: FRASE: SÓ LHES RESTA PRISÃO OU CAIXÃO?	148

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: INSTRUMENTOS NORMATIVOS	34
QUADRO 2: PALAVRAS DESCRITORAS ENCONTRADAS NOS BANCOS DE TERMINOLOGIA, EM UMA BUSCA COM PALAVRAS-CHAVE	49
QUADRO 3: PESQUISAS NOS BANCOS DE DADOS	52
QUADRO 4: EXCLUSÕES: TÍTULO, RESUMO E REPETIDOS	54
QUADRO 5: TRABALHOS ANALISADOS E SUAS CARACTERÍSTICAS	55
QUADRO 6: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 01.....	58
QUADRO 7: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 02	59
QUADRO 8: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 03	61
QUADRO 9: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 04	63
QUADRO 10: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 05	64
QUADRO 11: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 06	66
QUADRO 12: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 07	67
QUADRO 13: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 08	68
QUADRO 14: CARACTERÍSTICA DA ANÁLISE, PESQUISA 09.....	70
QUADRO 15: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 10.....	72
QUADRO 16: COMARCAS JUDICIAIS DO ESTADO DO PARANÁ QUE COMPÕEM O SISTEMA SOCIOEDUCATIVO.....	81
QUADRO 17: RELAÇÃO DE OBJETIVOS, INSTRUMENTOS E METODOLOGIA DA PESQUISA.....	85
QUADRO 18: LEGENDA DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES	85
QUADRO 19: PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO: CATEGORIAS E SUAS QUESTÕES	90
QUADRO 20: PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	90
QUADRO 21: LOCAIS DE NASCIMENTOS DOS PARTICIPANTES.....	106
QUADRO 22: ORIGEM DA RENDA FAMILIAR DOS PARTICIPANTES	118
QUADRO 23: SONHOS DOS PARTICIPANTES.....	120
QUADRO 24: COMO OS PARTICIPANTES SE IMAGINAM DAQUI A 10 ANOS, DESEJOS.....	122
QUADRO 25: LEGENDA DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	125
QUADRO 26: JUSTIFICATIVAS DOS PARTICIPANTES PARA AS TRÊS PALAVRAS SOBRE A MORTE	129
QUADRO 27: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS AO CONTEXTO DE MORTE.....	132
QUADRO 28: SENTIMENTO/EMOÇÕES/SENSAÇÕES DOS PARTICIPANTES COM PERDA DE FAMILIARES	135

QUADRO 29: VIVÊNCIA DE ASSASSINATO OU TIPO DE MORTE VIOLENTA	138
QUADRO 30: SENTIMENTOS/EMOÇÕES/SENSAÇÕES DOS PARTICIPANTES ..	139
QUADRO 31: TÊM MEDO DA MORTE	140
QUADRO 32: FRASE: SÓ LHES RESTA PRISÃO OU CAIXÃO?.....	147
QUADRO 33: EDUCAÇÃO PARA A MORTE	151
QUADRO 34: SIGNIFICADO DE MORTE APÓS A PANDEMIA DE COVID-19	152
QUADRO 35: SIGNIFICADO DE MORTE.....	152

LISTA DE SIGLAS

ANOREG/BR – Associação dos Notários e Registradores do Brasil
AV – Atlas da Violência
BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BI – *Business Intelligence*
CADH – Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano
CAFe – Comunidade Acadêmica Federada
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS – Centro de Atenção Psicossocial
CB – Constituição Brasileira
CENSE – Centro Socioeducativo
CEP/SH – Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos
CGS – Coordenação de Gestão do Sistema Socioeducativo
CPP – Comunidade de Prática de Pesquisa
CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social
DEASE – Departamento de Atendimento Socioeducativo
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EJ – Estatuto da Juventude
EJA – Educação de Jovens e Adultos
EJAI – Educação de Jovens, Adultos e Idosos
ERIC – *Educational Resources Information Center*
IASP – Instituto de Ação Social do Paraná
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEM – Laboratório de Estudos sobre a Morte
MPPR – Ministério Público do Paraná
NV – Nuvem de Palavras
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde
ORCID ID – *Open Researcher and Contributor ID*
PIA – Plano Individual de Atendimento
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
PROVAR – Programa de Ocupação de Vagas
PSS – Processo Seletivo Simplificado
REDALYC – Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
RG – Registro Geral
RS – Representação Social
SciELO – *Scientific Electronic Library Online*
SIEGDH – Simpósio Internacional de Educação Global e Direitos Humanos
SINASE – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
SMS – Sistema de Medidas Socioeducativas
TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS – Teoria das Representações Sociais
UAb-Pt – Universidade Aberta de Portugal
UC – Unidade de Contexto
UEM – Universidade Estadual de Maringá
UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para Infância

UNIOESTE – Universidade Estadual Oeste do Paraná

UNIPAR – Universidade Paranaense

UR – Unidade de Registro

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 HISTÓRIA PESSOAL NO PROCESSO DA JUSTIFICATIVA.....	21
1.1.1 Na perspectiva pessoal.....	24
1.1.2 O impacto social da pesquisa.....	25
1.1.3 Na academia, a busca de subsídios científicos	26
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA: CONTEXTUALIZAÇÃO	27
1.3 OBJETIVOS.....	27
1.3.1 Geral	27
1.3.2 Específicos.....	28
1.4 <i>DESIGN</i> DA DISSERTAÇÃO	28
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
2.1 ADOLESCÊNCIAS	37
2.1.1 Adolescências pelos cadernos socioeducativos.....	42
2.2 REVISÃO INTEGRATIVA.....	48
3 MÉTODO	76
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	76
3.2 LÓCUS E PARTICIPANTES.....	76
3.2.1 Autorizações	80
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS.....	82
3.4 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DOS DADOS	85
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	86
4 ANÁLISE DOS DADOS	88
4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO	89
4.2 EVOCAÇÃO SOBRE A MORTE.....	124
5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
REFERÊNCIAS	159
ANEXOS	166
APÊNDICE	173

1 INTRODUÇÃO

Na Cadência do Samba

Sei que vou morrer, não sei o dia
Levarei saudades da Maria
Sei que vou morrer, não sei a hora
Levarei saudades da Aurora

Eu quero morrer numa batucada de bamba
Na cadência bonita do samba

Quero morrer numa batucada de bamba
Na cadência bonita do samba

Mas o meu nome ninguém vai jogar na lama
Diz o ditado popular
Morre o homem, fica a fama

Quero morrer numa batucada de bamba
na cadência bonita do samba
(Composição: Ataulfo Alves/Paulo Gesta)

O desejo explícito na música “na cadência do samba” é o de morrer em uma batucada de samba, possivelmente sua maior paixão na vida. Desejo esse manifestado na letra que se torna o seu sonho revelado em vida. O sonho pode ser capaz de mover montanhas. Utilizando-se a metáfora, nessa perspectiva, ele é energia vital e causador de grandes transformações. Assim como esta dissertação que um dia foi desejo e, hoje, está movendo montanhas: transformando vidas e inspirando tantas outras, um sonho sendo realizado.

Esta dissertação, tendo como tema a morte, não é novidade para algumas pessoas, porém no campo educacional o é, conforme evidenciado na revisão integrativa. A imortalidade é a busca de inúmeros personagens da ficção, contudo a compreensão para esse termo nesta dissertação está relacionada ao agora, vivemos hoje, o amanhã ainda não existe, é um futuro incerto, por isso a imortalidade é uma falácia. Reafirma-se: a vida é agora, vive-se o presente; a morte pode ocorrer a qualquer momento, ela é certa e seu momento incerto. Os heróis e as heroínas criados(as) nas ficções são dotados(as) de superpoderes, irreais à realidade do ser humano.

Nesta pesquisa, não há heróis, nem heroínas, e sim pessoas que, em seus cotidianos, sobrevivem a tantas objeções que a existência humana possa ter como desafio. Diante disso, nenhuma pessoa deve ter a ilusão que nada acontecerá ‘consigo’, mesmo vivendo à beira de excessos, ou seja, viver sem consequências dos atos, a finitude é certa, ela, em algum momento e de alguma forma, chegará. Ou, nas palavras de Arantes (2016, p. 33): “O verdadeiro herói não é aquele que quer fugir do

“encontro com sua morte, mas sim aquele que a reconhece como sua maior sabedoria”. Complementa: “As pessoas morrem como viveram. Se nunca viveram com sentido, dificilmente terão a chance de viver a morte com sentido” (*idem*, p. 35). Assim como profere a letra da música: “Na cadência do samba”, após a morte, você quer o seu nome jogado na lama? A letra é cheia de sentido de vida, o compositor quer morrer em uma batucada do samba.

A jornada com a morte inicia quando há reconhecimento no sentimento de medo na primeira infância. Não é incomum crianças terem medo da morte, como também seu interesse ao que socialmente pode ser considerado sinistro, macabro, aterrorizante. Mas o que é a morte? Referimo-nos a ela em sua concepção biológica. Mas há tantas outras concepções; filosófica, religiosa, política, emocional e tantas outras possibilidades. O que é a morte para os(as) adolescentes em conflito com a lei? Como e por que falam dela com frequência e aparenta familiaridade? Uma dualidade que faz parte dos sentimentos e do imaginário de muitas delas: paradoxo (curiosidade e medo). Os autores Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2020) nos informam que a morte é assunto negligenciado nas vidas das pessoas – e que ainda há resistência no campo científico. Diante das barreiras enfrentadas ao assunto, e até uma educação limitada sobre, sugere-se incluí-la com naturalidade em temáticas, como o desenvolvimento humano.

Este trabalho não tem como foco as representações de morte sob os preceitos, ideologias, dogmas religiosos ou crenças. Ele nasce de uma necessidade, em que se percebe um não “ouvir” e “falar” sobre o assunto no campo educacional, exceto em alguns momentos no campo da biologia, ou seja, um tabu social. Porém, entre os(as) adolescentes, socioeducandos(as)¹ cumprindo medida socioeducativa, ela faz parte do cotidiano dos seus diálogos, mais além, de suas vidas (indiretamente e diretamente). Diante dessa abertura na socioeducação, o tema não deve ser negligenciado, pois se acredita na potência da elucidação que ele gera e para compreensão das subjetividades dos(as) adolescentes envolvidos(as). Kovács (2021, p. 4) justifica: “A importância de focar o tema da morte está ligada ao fato de que, ao falar desta, estamos falando de vida e de sua qualidade”.

¹ Termo utilizado para os(as) adolescentes que cumprem medida socioeducativa.

A educação tem por objetivo o pleno desenvolvimento do educando². Entende-se ser humano como sujeito, pessoa, indivíduo, gente, povo, ou seja, uma amplitude ao conceito estudante; não se corre o risco de entender apenas aqueles(as) que estão em sala de aula. Compreende-se que a educação ocorre também fora dos muros escolares, em espaços que vão além da escola.

A educação no sistema socioeducativo, muitas vezes, é um resgate de direitos que não estava sendo exercido quando o(a) adolescente “estava na rua”³, muitos deles retornam às salas de aula em seu cumprimento de medida socioeducativa. Uma oportunidade de retomada de seu desenvolvimento formal por meio da escola.

A concepção ampliada de educação, abrangendo a educação não escolar, ocorre em todos os lugares, ou seja, ao longo da vida se aprende e se ensina. Como Paulo Freire (2017) afirmou, somos seres inacabados. Cabe também à Educação a criticidade do conhecimento construído, acumulado e transmitido pela cultura às gerações que se sucedem. Devido ao momento histórico social e seus desdobramentos, a morte é fenômeno que, infelizmente, ainda causa perturbações, mesmo sendo ela a única certeza humana. Com a pandemia da covid-19 e as políticas sociais colocadas em ação pelo governo brasileiro no período, a morte se tornou assunto recorrente nas mídias local e global, seja ela decorrente da doença ou sua comorbidade, de violências diversas, das relações oriundas das desigualdades sociais, da negação das diversidades humanas, da defesa dos Direitos Humanos para todos os humanos ou por causas não esclarecidas.

Como se pode ter medo daquilo que ‘ainda’ não se conhece? O desconhecido deve ser desbravado ou nem tudo deve ser investigado? Não há respostas para tudo ainda, mas o papel do pesquisador é ir em busca delas. Se a morte e o seu após são incertezas ou mistérios, por que se deve ter tanta aflição, se é possível algum tipo de investigação? Talvez não haja respostas simples para problemas complexos. Aliás, buscam-se evidências complexas para problemas complexos. A ciência não consegue responder tudo, mas há, sim, naturalização e humanização sobre esses temas.

Assim como este mestrando (à época, acadêmico de História) que se interessou pelo assunto após uma visita emblemática ao túmulo do Barão de Guaraúna (1820-

² Artigo 2º (LDBEN): “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade **o pleno desenvolvimento do educando**, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 2022i, grifos nossos).

³ Termo utilizado pelos(as) socioeducandos(as) quando não estão em medida socioeducativa de restrição ou privação de liberdade.

1891), localizado no cemitério São José no município de Ponta Grossa/PR. Depois do impacto histórico e arquitetônico, a indagação sobre a finitude do ser passou a ser tema de pesquisas. Quando realizava o curso de Pedagogia (segunda graduação), questionava-se o porquê de o assunto morte só aparecer em determinados momentos, sendo que ela faz parte da integralidade da vida. Em um dia de aula, o curso recebeu a triste notícia que uma das alunas cometeu suicídio. Foi um choque a todos(as) que estavam presentes, e vários questionamentos surgiram sobre tal atitude de ter levado a provocar a própria morte. Com isso, precisou ser atendido por uma profissional de psicologia da Universidade, pois o episódio o afetou profundamente e emergiram diversos sentimentos, mesmo não a conhecendo intimamente. Como o assunto também é recorrente no meio profissional por parte dos(as) adolescentes que se encontram com liberdade reduzida ou privados dela, internados em Casas de Semiliberdade ou em Centros Socioeducativos – CENSEs –, por medidas de socioeducação, nasceu esta dissertação.

Ao realizar o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – da Pedagogia sobre o tema morte, sentia-se que o trabalho não havia sido concluído, por isso era necessário elevá-lo a outro nível, o mestrado em Educação. A dissertação é entendida como: um trabalho feito por ‘gentes’, com ajuda de ‘gentes’ e para muitas ‘gentes’, ou seja, totalmente social com objetivo educacional. A morte, sendo ela um desafio à educação na sociedade contemporânea, seja por meio da violência causal, acidentária e/ou natural, e a também omissão e negligência por muitas pessoas devido a ser um assunto ainda tabu, encaixou-se nos objetos de estudo da linha Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano – CADH –, uma das que compõe o Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE –, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Na socioeducação, o assunto adquire naturalidade por meio das falas de quem cumpre medida socioeducativa. Justificativas mais que plausíveis para o assunto morte ser investigado.

1.1 HISTÓRIA PESSOAL NO PROCESSO DA JUSTIFICATIVA

A justificativa se mistura com a trajetória pessoal do mestrando, por isso segue uma contextualização, em primeira pessoa. Meu nome é Rodrigo, Rodrigo Sanches até os 10 anos de idade e, por determinação judicial e reconhecimento paternal, hoje, Rodrigo Sanches Rosa. Minha identidade enquanto pessoa está em constante

transformação e criando raízes a cada descoberta e/ou reconhecimento. Uma jornada pessoal e coletiva que espero ser atingida somente pela morte, mesmo assim com possibilidade da memória me tornar lembrança eterna.

Venho de um meio familiar (maternal e paternal) com muitos professores e uma mãe em serviços gerais em escolas públicas estaduais. Por isso sempre estive presente nelas, mesmo não estando em horário de aula. Involuntariamente, ou contaminado, escolhi a docência para a vida. Em um primeiro momento, minha atuação foi na Educação Básica. Durante dois anos, tive a experiência por meio do Processo Seletivo Simplificado – PSS – no interior do Paraná, na cidade de Umuarama, onde nasci e fui criado, e lá pude executar todos os meus conhecimentos adquiridos nas salas de aulas. Atuei em frentes, como: História, Geografia e Ensino Religioso, nas modalidades regular e Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA –, também na educação em tempo integral com o desenvolvimento de uma horta escolar no extinto programa Mais Educação do Governo Federal, variando do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio. Isso tudo ocorreu quando ainda cursava Licenciatura Plena em História (2009-2013) pela Universidade Paranaense – UNIPAR; instituição privada que tem sua sede em Umuarama/PR.

Ao seguir a ordem cronológica dos fatos e da minha trajetória pessoal, na colação de grau (2013), fui surpreendido com a certificação de melhor aluno do curso de História e, durante alguns anos, “escondia” a titulação. No meu processo pessoal de amadurecimento, compreendi que precisava ter orgulho desse laureamento (denominação a quem recebe o título), já que ele constitui parte da minha história. Após a conclusão dessa graduação, passei por um momento de vazio. Pensei em inúmeras possibilidades, porém a única certeza do momento era de que ainda não me sentia preparado para uma pós-graduação *stricto sensu*, o mestrado. Naquele momento, incompreensível, inalcançável, confusa, distante.

De forma a entender a minha realidade e as minhas possibilidades, ingressei em uma Especialização *lato sensu*. Entre os anos de 2014 e 2016, cursei, na Universidade Estadual de Maringá – UEM –, a Especialização em História e Humanidades, que, além de contribuir para o meu desenvolvimento, seria a maneira de conhecer a pós-graduação e me preparar para o tão sonhado e ‘obscuro’ mestrado. Foi nesse momento que construí o meu primeiro TCC: “Ritos fúnebres: preparação para a última participação social e encerramento do indivíduo enquanto ser histórico”, sob a orientação da Professora Mestre Ana Lúcia Ribas.

Entre o período final da graduação em História e o ano de 2014, até maio de 2015, meu então contrato de PSS com o estado do Paraná se cumpria na socioeducação, em Umuarama/PR, primeiramente em um Centro Socioeducativo – CENSE –, depois em uma Casa de Semiliberdade, como Educador Social (denominação à época). Foi uma grata e inesperada surpresa, pois, até o ingresso no sistema, eu não tinha conhecimento dessa específica área educacional. Com a oportunidade, no CENSE e na Casa, obtive extraordinária experiência e descobri novas vertentes da Educação, sem contar o conhecimento de inúmeras histórias de vidas e a grata satisfação de conseguir, de alguma maneira, contribuir com aqueles adolescentes que cumpriam suas medidas socioeducativas de privação e restrição de liberdade em unidades masculinas.

Após a conclusão da Especialização, senti-me em um limbo, pois também havia concluído o meu contrato do PSS na socioeducação. Experimentava outro vazio e não queria que ele aumentasse; tinha a necessidade de preenchê-lo. Foi quando iniciei o processo de mudança, aquela que me trouxe à capital paranaense, Curitiba. Três desejos me motivaram: o mestrado, o teatro e a continuidade de um curso de inglês que havia iniciado anos antes (destes, cumpri o mestrado).

No meu segundo ano em Curitiba (2017), inesperadamente, porém intencional, iniciei o curso de Pedagogia na UFPR por meio do Programa de Ocupação de Vagas – PROVAR. Até aquele momento, foi a minha maior realização, pois, como interiorano, sem muitas perspectivas à época e conhecendo somente a instituição privada, naquele ano, tornava-me discente da UFPR. Foi na graduação de Pedagogia que tive a oportunidade de realizar o segundo TCC, em 2019: “A morte: do tabu à representação na socioeducação” (Sanches-Rosa, 2019), embrião desta dissertação. Momento de grandes emoções e superações. Momento de amadurecimento científico.

No final de 2017, fui surpreendido mais uma vez: o concurso que havia feito em 2014 para ser efetivado na socioeducação me convocou para assumir uma vaga para o cargo de Educador Social, que passou a ser ‘Agente de Segurança Socioeducativo’. Cargo devidamente assumido em 30 de janeiro de 2018, no qual ainda estou até o presente momento.

O meu segundo TCC foi a união dos assuntos morte (iniciado no primeiro), educação, adolescentes e socioeducação. Desafio que foi superado, uma vez que muitos obstáculos ocorreram ao longo do processo. A partir de então faço parte da

Comunidade de Prática de Pesquisa, Educação Preventiva Integral e Desenvolvimento Humano – CPP/UFPR. Nesse ínterim, realizei algumas publicações de capítulos de livros, todos na educação; 1 (um) resumo aprovado no V Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra/Portugal; o convite para discutir o processo pessoal e acadêmico em uma *live*/roda de conversa sobre Educação e Direitos Humanos com o Professor Jorge Paulo Koury e demais convidados, que ocorreu em 18 de agosto de 2020 pelo canal do *YouTube*: KOURYOSO (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K5tocXfJzII>); na idealização e organização do I Seminário Internacional em Educação Global e Direitos Humanos – SIEGDH – entre as instituições UFPR e Universidade Aberta de Portugal – UAb-Pt –, entre os dias 30 de março e 2 de abril de 2022; e na organização de 3 (três) livros, um pela CPP e dois oriundos do SIEGDH. Ao longo do processo de desenvolvimento pessoal e acadêmico, participei de inúmeros outros eventos que constam em meu Currículo Lattes (disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7224793731366985>) e ORCID iD (disponível em: <https://orcid.org/0000-0001-7121-6923>).

A trajetória na educação, ou seja, as vivências e, conseqüentemente, as experiências e relações humanas contribuíram para o amadurecimento pessoal e profissional do mestrando, fortalecendo os alicerces para a construção da jornada científica. O trabalho desenvolvido possibilita reflexão sobre valores da vida e atuação em outros campos da educação. Estudar a morte pelo viés socioeducativo, além de desmistificar tabus sociais: morte e socioeducação diferente do sistema penitenciário, é devolver o protagonismo a adolescentes que, muitas vezes, são considerados(as) socialmente bandidos(as), mas que oportunidades foram negligenciadas e direitos foram violados.

1.1.1 Na perspectiva pessoal

Como narrado no tópico 1.1, a trajetória pessoal pode se expandir para a profissional, em meio à educação. Sempre ouvia falar sobre o mestrado, porém não compreendia a sua dimensão e, mesmo assim, o tinha em meus planos; estes que me fizeram mudar de Umuarama/PR para Curitiba/PR. Foi um acerto, pois, hoje, sou um mestrando em educação na linha Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano – CADH –, no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE –, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, avaliado recentemente pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com conceito 7, um

dos maiores conceitos do Brasil em Educação; alegrias e conquistas maiores que essas só nos próximos passos.

O mestrado, além de um sonho, é o meio no qual quero sentir e experimentar novas emoções, para além das já vivenciadas. Acredito que elas serão a chave para novos conhecimentos e aprendizagens, possibilitando o meu desenvolvimento integral enquanto pessoa e profissional. O mestrado, em nossa sociedade e no meio educacional, abre portas, para além do conhecimento. Também almejo continuar meu desenvolvimento e estudos no doutorado.

Os saberes construídos são a única riqueza que não se rouba, já dizia a cultura popular. Estar em constante aprendizagem-ensinagem me torna um ser humano melhor e, posteriormente, ensinar outras “gentes” reafirma a minha humanidade. Profissionalmente, estou me aperfeiçoando na área que escolhi e me capacitando para poder capacitar outros e outras.

1.1.2 O impacto social da pesquisa

Uma das contribuições sociais deste trabalho consiste em devolver à sociedade os investimentos públicos em mim investidos por meio da pesquisa e sua divulgação. Possibilitar respostas e reflexões que, ainda compreendo serem pouco satisfatórias, aos objetos/assuntos/temas a serem pesquisados, ou seja, a humanização da morte. Na área da socioeducação, percebo que são poucas as pessoas envolvidas que a compreendem, pois é um campo muito confundido com o sistema prisional, tenho como pretensão contribuir para a sua elucidação e para com a sua identidade pedagógica.

Sabe-se que a morte é inevitável a qualquer pessoa e/ou ser vivo. A reflexão e a conscientização da sociedade sobre o fenômeno (morte) podem remeter a possibilidades de políticas públicas, projetos educacionais preventivos a mortes violentas e/ou indesejada, sendo essa a realidade de muitos(as) adolescentes que cumprem medida socioeducativa. Flick (2013, p. 16) reconhece que as pesquisas sociais “ajudam a constituir a base para as tomadas de decisão políticas e práticas”. Assim, investigar/estudar/pesquisar a morte na socioeducação, e tornar o futuro estudo público, tem como premissa lançar luz a uma área educacional pouco entendida por muitos(as), inclusive por seus profissionais. Educadores e educadoras poderão rever suas práticas, com mais profundidade e realismo, e adolescentes infratores(as), ou não, sonharem com projetos de vida para além de “prisão ou caixão”.

Espera-se que o trabalho ‘abra as portas’ para assuntos entendidos como ‘problemáticos’ e que sejam discutidos no âmbito da educação escolar e não escolar, de modo a resultar em novos estudos e pesquisas sobre a socioeducação e seus/suas adolescentes, visando a esclarecer particularidades antes invisibilizadas e/ou negadas. Realça-se a possibilidade de refletir sobre as suas vidas e seus atos, tendo a morte como o centro dessa reflexão; minimizar a violência como causa de morte precoce de adolescentes; e ensejar a pedagogia dos sonhos/projetos de vida para adolescentes em situação de vulnerabilidades sociais. Também se espera o desenvolvimento de resiliência, na medida em que há a abordagem de temas que evitem situações próximas àqueles(as) conduzidos(as) à restrição e privação de liberdade. Para os(as) profissionais da educação e socioeducação, trata-se de um material teórico para suas práticas pedagógicas, além de contribuir para a desmistificação e ressignificação de assuntos que se tornaram relevantes e necessários ao nosso tempo e convívio social, principalmente a frase atribuída aos futuros dos(das) adolescentes que estão em desacordo com a lei: “prisão ou caixão”.

1.1.3 Na academia, a busca de subsídios científicos

Foram realizadas duas revisões sistemáticas com propostas semelhantes. No campo científico brasileiro, utilizando-se de bases de dados, há um déficit nas pesquisas científicas sobre o assunto morte na educação, ou seja, uma lacuna de possibilidades. Como observado, esta dissertação vem ao encontro de uma dessas possibilidades: estudar a morte no campo pedagógico, mais especificamente, na socioeducação brasileira, e sua representação por meio dos(as) adolescentes cumprindo medidas socioeducativas em meio fechado, privação ou com restrição de liberdade, no estado do Paraná. Foi realizada uma Revisão Integrativa⁴, em 6 (seis) bases de dados: BDTD, SciELO, Redalyc, Web of Science, ERIC e Scopus, e temporalidade de 10 anos (2012-2022). Foram encontrados 10 (dez) trabalhos, e o resultado se repetiu, ao registrar uma lacuna de estudos. Destaca-se a contribuição com o movimento das Universidades, especificamente com a UFPR, em fazer ciência; com o sistema socioeducativo, um campo educacional no qual o debate e a reflexão se fazem imprescindíveis; a continuação do estudo da morte e a contribuição com o assunto em sua desestigmatização no campo científico.

⁴ Integralidade da Revisão Integrativa no item 2.1.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA: CONTEXTUALIZAÇÃO

No Centro Socioeducativo – CENSE⁵ –, o(a) adolescente, para estar em cumprimento de medida socioeducativa, designada por uma determinação judicial, responde a um ato infracional grave, ou seja, ameaça ou morte/violência à pessoa. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990), diante da classificação do ato, a internação é considerada mais grave em relação às outras medidas socioeducativas brasileiras. Para as Casas de Semiliberdade (restrição de liberdade), pode ser determinação judicial desde o início da medida ou como forma de transição para o meio aberto, ou seja, oriundo e oriunda do CENSE (Brasil, 1990). Ambas as medidas são consideradas em meio fechado e de responsabilidade administrativa dos Estados Federativos brasileiros. O ato infracional não é de responsabilidade de cuidado do Conselho Tutelar, por não se tratar da violação de um direito.

Pelo mestrando ser servidor de um dos CENSEs e ter atuado profissionalmente em uma Casa de Semiliberdade e em mais de um CENSE, é comum ouvir sobre o assunto/tema morte. A impressão que causa é que ela faz parte dos “direcionamentos” das vidas dos(as) adolescentes que ali estão ou, ainda, de suas relações interpessoais; uma espécie de pedagogia em seus convívios sociais e particulares onde o ‘matar ou morrer’ se faz presente. Aliás, seria este o pressuposto da dissertação: a morte como condutora das ações do cotidiano no qual adolescentes infratores(as) estão inseridos(as). Diante da presença da morte, por meio das falas e conversas, o assunto/tema/objeto emerge como um problema de pesquisa: “Quais são as representações sociais de morte para adolescentes que cumprem medida socioeducativa no estado Paraná?”. A pesquisa tem como participantes os adolescentes (de diferentes gêneros) que cumprem medida socioeducativa de restrição e privação de liberdade no estado do Paraná.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

- Compreender as representações sociais de morte para adolescentes que cumprem medida socioeducativa.

⁵ Termo utilizado no estado do Paraná para as unidades de cumprimento de privação de liberdade.

1.3.2 Específicos

- Traçar o perfil dos(as) adolescentes em medida socioeducativa com restrição e privação de liberdade em Casas de Semiliberdade e CENSEs localizados no estado do Paraná.
- Sistematizar estudos e pesquisas sobre o tema morte no campo da Educação.
- Identificar as concepções de morte pelas histórias/experiências dos(as) adolescentes em medida socioeducativa com restrição e privação de liberdade no estado do Paraná.

1.4 DESIGN DA DISSERTAÇÃO

Para dar conta do desafio, de modo a deixar a dissertação com fluidez de escrita e leitura, salienta-se que ela está organizada em cinco partes interdependentes. Na primeira, denominada a **Gestação**, descreve-se o contexto da pesquisa, ou seja, faz-se a introdução ao tema, problematizando-o e explicitando o problema, apresenta o autor da dissertação, sua justificativa e seus objetivos, bem como o *design* dela. A segunda parte, o **Nascimento**, traz a fundamentação teórica. É importante expor os assuntos e seus principais referenciais que permitam o nascimento da pesquisa e seu desenvolvimento. Uma revisão integrativa compõe essa parte para elucidar o que já se sabe sobre o tema e o interesse acadêmico que o envolve.

O método de pesquisa, o **Desenvolvimento**, é a terceira parte. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória e descritiva, cuja produção dos dados se deu por meio de questionário, utilizando-se o recurso virtual do Google Formulário, gerenciamento de pesquisa, junto aos participantes – socioeducandos(as) na socioeducação do estado do Paraná. A análise dos dados seguiu a técnica categorial de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1977). A quarta parte, a **Maturação**, apresenta as análises e a discussão dos dados. Um conjunto de tabelas e quadros ilustra os resultados analisados. A quinta parte, a **Morte**, expressa as conclusões e as considerações finais. Seguem-se as referências, os anexos e o apêndice. A apresentação da dissertação em partes é uma metáfora do ciclo da vida.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O que seria da vida se não existisse a morte? As pessoas/sujeitos/indivíduos/gentes, tantos são os termos, precisam viver bem e ter uma 'boa vida', minimizando seus sofrimentos dentre as suas realidades e possibilidades, não desconsiderando a sua morte, consciente de que nada, nem o medo e/ou a omissão não a afastará. A morte é certa, só não se sabe quando e como ela virá para cada pessoa. Dito isso, dentro de sua realidade subjetiva e idiossincrática, para se ter uma boa morte, ou a "morte bela", a autora Arantes (2016) profere que o foco precisa estar no cuidado à pessoa, sendo que ainda existe vida, e não somente em sua possível doença, de modo que isso pode causar o sentimento de impotência. Concorda-se com tal postulado. Por conseguinte, compreender a representação social de morte pode permitir agir sobre ela junto aos(às) adolescentes da socioeducação do estado do Paraná.

Aceito a morte como parte da vida e tomo todas as providências e condutas para oferecer ao meu paciente a saúde, definida aqui como o bem-estar resultante do conforto físico, emocional, familiar, social e espiritual. Acredito que a vida vivida com dignidade, sentido e valor, em todas as suas dimensões, pode aceitar a morte como parte do tempo vivido assim, pleno de sentido. Acredito que a morte pode chegar no tempo certo, e assim será conhecida como ortotanásia. Mas ainda sou mais ambiciosa na prática dos Cuidados Paliativos e busco proporcionar e presenciar a kalotanásia: a morte "bela" (Arantes, 2016, p. 35).

Diante do explicitado por Arantes, falar e refletir sobre a morte não se deve ser negado e/ou evitado, pois o fim de todos é a sua finitude (até o momento) e, biologicamente, ao nascer, já estamos morrendo, ao fato de o ser humano envelhecer ou de uma fatalidade. Arantes (2016, p. 33) revela que, "Hoje, em princípios do século XXI, mais de 1 milhão de brasileiros morrem a cada ano, a maioria com grande sofrimento". Não se preparar para uma morte bela, kalotanásia, é viver angustiado(a) com esse destino. A Educação tem esse compromisso com o ser humano: gerar bem-estar na vida pelo conhecimento.

Uma boa vida é exatamente não viver e nem conviver com essa angústia (sofrer com a certeza do morrer), ao final, ela não tem sentido e muito menos propósito. Nadar contra a correnteza, além do cansaço, leva ao esgotamento das forças vitais, ao final você será vencido, e isso é o que acontece com a morte. A verdadeira essência está exatamente na verdade e na aceitação da morte, quanto mais cedo compreendermos o ciclo da vida e sua necessidade restaurativa, menores são as chances de angústia. Assim, pode-se preparar melhor para o seu momento de finitude.

Um alerta importante é feito pela autora Kovács (2021, p. 4): “Quanto mais se nega a morte, mais esta se faz presente na violência urbana, no crescimento de doenças sexualmente transmissíveis, nas sequelas de acidentes e suicídios, entre outros eventos da vida”. A negação da morte proporciona oportunidades indesejadas.

Segundo Kovács (2021), respostas sobre a morte ao longo dos tempos foram dadas, porém nenhuma é universal, e não é a proposta desta dissertação descrever ou reconhecer alguma delas como verdadeira. A autora afirma ainda que: “Não temos respostas para a morte: simples, única, total, nem dogmática nem padronizada” (Kovács, 2021, p. 2). No entanto, estudar e refletir não deve ser um tabu, isso é permitido a qualquer indivíduo, e o movimento precisa ser iniciado e, por conseguinte, o tema morte deve ser introduzido naturalmente nos currículos escolares, preferencialmente com intencionalidade transdisciplinar.

Para Kovács (2021, p. 2),

A educação para a morte apresenta a possibilidade do desenvolvimento pessoal de maneira mais integral, no sentido entendido por Jung (1960) como individuação, o desenvolvimento interior pessoal que ocorre durante a vida e que também pressupõe a preparação para a morte.

Esta dissertação, na concepção de Kovács (2021), contribui com o movimento à educação para a morte, por isso algumas literaturas foram estudadas para sua fundamentação e compreensão. São artigos, livros, leis, instrumentos normativos, dissertações, teses, dentre outras formas de registro e documentação. A dissertação não pretende esgotar o assunto e nem é seu objetivo, mas contribui com a disruptiva de que a morte precisa ser evitada, negada, silenciada, é um movimento para a sua naturalização.

Para a fundamentação teórica, algumas obras sobre a morte foram discutidas neste trabalho, como também os principais documentos que asseguram os direitos básicos dos(as) adolescentes. Uma Revisão Integrativa e análise do caderno socioeducativo que tem como tema o(a) adolescente e a adolescência também fazem parte dessa fundamentação.

A morte é um fenômeno natural no qual todo o ser humano irá passar, mesmo que já haja estudos dizendo o contrário. Cordeiro e Wood (2019) postulam que a morte tem seus dias contados, por mais que os humanos sejam os únicos animais conscientes de sua própria finitude.

Ariès (2012) revela que a morte em tempos passado era doméstica, em que todos da família, incluindo as crianças, e toda a comunidade em seu entorno participavam junto ao moribundo da sua finitude. E que, atualmente, ela se tornou selvagem, um esvaziamento dos seus significados simbólicos e representativos. A participação da família está muitas vezes regrada a horários e limites de pessoas nas visitas hospitalares. O moribundo a espera solitariamente, a comunidade evita falar sobre a morte e o morrer com medo de a atrair para si. Ariès (2012), portanto, esclarece que a relação social com a morte passou por transformações ao longo dos anos, confirmando o que Morin (1997) explicita que a morte sofreria grandes transformações de tempos em tempos, por isso a reflexão sobre a morte era necessária. Suas transformações seriam inevitáveis. Ademais, afirma que a morte é o fermento para a vida.

Cordeiro e Wood (2019) transgridem com a razão humana atual ao afirmarem que a morte tem seus dias contados e que seu maior vilão é o envelhecimento, e ele não será mais problema em breve. Também ressignificam e cunharam um novo termo para aqueles que não morrem: amortalidade. A imortalidade (nunca morrer, ser imortal), termo muito conhecido ao longo da história, principalmente na mitologia grega, ressignificou na atualidade, e o termo amortalidade (adiar a morte, não mortalidade, prorrogar a vida) é o que se busca por meio das ciências e tecnologias, principalmente na área da medicina. Informam até que já se convive com o primeiro indivíduo que viverá 1.000 anos, e que a data-limite para a morte da morte será o ano de 2045.

No campo social, Elias (2001), Chiavenato (1998), Kellehear (2016) e Van Genep (2013) são pensadores que não ignoram a morte. Elias (2001) é enfático ao informar que a morte se constitui um problema dos vivos; devido a isso, é impossível de ser ignorada. No contexto brasileiro, Reis (1991) revela várias curiosidades e costumes referentes ao morrer no Brasil, e o principal deles foi a revolta dos nordestinos quando se transfere o primeiro cemitério religioso (sacro) para outras dimensões fora do entorno da igreja, até mesmo fora da cidade, ou seja, a comercialização da morte.

Na esfera da Pedagogia e da Psicologia, a morte ganha aporte e relevância na Universidade de São Paulo – USP –, com a criação do Laboratório de Estudos sobre a Morte – LEM. Sua coordenadora, Maria Julia Kovács, desenvolve trabalhos sobre a morte e alguns outros elementos. Laboratório de grande valia para os estudiosos do assunto, um grande centro de referência nacional e um espaço que pode ser considerado um ‘transgressor socialmente’, considerando a morte ser ainda um tabu.

A morte, na educação formal escolar, é um assunto negligenciado, porém, entre os(as) socioeducandos(as) é um dos temas mais comentados nos corredores das unidades socioeducativas, por isso ela se mostra relevante de ser investigada, para, assim, compreender as representações sociais de morte desses(as) adolescentes que cumprem medida socioeducativa, responder além da pergunta problematizadora, também as suas relações diretas e/ou indiretas ao tema sob a luz da Pedagogia Social (pedagogia dos sonhos/projetos de vida).

Segundo Machado (c2023, p. 8), “A Pedagogia Social é considerada a ciência da Educação Social”. Seu berço é a Alemanha, e um dos nomes mais importantes para a sua disseminação é o de Pablo Natorp (1854-1924). Nas palavras de Natorp (1913, p. 8), Pedagogia Social é:

“Pedagogía”. La palabra aquí no significa sólo “educación de los niños”, en sus formas tradicionales; se refiere a la obra entera de elevación del hombre a lo alto de la plena humanidad. “Pedagogía social” no es la educación del individuo aislado, sino la del hombre que vive en una comunidad, educación que la comunidad hace y que hace a la comunidad, porque su fin no es sólo el individuo. Así, tórnase la Pedagogía en una ciencia social, enlazada con el Derecho y la Economía. Estas dos prestan servicios a aquélla y exigenle direcciones. Una Pedagogía "social" plantea al Derecho y a la Política, como a la Economía, muy determinados problemas, y no sólo a esas ciencias, sino a la vida misma jurídica, política y económica.

Natorp (1913) esclarece que a Pedagogia Social não tem como pressuposto o individualismo, e sim o convívio social e todas as suas esferas: Educação, Política, Economia. Assim, uma nova pedagogia complementando a Pedagogia Tradicional, um novo olhar a todos que vivem e convivem em uma sociedade, considerando suas particularidades, como bem diz “*elevación del hombre a lo alto de la plena humanidad*”, em tradução livre, “elevar o homem à plenitude da humanidade”. Educação de abrangência global e em acordo com a realidade local e temporal, nesse sentido, em todos os espaços, é capaz de estar em constante transformação, visando não somente conteúdos, mas também à subjetividade do indivíduo enquanto portador de direitos e vontades. Em definição adotada para esta dissertação, Desenvolvimento Integral do Ser Humano, isso inclui, além dos aspectos educacionais, o social, o cultural, o político, o familiar, o institucional etc. A Pedagogia Social, dentre as outras, é a que melhor representa tanto o assunto morte como o sistema socioeducativo.

Machado (c2023) alerta que Pedagogia Social e Educação Social não são a mesma coisa e nem o mesmo que Serviço Social, entretanto são conceitos complementares, estão interligadas e, facilmente, podem ser confundidas por

atuarem em áreas comuns. O autor aclara que elas se distinguem quando há o entendimento da Pedagogia Social e da Educação Social como práticas educativas e o Serviço Social como prática social.

Conforme comentado, a Pedagogia Social é transgressora, pois rompe com a Pedagogia Tradicional, e ela, sendo capaz de despertar os sonhos das pessoas, um forte potencializador nas decisões do indivíduo, direciona aos seus anseios mais pessoais e projetos de vida, um combustível para seguir em frente. O sonho é individual e incapaz de ser roubado por outra pessoa, é único, podendo ajudar a elevar as mulheres e os homens à sua plenitude.

A socioeducação é um campo vasto e rico em pessoas e histórias. No sentido da pesquisa, há muito a ser estudado e revelado. As áreas da educação precisam a todo o momento serem ressignificadas, como também quem são os seus sujeitos ou, nas palavras de Freire (2017), “gentes”. A socioeducação é uma área que precisa de notoriedade, até mesmo por aqueles que estudam a Pedagogia. Um exemplo é o curso da UFPR que, em sua grade curricular, atual, não tem nenhuma disciplina dedicada a ela, quando estudada é porque o(a) docente teve a sensibilidade de inserir tal temática na sua grade curricular pessoal, buscando-a em disciplinas optativas que nem sempre há oferta.

Como visto pelo recorte exposto, nem o curso da Educação, Pedagogia, conta com o fato de estudar todas as áreas da educação. Por isso a necessidade de se estudar a socioeducação e seus sujeitos e, assim, contribuir para que a Pedagogia Social no Brasil se torne mais expressiva – e sua relevância seja notória.

Não devemos nos esquecer que a Educação ocorre em todos os espaços. Ela se faz por todos os indivíduos, seja na sua Formalidade, Não Formalidade ou na Informalidade. Segundo Lampert (2005, p. 3), ela é permanente:

[...] a educação permanente é a educação durante toda a vida, para todos os homens. É uma educação sem limites e sem fronteiras. É a maneira de se preocupar com a formação total pela autodeterminação. É o processo de aquisição e de ampliação do conhecimento, de dominar a tecnologia, de desenvolvimento do senso crítico, de descoberta e (re)descoberta de valores, e de se relacionar com o mundo. É ser sujeito de construção de sua própria história, de abrir caminhos numa sociedade mutante e sem muitas perspectivas. É aproveitar-se de todas as oportunidades para crescer, valorizar-se como pessoa e afirmar-se como cidadão. Enfim, é o cerne do próprio processo educativo.

Um dos maiores precursores em estudos socioeducativos é o Pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa; sua vida e obra se confundem. Ele foi um dos principais colaboradores e defensores do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Seu nome se tornou referência nacional quando se estuda/pesquisa e quer entender sobre a socioeducação no Brasil; Pedagogia da Presença é uma das suas principais obras.

No Brasil, é produzido um documento muito importante: o Atlas da Violência – AV. Segundo o AV, “no Brasil a violência é a principal causa de morte dos jovens” (Cerqueira; Ferreira; Bueno, 2021, p. 27), de cada 100 jovens, 39 foram vítimas de violência letal. No AV, é esclarecido que, “Dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. São 23.327 jovens que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país” (Cerqueira; Ferreira; Bueno, 2021, p. 27), ou seja, mais da metade dos homicídios no Brasil são contra nossos adolescentes e jovens. Esses dados, altos e alarmantes, mostram a necessidade de estudar/investigar a relação: morte e adolescentes (socioeducandos/as), principalmente aqueles(as) que estão em medida socioeducativa em restrição e privação de liberdade.

De acordo com o ECA (1990), para se estar cumprido uma medida socioeducativa de privação de liberdade, o(a) adolescente comete ato infracional grave, ou seja, ameaça ou morte/violência à pessoa. Essa relação está diretamente interligada à violência gerada no Brasil e ao objeto deste estudo. O Quadro 1 apresenta alguns dos Instrumentos Normativos que asseguram os direitos dos(as) adolescentes e regulamentam a socioeducação no Brasil.

QUADRO 1: INSTRUMENTOS NORMATIVOS

LEI	DOCUMENTO	NOMENCLATURA
Constituição da República Federativa do Brasil de 1988	Constituição Brasileira de 1988	CB 88
Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990	Estatuto da Criança e do Adolescente	ECA
Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional	LDBEN
Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo	SINASE

FONTE: elaboração própria (2022).

O Brasil, depois de passar por 21 anos sob regime militar, instaurou a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que é considerada um marco na redemocratização brasileira. Nela, há a seguridade de que todos os brasileiros e brasileiras são cidadãos assegurados de direitos civis, sociais, educacionais e humanos. O seu preâmbulo reflete que:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 2022a).

Diante dessas palavras, fica claro que não existe hierarquia e muito menos discriminação dentre os cidadãos brasileiros. Adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa têm seus direitos como oportunidade de transformação em suas vidas, portanto são dignos(as) a usufruir e exercer esses direitos.

Outro marco para e na vida dos brasileiros é o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA –, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Nele, há uma frase emblemática que designa os adolescentes brasileiros, “fase peculiar de desenvolvimento”, ou seja, aqueles que ainda não têm autonomia plena e nem como se defenderem sozinhos. No ECA, salienta-se a garantia da proteção. Proteção integral que assegura e possibilita meios para o desenvolvimento integral de cada criança e adolescente, compreendendo suas necessidades, subjetividades e individualidades. É no ECA que está a legitimidade da socioeducação do Brasil, dos Artigos 103 a 128.

De forma específica, o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE –, Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012, institui e regulamenta a execução das medidas socioeducativas brasileiras destinadas a um adolescente que pratique ato infracional (homens e mulheres). Para melhor compreensão, as disposições gerais elucidam a sua essência.

Dada a ordem do Quadro 1, enfatiza-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN –, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Outro marco importante ao compreender que a educação é um direito de todos os cidadãos brasileiros e cidadãs brasileiras, direito este que historicamente foi negado para muitos(as). Nela, garantem-se o acesso e a permanência na escola a todas as pessoas.

Esta pesquisa busca respaldos na Teoria das Representações Sociais – TRS, “não há representação sem objeto” (Jodelet, 2001, p. 22), bem como reconhece que as TRS respondem pelas condutas e formas de comunicação social que estabelecemos com o mundo e com as coisas do mundo. Segundo Jodelet (2001, p. 22):

Representações Sociais é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, que tem objetivo prático e contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Também designada “saber de senso

comum” ou “saber ingênuo”, “natural”, distingue-se do conhecimento científico. Mas é tida como objeto de estudo igualmente legítimo, devido à sua importância na vida social e à elucidação que possibilita dos processos cognitivos e das interações sociais”.

Para Serge Moscovici (2015, p. 208), “[...] as representações sociais têm como finalidade primeira e fundamental tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente não-problemática e reduzir o ‘vago’ através de certo grau de consenso entre seus membros”. Do ponto de vista da TRS, o indivíduo se comporta de acordo com o seu mundo, por isso a importância da compreensão deste. Para Moscovici (2015, p. 30), “nós percebemos o mundo tal como é e todas nossas percepções, ideias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase físico, em que nós vivemos”, o quase físico são as Representações Sociais – RS –, que, em determinados grupos sociais, são quase palpáveis de tão condicionadas, “penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles” (Moscovici, 2015, p. 37).

O autor revela que “Todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações” (Moscovici, 2015, p. 40). As interações humanas também pressupõem algum tipo de comunicação para que surja efeito, seja verbal, não verbal, gestos, escrita, desenhos, artes, “Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação” (Moscovici, 2015, p. 41). Ele complementa: “o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade” (Moscovici, 2015, p. 40). Nesse sentido e em acordo com este estudo, a mesma representação social que molda um comportamento individual e/ou coletivo para o bem ou para o mal também tem a capacidade da mudança ou, até mesmo, da transformação individual e/ou coletiva, seja ela o próprio comportamento, e indo além dos seus controles, de modo a refletir e causar impacto no meio ao qual está inserido: “As representações sociais podem, na verdade, responder a determinada necessidade” (Moscovici, 2015, p. 54).

Ainda segundo o autor Moscovici (2017), ao estudar as TRS, estudamos o ser humano, e esta dissertação vem ao encontro com a afirmativa do autor. Ao estudar os(as) adolescentes que cumprem medida socioeducativa, meio fechado, por intermédio das suas representações ou representação sobre a morte, estamos estudando a vida, esta que é o bem mais valioso do ser humano. Seguindo a lógica da TRS, estudamos um instrumento capaz de transformar pessoas, comunidades, grupos, sociedades.

Por isso, essas representações vêm nos comunicar e, de maneira específica, compreender o que já se sabe: o morrer. Porém, para o trabalho, um recorte social de pessoas específicas, adolescentes infratores, seja por seus atos, condutas, seu meio social, as faltas e omissões em suas vidas.

Moscovici (2017) explica que existem dois processos que geram/criam uma representação social que são por meio da “ancoragem” e “objetivação”. Ele as define: “O primeiro mecanismo tenta *ancorar* ideias estranhas, reduzi-las a categoria e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar” (Moscovici, 2017, p. 60-61), e “O objetivo do segundo mecanismo é *objetivá-los*, isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (Moscovici, 2017, p. 61). Mecanismos complementares em que o primeiro torna algo conhecido, lança luz sobre ele, e o segundo reconhecido, perceptível, com isso sendo possível a sua interpretação e compreensão, ao tornar uma representação social capaz de conduzir e transformar ações individuais e coletivas. De acordo com Jodelet (2011, p. 17-18): “Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais”.

2.1 ADOLESCÊNCIAS

A Constituição Federal do Brasil de 1988 é um marco tanto para a criança como para o adolescente brasileiro. De fato, foi ela que os tornou sujeitos de direito, de maneira a se constituírem como cidadãos que precisam, além de ser protegidos, respeitados em suas subjetividades e processos de desenvolvimentos. Nas palavras de Ramidoff (2006, p. 36):

[...] deixam de ser objeto de tutela para passarem a ser sujeitos de direito, isto é, protagonistas capazes de suas próprias histórias, enfim, de praticarem atividades e cumprirem obrigações, contudo, limitadas e condicionadas à peculiar circunstância de serem pessoas que se encontram em desenvolvimento de suas personalidades [...].

No panorama internacional, muitas vezes, a fase adolescência não é definida, sendo esse o caso da Organização das Nações Unidas – ONU. Para eles todos, os seres humanos abaixo de 18 anos completos são crianças, no que tange aos direitos e à proteção, devem ser respeitados e assegurados a todos eles. Outro órgão de *status* internacional define a fase adolescência. De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS –, adolescência é o período da vida entre 10 e 19 anos, e ela pode

Ser dividida em 3 (três) fases: Pré-adolescência – dos 10 aos 14 anos, Adolescência – dos 15 aos 19 anos completos e Juventude – dos 15 aos 24 anos (Brasil, 2022).

Ao considerar esses dois órgãos internacionais, ONU e OMS, não há universalização sobre a fase da adolescência; já o Brasil a classificou por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado em 1990. Segundo o ECA, a definição de quem é adolescente são os que estão “entre doze e dezoito anos de idade” (Brasil, Artigo 2º, 1990), o público que pode ser atendido pela socioeducação. Para esclarecimento, “criança, [...] a pessoa até doze anos de idade incompletos” (Brasil, Artigo 2º, 1990). Com essa definição, o ECA regulamenta a contradição encontrada entre ONU e OMS, ao menos em território brasileiro. A partir dessa definição do estatuto brasileiro, todos os documentos brasileiros que retratam a criança e a pessoa que está passando pela fase da adolescência terão como referência o ECA, e é esse o documento que esta dissertação adota como fundamentação à demarcação da fase.

Entretanto, há exceções, como pode ser constatado no parágrafo único do Artigo 2º do ECA: “Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade” (Brasil, 1990). A interpretação dessa excepcionalidade no ECA está diretamente ligada aos casos dos(as) adolescentes infratores(as), pois as datas dos seus nascimentos definem a legalidade/tipografia dos seus atos contraventores. 18 anos incompletos, infração e sendo regido pelo ECA e sua lei específica, nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE –, nesse caso, sujeitos responsabilizados com 18 anos completos, crime regido pelo Código Penal Brasileiro.

No caso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022b), a população é composta por uma pirâmide etária. Nela, há diversas faixas etárias. A população deste estudo está estratificada em duas faixas: dos 10 aos 14 anos de idade e dos 15 aos 19 anos de idade. Na data de 13 de maio de 2022, às 13h31, o cronômetro populacional do Brasil era 214.636.097 em população geralos adolescentes do sexo masculino representavam 3,72% (10-14 anos) e 4,01% (15-19 anos), as adolescentes do sexo feminino 3,56% (10-14 anos) e 3,87% (15-19 anos).

O estudo se passa no estado do Paraná, por isso seguem os mesmos dados: 11.666.097 população geral; os adolescentes do sexo masculino representavam 3,45% (10-14 anos) e 3,84% (15-19 anos), as adolescentes do sexo feminino 3,30% (10-14 anos) e 3,69% (15-19 anos).

De acordo com o IBGE (2022b), instituição brasileira que não tem o ECA como documento que regulamenta as idades para a definição de adolescência, a adolescência brasileira é dos 10 aos 19 anos de idade, isso representa 15,16% em comparação a toda população, dentre a população paranaense representa 14,28%. Comparando a proporção por gênero, o Brasil tem 7,73% de adolescentes do sexo masculino e 7,43% do sexo feminino, replicando a mesma comparação no estado do Paraná, 7,29% e 6,99% respectivamente. Tanto no Paraná quanto no Brasil, há a predominância de adolescentes do sexo masculino.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (2016), ao se referir aos adolescentes na sua redação, utiliza o termo: fase peculiar de desenvolvimento, e a compreende entre as idades de 12 a 18 anos incompletos, na qual esta dissertação se utiliza para defini-los. Vale ressaltar que, no Brasil, existe a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que institui o Estatuto da Juventude – EJ. Nele, jovens são as pessoas com idades entre 15 e 29 anos (Brasil, 2017). Portanto, o período da idade entre 15 e 18 anos pode ser compreendido como adolescentes/jovens. No entanto, o EJ é claro no Artigo 1º, § 2º, ao informar que os adolescentes com idade entre seus 15 e 18 anos aplicam os artigos preconizados no ECA, e excepcionalmente o EJ, quando não houver conflito (Brasil, Artigo 1º, § 2º, 2017). O termo também é facilmente encontrado em outros documentos referentes à socioeducação do Brasil. Destarte, cabe nos questionar: o que difere a fase da adolescência de quem cumpre medida socioeducativa em relação às outras no desenvolvimento humano?

Não é incomum, por meio das pesquisas, a compreensão de que o ser humano passa por fases: infantil, adolescência, juventude, adulta, idosa; mesmo existindo elas, não são únicas, já que são inúmeras sociedades, grupos, tribos, comunidades, culturas. Diante disso, compreende-se que existem infância“S”⁶, juventude“S”, adulto“S”, idoso“S”, assim como adolescência“S”. Segundo Barros (2015, p. 67), “as adolescências”, que, no caso, é a fase de pesquisa desta dissertação. Cada indivíduo tem sua fase, é singular no mundo, a subjetividade de cada indivíduo/gente. Vale destacar que, na literatura educacional, além do termo fase, encontram-se etapas, período, momento, ciclo. Esta dissertação optou por fase.

O ECA difere das demais literaturas ao utilizar o termo “peculiar” após a palavra fase. De acordo com o dicionário Houaiss (2011, p. 709), a palavra peculiar significa “1 relativo a pecúlio 2 próprio de algo ou alguém; específico”. Ainda sobre peculiaridade “característica distintiva; particularidade” (2011, p. 709). Já o dicionário

⁶ “S” em destaque para evidenciar a pluralidade das fases.

Michaelis (3008, p. 650): “Especial, privativo, próprio de uma pessoa ou coisa”. Ambos os dicionários da Língua portuguesa indicam a individualização de alguém, portanto o ECA enfatiza que criança e adolescente estão em uma fase própria que exige cuidados específicos.

Por sua vez, a palavra desenvolvimento no campo educação não é desconhecida. Ela pode ser entendida como o objetivo máximo educacional, pois trabalha em prol do desenvolvimento integral do ser humano e compõe o seu campo semântico conceitual. Ele é um termo técnico, porém seu entendimento, por mais que há entendimentos diversos, aponta que o seu sentido pode ser mais fácil de compreensão até para os leigos. Para Urie Bronferbrenner (2011, p. 43),

[...] o desenvolvimento é definido como o fenômeno de continuidade e de mudança das características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduos e grupos. Esse fenômeno se estende ao longo do ciclo de vida humano por meio das sucessivas gerações e ao longo do tempo histórico, tanto passado como presente.

Ao refletir sobre o termo apresentando, a fase pode ser compreendida como momento, passagem, período, subentendendo que existe um fim e um (re)começo. Peculiar no sentido de cuidados individualizados, e para alguns o seu reforço, pois estão mais sensíveis e vulneráveis devido às necessidades especiais, negligências, omissões, maus-tratos, situações desumanas, desprovidos das necessidades básicas que são de direito, dentre outras causas. E desenvolvimento, porque faz parte do ciclo natural da vida: nascer, aprender, ensinar, crescer, procriar (este, nos tempos atuais, é opcional), morrer e, no caso de alguns, o exemplo das suas vidas.

Parafraseando Le Breton (2017, p. 59), a adolescência é “marcada pelo surgimento da puberdade e pelas transformações fisiológicas”; “descoberta da sexualidade” (*idem*, p. 60); “mudanças de humor, o paradoxismo dos sentimentos, a inquietude sem causa, a tendência à rebelião” (*idem*, p. 61); “faixa etária atormentada e à procura hesitante do que ela é” (*idem*, p. 60); “entrada na maturidade social” (*idem*, p. 66) e “período intenso de experimentação, de confronto com os outros, de procura de limites de sentido” (*idem*, p. 85). Após a explanação de Le Breton, uma fase de grandes transformações, marcada por rupturas, perdas, conquistas e descobertas, e que se deve ter acompanhamento constante ao seu desenvolvimento integral considerando o seu tempo e espaço, ou seja, a sua subjetividade e realidade. Diante do exposto, a adolescência é uma fase com/de relações fragilizadas e sensíveis consigo, com os outros e os outros para si, devido às transformações físicas, psicológicas, cognitivas, sociais, culturais.

“Os adolescentes nascem num mundo e vão trabalhar noutro mundo” (Costa; Costa; Pimentel, 2001, p. 16). Esta é uma boa reflexão para se pensar a adolescência da atualidade. Neste momento, retomamos a escrita em primeira pessoa, devido ao contexto/estilo da escrita a ser adotada, pois o que se segue tem a ver com a realidade do mestrando – também de tantos(as) outros(as). Costa, Costa e Pimentel (2001) afirmaram algo que antes nunca havia parado para refletir, ao menos até a leitura. Nasci no século XX, passado, e minha adolescência ocorreu no século XXI, atual. Seguindo o que é definido pelo ECA no período da minha adolescência, completei 12 anos de idade em 1997, que, historicamente, foi o fim século XX, e os 18 anos, em 2004, início do século XXI, período da adolescência com muitos adventos, considero o principal deles a internet. O que posso dizer sobre a minha adolescência é que hoje tenho a consciência de que, naquele momento, ocorriam muitas transformações. Assim é a sociedade.

Durante um momento da minha vida, senti-me deslocado com algumas situações e interações sociais e, só depois de alguns anos, compreendi que, durante uma fase da minha formação, ocorreram diversas mudanças. Não que isso não ocorra atualmente, só que, para aquele momento, eram grandes quebras de rupturas, mentalidades, comportamentos e uma ânsia para o novo século em diversas esferas. Uma espécie de um novo mundo a surgir. As tecnologias provam isso. Nessa época, o que era de mais modernos, hoje, são os obsoletos disquetes, limitados em espaço de armazenamos e perceptíveis no transporte. Hodiernamente, o mesmo sistema de armazenamento se chama “nuvem”, ilimitada (desde que pague), invisível, onipresente e intransportável. Tendo equipamento eletrônico que faça conexão mais sinal de internet, está em todos os lugares. Esses equipamentos atuais, como computadores, *notebooks*, *netbooks*, *tablets*, *smartphones*, substituem as máquinas de escrever. Apresentam múltiplas funcionalidades em um único equipamento.

2.1.1 Adolescências pelos cadernos socioeducativos

Para mais profundidade na compreensão da fase da adolescência, especificamente para aqueles(as) ditos como socioeducandos(as), buscamos respaldo nos Cadernos Socioeducativos que visam dar luz ao trabalho desenvolvido na socioeducação do estado Paraná, aos seus diversos servidores e funcionários⁷ e, para

⁷ Servidor se refere ao concursado, de carreira; funcionário; aquele contratado por tempo determinado (PSS) ou terceirizado.

as comunidades, esclarecer o que é o sistema. O caderno analisado é o que traz as fundamentais básicas sobre os(as) adolescentes do sistema: caderno 2, “Cadernos de Socioeducação – Fundamentação da Socioeducação” (2018).

Na parte 1, entre as páginas 15 e 70, encontram-se 4 (quatro) artigos dedicados aos adolescentes, às adolescências; estão denominados como: capítulo 1, Infância(s) e adolescência(s): uma leitura sócio-histórica; capítulo 2, Adolescência e ato infracional: uma leitura histórica; capítulo 3, Perfil do adolescente autor de ato infracional no estado do Paraná; e capítulo 4, Privação de liberdade e criminalização de adolescentes.

O primeiro capítulo 1, Infância(s) e adolescência(s): uma leitura sócio-histórica (2018, p. 15-29), é escrito por Ednéia José Martins Zaniani⁸ e inspirado no materialismo histórico-dialético de Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895). O título é provocador e questionador ao escrever as duas primeiras fases do ser humano (infância's' e adolescência's'), tanto no singular como no plural. Zaniani (2018, p. 15) esclarece que, ao “Tentar conceituar infância e adolescência tomando como critério o limite cronológico, é arriscado e até mesmo imprudente”. Como ela escreveu, limita os entendimentos sobre as fases e, ao seguir a cronologia, entra em contradição quando pensamos nas peculiaridades, uma vez que padronizaram os indivíduos/sujeitos ou, como Freire (2017) se refere, “gentes”.

Zaniani (2018, p. 16) alerta que “a adolescência, um período que precisa ser dirigido e adaptado”, complementa-a, “precisam ser compreendidos dentro de uma realidade social mais ampla, pois sua inserção é sempre mediada por conflitos e contradições que delineiam diferentes infâncias e adolescências”. Para ela, é limitador separar infância e adolescência dentro da socioeducação. Fazer essa separação esbarra no critério cronologia, nesse sentido, não é incomum adolescentes (assim ditos) terem comportamentos à sua fase anterior. Na socioeducação, a concepção de ‘infâncias-adolescências’ precisa ser compreendida em sua totalidade; o público de atendimento, tacitamente, exige.

Pensando na concepção de ‘infâncias-adolescências’, o termo peculiar se enquadra perfeitamente. As infâncias se fazem peculiares devido à sua inocência que é da sua natureza, no sentido de cuidados, como que a rebeldia é para as adolescências (Le Breton, 2017), ao menos na nossa cultura popular. Inocência e

⁸ Graduada e Mestra em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio e Mesquita Filho – UNESP/Assis-SP. Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEM.

Rebeldia, em leituras rasas, seriam uma dicotomia, mas que, na socioeducação, constituem uma fusão. Zaniani (2018), em suas palavras, sempre nos alerta que o limite limita o fazer profissional.

No sentido de que, às vezes, a idade cronológica não define comportamento, infância e adolescência, vemos que estes são termos que andam juntos. O desenvolvimento cognitivo nem sempre acompanha o desenvolvimento físico, cultural, social, por isso devemos pensar em ‘desenvolvimentos’ atrelados a ‘infâncias’ e ‘adolescências’. Desenvolvimentos infâncias-adolescências das e dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa.

Ao questionar o porquê de o termo adolescência ter sido criado, a história nos aponta para o mercado de trabalho. Na revolução industrial, séc. XX, as crianças foram inseridas no mercado ‘do trabalho’, diversos podem ser os motivos, mas o que sabemos hoje que, minimamente, foi um período de muita crueldade. Complementação na renda familiar e mão de obra mais barata são as explicações mais comuns de serem encontradas em registros da época. Com o advento das legislações mundiais, ONU mundialmente e, no Brasil, ECA, na proteção da criança pós-revolução industrial, com a aparente força física daqueles que eram mais desenvolvidos e a necessidade de mercado, surge a adolescência? Eis a questão. Neste primeiro capítulo, Zaniani (2018, p. 23) nos informa a sua concepção/conceituação. Destacamos a seguir:

Infância e adolescência são conceitos que se complementam. Não são categorias universais e enquanto construções histórico-sociais-sociais não podem ser estudadas sem que se considere que, se podemos demarcá-la biologicamente, dividindo-as em períodos da vida (ou fase, ou estágio), psicológica e socialmente, não podemos submetê-las a essa mesma divisão.

Justifica: “não nega que o aparato biológico e orgânico seja o ponto da qual parte inicialmente o desenvolvimento humano, mas entende que esse aparato é superado a partir da apropriação da cultura material e imaterial” (Zaniani, 2018, p. 23). A cultura, para ela, é fator determinante ao definir infância“S” e adolescência“S”.

O Capítulo 2, Adolescência e ato infracional: uma leitura, foi escrito por Juliana Biazze Feitosa⁹. Ela, em sua introdução, alerta: “parte significativa dos adolescentes em situação de conflito com a lei possui histórias de vida marcadas pelo não acesso aos direitos fundamentais, previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente” (Feitosa, 2018, p. 31).

⁹ Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, especialização em Saúde Mental, Psicopatologia e Psicanálise pela PUCPR e em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mestra e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Higiene Mental e Eugenia – GEPHE/UEM. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Políticas Públicas e Socioeducação.

Nitidamente, este capítulo é dedicado aos adolescentes em conflito com a lei, ao qual questionamos: adolescências excluídas socialmente? Feitosa (2018) aponta que o adolescente em conflito com a lei não é somente o pobre, porém passa a ser estigmatizado pela sociedade: “os adolescentes burgueses também cometem infrações [...], dificilmente cumprem medidas privativas ou restritivas de liberdade [...]; sequer são representados juridicamente ou são formalmente conhecidos” (Feitosa, 2018, p. 32-33). Segue um excerto:

[...] à produção da violência cometida por adolescentes se pautam principalmente na ausência de políticas públicas direcionadas a este público-alvo, a saber: a educação integral; descontinuidade de gestores públicos; lares desfeitos; falta de disciplina, principalmente no seio familiar; influencia do grupo delinquente e fatores econômicos; ou seja, não parece ser compreendida enquanto um processo histórico, dialético e complexo (Feitosa, 2018, p. 33).

Ainda esclarece: “a sociedade, em geral, além de se omitir frente a violação de direitos vivida por este segmento social, tem exigido do poder público punição e exclusão” (Feitosa, 2018, p. 34) e finaliza pontuando que a sociedade “propõem a redução da maioria penal e/ou o aumento do tempo da internação socioeducativa” (*ibidem*). Feitosa (2018) evidencia as mazelas que circundam os(as) adolescentes que cumprem medida socioeducativa no Brasil. Ela informa que existe tratamento diferentes entre o(a) adolescente desfavorecido(a) financeiramente e o(a) abastado(a), uma seletividade, em suas palavras, como também revela a falha da sociedade em seus julgamentos ao ocultar sua responsabilidade sobre eles, um aparente desconhecimento sobre sua legislação. O Artigo 227 da CF (1988) é claro ao afirmar que é dever primeiramente da família, em seguida da sociedade, de assegurar prioritariamente ao adolescente condições básicas ao seu desenvolvimento integral e de colocá-lo a salvo de qualquer negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Com essas afirmativas reveladas por Feitosa (2018), a sociedade se isenta de suas falhas. Esta dissertação tem por objetivo social esmerar-se sobre os objetivos da socioeducação estabelecidos no SINASE, Artigo 1º, § 2º.

No Capítulo 3, Perfil do adolescente autor de ato infracional no estado do Paraná, os autores são: Marcela Guedes Carsten da Silva¹⁰, Flávia Palmieri de Oliveira Zilio¹¹

¹⁰ Graduada em Direito pelo Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA) em 2015. É especialista em Criminologia e Política Criminal pelo Instituto de Criminologia e Política Criminal (2016-2017). Pós-graduanda pela UEPG em Políticas Públicas e Direitos Humanos (RESTEC-2017/2019). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná.

¹¹ Graduada em Direito pelo Centro Universitário Unicuritiba (2012) e em Psicologia pela Universidade Positivo (2017). Mestra em Psicologia Forense pela Universidade Tuiuti do Paraná (2015). Tem

e Alison Adalberto Batista¹². Como o próprio título informa, “adolescência infratora”, o capítulo traça o perfil dos(as) adolescentes da socioeducação do estado do Paraná por meio do *Business Intelligence* – BI. Uma ferramenta do estado e utilizada pelo setor público que sistematiza e quantifica os dados dos(as) adolescentes que são inseridos(as) na socioeducação via Sistema de Medidas Socioeducativas – SMS¹³, conforme descrição: “sistema que converte as informações em conhecimento estratégico, auxiliando na tomada de decisões e aprimoramento da gestão pública” (2018, p. 43).

Pelo BI, é possível conhecer e compreender o perfil sociodemográfico dos(as) socioeducandos(as), suas jornadas educacionais e alguns dos seus comportamentos, no entanto não é uma base de dados de acesso livre; somente algumas pessoas têm acesso ao sistema. Silva, Ziliotto e Batista (2018, p. 43) clarificam:

Estes dados são transformados em indicadores úteis para aprimorar o planejamento e auxiliar na tomada de decisões. Desde sua criação, este sistema vem sendo aperfeiçoado com dados coletados pelo SMS, sendo capaz de informar, conforme o recorte desejado, dados socioeconômicos e educacionais dos(das) adolescentes. É por meio desta ferramenta que o DEASE extrai o perfil dos(das) adolescentes que, atualmente estão em atendimento nas unidades socioeducativas.

De acordo com este capítulo e as informações que os autores coletaram no BI em 9 de agosto de 2018, o estado, naquele momento, atendia 1.000 adolescentes, dentre a maioria meninos (93,50 %) – e meninas apenas 6,50 % –, distribuídos entre as 27 unidades socioeducativas de restrição e privação de liberdade (9 Casas de semiliberdade e 18 CENSEs). Esses dados são importantes para direcionar e aprimorar os diversos trabalhos desenvolvidos no sistema, como revelar lacunas que devem ser preenchidas. Os dados catalogados e alimentados no sistema também servem como observatório para os órgãos fiscalizadores, a exemplos: o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – CONANDA e o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescentes – CEDCA/PR, por isso é imprescindível o SMS estar atualizado pelas Unidades Socioeducativas.

experiência em Psicologia e Direito, com ênfase em psicologia forense, psicologia clínica e políticas públicas e socioeducação.

¹² Graduado em Sistemas de Informação pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus* Ponta Grossa (2008). Tem experiência na área de Ciência da Informação.

¹³ Sistema informatizado socioeducativo onde estão registradas todas as informações (saúde, dados pessoais, educacional, familiar) e fluxo do cotidiano dos(as) adolescentes que cumprem medida socioeducativa de restrição ou privação de liberdade; para aqueles ou aquelas que cumpriram alguma das duas medidas, ficam seus históricos.

Os autores Silva, Ziliotto e Batista (2018, p. 56) fazem as seguintes considerações: “O drama dessa juventude perdida, visto que são os(as) que mais morrem [...] os dados informados pelo Departamento, são fundamentais para o planejamento e monitoramento das políticas públicas”. Ademais, enfatizam: “A letalidade da juventude, cada vez mais evidenciada pelos documentos que tratam criticamente a segurança pública e a violência, indica como se está lidando com as gerações futuras” (*ibidem*):

Se a maior parte dos(as) adolescentes que estão em atendimento encaixam-se dentro deste perfil potencialmente mais sensível à letalidade violenta, deve-se ter em mente que o trabalho socioeducativo vai muito além do ato infracional, sendo necessário trabalhar questões estruturais que levam à sua institucionalização (Silva; Ziliotto; Batista, 2018, p. 56).

Diante da explanação de Silva, Ziliotto e Batista (2018), foi acrescentada uma fase do desenvolvimento humano como adolescente que cumpre medida socioeducativa: a juventude; com isso, adicionamos a esta dissertação que os(as) adolescentes inseridos(as) no Sistema Socioeducativo têm como peculiar a fase de suas vidas: ‘infâncias-adolescências-juventudes’. Ante a compreensão apresentada, cabe a nós, profissionais da educação e socioeducação, a elucidação das peculiaridades dessa concepção que se clarifica.

O último capítulo a ser analisado, 4 – Privação de liberdade e criminalização de adolescentes, foi escrito por Luciana Pavowski Franco Silvestre¹⁴. Tal capítulo faz um diálogo direto com o primeiro. Silvestre (2018, p. 66) pede cautela ao “etiquetamento de indivíduos portadores de determinadas características que passam a ser criminalizados e que vêm ocupando os espaços de encarceramento”. Complementa:

Indicadores que reforçam os estigmas em torno da violência presente na vida destes adolescentes, que são enfatizados, seja quando envolve **a morte** ou a prisão de mais um adolescente, mostrando o quanto a teoria do etiquetamento se faz presente e determinante diante das características geradas pelas consequências das situações de risco vividas por eles, às quais passam a ser acrescentadas a prática de atos infracionais e passagem reiteradas pelo Centro de Socioeducação (Silvestre, 2018, p. 66, grifos nossos).

Silvestre (2018, p. 65) também expõe: “muitas vezes, somente a partir da prática do ato infracional é que o Estado se faz presente diante dos adolescentes”. Conforme salientado em parágrafos anteriores, o Artigo 227 da CF (1988) esclarece, primeiramente, o dever da família e, em seguida, da sociedade, porém ele não se encerra somente com a família e a sociedade. A tríade complementar a essa responsabilização com os(as) adolescentes brasileiros é o Estado.

¹⁴ Graduada em Serviço Social pela UEPG; Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG; Assistente Social do CENSE de Ponta Grossa.

Ao constar esse fato e a afirmativa dela de que o Estado se faz presente na vida dos(as) adolescentes somente a partir da prática infracional, outra omissão é revelada. Diante disso, falhas conjuntas foram exercidas com esses adolescentes anteriores à sua medida socioeducativa.

A primeira falha veio da família, que, muitas vezes, não tem a estrutura satisfatória para com seus filhos. Assim, essa responsabilidade é questionável. Pode-se dizer que as famílias são o “tendão de Aquiles” da sociedade, por serem fragilizadas pelo sistema que as deixam em mazelas sociais e sem condições palpáveis de mudanças no seu *status quo*, ignoradas em direitos básicos e desprezadas em prioridades. Já sobre a falha da sociedade, cobra-se muito e faz pouco. O exemplo está na afirmação de Feitosa (2018) de que a sociedade se omite nas questões da socioeducação. Exigem-se punição e exclusão dos adolescentes infratores, sem conhecimentos aprofundados, juízos de valores morais sem reflexão e superficiais em conclusões; seus conceitos precisam ser revistos. Finalizando com a falha do Estado, e sem abstenção da hipocrisia, ele não dá conta de tudo, mas não é justificativa para negligências e omissões. Providências na base são para ontem, diante a elas e sua assertividade contendo situações as quais possam mais adolescentes serem inseridos no sistema socioeducativo. O início precisa ser na prevenção.

Foram observadas algumas palavras soltas nos 4 (quatro) capítulos dos cadernos socioeducativo que, juntas, compõem o campo semântico ‘crianças-adolescentes-juventudes’ em cumprimento de medida socioeducativa em atenção às suas subjetividades e que podem justificar o entendimento da frase citada no ECA, “fase peculiar de desenvolvimento”; são elas: singular, particular, específica, singularidade, distintas, momentos da vida, singularidades, cuidados, experienciar, transição, transformação, periodização.

Na fase da adolescência, sabe-se que há uma eclosão hormonal, com muitas transformações corporais (físicas), descobertas sexuais e muita energia. Nessa fase da vida, os jovens precisam estar praticando esportes, estudando, descobrindo a vida, a preparação para o mercado de trabalho é importante para a formação individual e social, mas se seguirem a construção social pela visão do mercado, eles(as) podem ser ‘engolidos(as)’ e negligenciados(as) em suas reais necessidades. Assim como brincar está para a criança, as experimentações estão para os(as) adolescentes.

Já as descobertas ocorrem ao longo da vida em todas as fases. Trata-se de uma Educação Permanente.

2.2 REVISÃO INTEGRATIVA

Segundo Costa e Zoltowski (2014, p. 56), uma revisão sistemática visa “maximizar o potencial de uma busca, encontrando o maior número possível de resultados de uma maneira organizada”. No entanto, ela busca somente artigos. Este trabalho expande as buscas para outros meios de difusão científica, por isso se caracteriza como revisão integrativa. Seguindo a didática dos 8 (oito) passos informados por Costa e Zoltowski (2014), acreditamos na completude deles e na maximização dos estudos científicos publicados; são a inspiração para a revisão integrativa das buscas nas bases de dados eletrônicas desta pesquisa. Os passos são descritos na seguinte ordem:

1. delimitação da questão a ser pesquisada;
2. escolha das fontes de dados;
3. eleição das palavras-chave para a busca;
4. busca e armazenamento dos resultados;
5. seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão;
6. extração dos dados dos artigos selecionados;
7. avaliação dos artigos;
8. síntese e interpretação dos dados (Akobeng, 2005) (Costa; Zoltowski, 2014, p. 56).

Conforme orientado por Costa e Zoltowski, a primeira coisa a se fazer é a delimitação da questão a ser pesquisada, que, para realização desta pesquisa, foi: ‘Quais são os trabalhos desenvolvidos na área da educação do Brasil em que a morte faz alguma relação com a fase do ciclo de vida à adolescência, com o sujeito adolescente, com o sistema socioeducativo e com a teoria da Representação Social?’. Queremos compreender se esses assuntos relacionados são pautas científicas nas bases científicas, especificamente nas de educação e, conseqüentemente, o levantamento do desenvolvimento das pesquisas.

Para atender ao segundo passo, os bancos de dados definidos para a busca foram a *Scientific Electronic Library Online* – SciELO; a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD; a *Educational Resources Information Center* – ERIC; Revistas Científicas de América Latina Y el Caribe; España y Portugal – REDALYC; SCOPUS (Elsevier) e *Web of Science*¹⁵. Seguindo essa ordem nas buscas, as duas primeiras foram acessadas diretamente em seus *links*.

¹⁵ Esta foi a ordem de escolha, a qual será adotada ao longo do desenvolvimento da revisão.

Já as outras quatro bases foram acessadas por meio no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, utilizando a Comunidade Acadêmica Federada – CAFE (2022e); *login* de estudante da UFPR. Ao decidirmos pelas escolhas das bases eletrônicas, compreendemos que essas são as mais difundidas nacionalmente no âmbito educacional.

No passo 3, delimitaram-se as palavras-chave para a realização das buscas, elencando as seguintes: morte, por ser a essência da pesquisa; adolescência, a fase de desenvolvimento do público a ser pesquisado; adolescente, os participantes da pesquisa; socioeducação, o sistema onde os participantes cumprem suas medidas socioeducativas (restrição ou privação de liberdade); e representação social, a teoria que a embasa esta pesquisa. De acordo com Costa e Zoltowski (2014, p. 61):

As palavras-chave sintetizam os conceitos ou as variáveis principais investigados em determinado estudo. Perceba que para selecionar os artigos para a revisão sistemática, as palavras-chave precisam ser sensíveis o suficiente para acessar adequadamente o fenômeno, indicando um número representativo de trabalhos. Porém não podem ser sensíveis demais, retornando muitos resultados, inviabilizando o projeto de revisão. Uma maneira de definir as palavras-chave é procurá-las em thesaurus ou banco de terminologias. O objetivo principal da utilização de um banco de terminologias é a realização de uma busca rápida e bem-sucedida de publicações acadêmicas.

Com o intuito de atender às instruções dos autores, a sensibilidade das palavras foi verificada em 3 (três) bancos de terminologias: Thesaurus ERIC, Thesaurus UNESCO e Thesaurus INEP¹⁶. O Quadro 2 apresenta os sinônimos/as palavras descritoras encontradas nos bancos de terminologia, em uma busca com palavras-chave.

QUADRO 2: PALAVRAS DESCRITORAS ENCONTRADAS NOS BANCOS DE TERMINOLOGIA, EM UMA BUSCA COM PALAVRAS-CHAVE

BANCOS DE TERMINOLOGIA	PALAVRAS-CHAVE	RESULTADOS/DESCRITORAS
THESAURUS ERIC	Morte	Nada encontrado
	Adolescência	Nada encontrado
	Adolescente	Nada encontrado
	Socioeducação	Nada encontrado
	representação social	Nada encontrado
THESAURUS UNESCO	Morte	Nada encontrado
	Adolescência	Nada encontrado
	adolescente	1. Brecha generacional 2. Delincuencia juvenil

¹⁶ Não há uma uniformização na grafia para os bancos de terminologias.

		<ol style="list-style-type: none"> 3. Estudante 10niversitário 4. Estudante 5. Psicología del adolescente 6. Pubertad
	socioeducação	Nada encontrado
	representação social	Nada encontrado
THESAURUS INEP	morte	<ol style="list-style-type: none"> 1. Educação para morte (Sentido da Morte) 2. Morte (Crescimento Humano) 3. Sentido da Morte (Sentido da Vida)
	adolescência	<ol style="list-style-type: none"> 1. Adolescência (Grupo Etário) 2. Educação Média (Educação Escolar Básica) 3. Gravidez na Adolescência (Gravidez) 4. Pré-adolescência (Adolescência) 5. Psicologia da Adolescência (Psicologia do Desenvolvimento) 6. Puberdade (Adolescência) 7. Sociologia da Juventude (Função Social da Educação)
	adolescente	<ol style="list-style-type: none"> 1. Adolescente (Psicologia da Adolescência) 2. Adolescente em conflito com a lei (Delinquência Juvenil) 3. Comportamento do Adolescente (Psicologia da Adolescência) 4. Percepção do Adolescente (Psicologia da Adolescência)
	socioeducação	Nada encontrado
	representação social	<ol style="list-style-type: none"> 1. Imaginário Social (Atitudes Sociais) 2. Percepção Social (Iniciação Social) 3. Representação Social (Modelo Social)

FONTE: elaboração própria (2022).

De acordo com o Quadro 2, observa-se que o banco de terminologia Thesaurus ERIC (2020) não apresentou nenhum resultado para as palavras. Em consonância com os resultados apresentados nas 5 (cinco) palavras-chave, elas não refletem resultados, não configuram nenhuma outra forma de referência e/ou sinônimos, ao menos nesse banco.

Já no banco de terminologias do Thesaurus UNESCO (2022), uma das palavras-chave apontou ser mais sensível que as outras. A palavra adolescente teve como resultado na consulta 6 (seis) outros sinônimos; entretanto, as outras não tiveram

nenhum resultado. Informamos que, nesse Thesaurus, os resultados são em espanhol, a escolha foi devido à familiaridade da língua e ao seu maior domínio. As opções de interface do *site* são em inglês, francês, espanhol, árabe e russo.

Finalmente, ainda de acordo com o Quadro 2, no terceiro banco de terminologias – Thesaurus INEP (2022) –, considerado um dos mais utilizados para tal procedimento, os resultados foram diferentes dos outros dois bancos, e houve um contraponto com o da UNESCO. A única palavra-chave sem resultado foi a socioeducação, demonstrando o quão pouco relacionada nas pesquisas científicas ela ainda é ou, até mesmo, desconhecida. Já a adolescência obteve 7 (sete) resultados, sendo ela a que mais apresentou sinônimos, dentre aqueles que mais chamam atenção, cita-se “Gravidez na adolescência”, em que duas questões são pertinentes: seria esse um fenômeno comum nessa fase do ciclo vital? A gravidez está atribuída ao adolescente ou à adolescente? Duas questões provocativas que carecem de investigações para serem desveladas.

A segunda palavra-chave com o maior número no seu resultado foi adolescente, e outro sinônimo se destaca devido ao seu teor: “Adolescente em conflito com a lei”. Seria esse um padrão para todos os(as) adolescentes? Esse termo é utilizado na socioeducação brasileira para designar aqueles e aquelas que estão cumprindo alguma medida socioeducativa.

As outras duas palavras, morte e representação social, tiveram 3 (três) resultados cada – e nenhuma delas destoando em significados. De certa forma, elas seguem um padrão semântico condizente com as suas essências. Morte no sentido da própria morte, também no sentido de vida e crescimento humano, ambas ligadas ao ciclo da vida. Representação social, referindo-se a atitudes, iniciação e modelo social. Criaram-se 5 (cinco) *strings* para a pesquisa. Conforme instruem Costa e Zoltowski (2014), são os descritores ligados a um booleano, seja ele *OR*, *NOT* ou *AND*. Utilizando o booleano *AND*, pois ele tem o propósito da ligação entre dois ou mais descritores, foram compostas as seguintes *strings* para essa revisão: “morte *AND* adolescência *AND* adolescente *AND* socioeducação *AND* “representação social”; morte *AND* adolescência; morte *AND* adolescente; morte *AND* socioeducação; e morte *AND* “representação social”. Costa e Zoltowski (2014) esclarecem que uma *string* tem por objetivo a unificação da pesquisa nas bases eletrônicas, com isso restringindo a busca ou a sua ampliação.

Para a realização das buscas nos bancos de dados, foi necessário definir critérios de inclusão e exclusão. A periodização dos trabalhos foi de 2012 a 2022, são 10 anos de pesquisas, e 2012 é o ano de implantação da lei específica que regulamenta a execução das medidas socioeducativas no Brasil e institui o SINASE; trabalhos desenvolvidos na área educacional; estar em linguagem português brasileiro; e no e do Brasil. Após as buscas nos bancos de dados, eles eram refinados pelos filtros disponíveis em cada plataforma – os que não se enquadraram nos critérios de inclusão foram excluídos.

QUADRO 3: PESQUISAS NOS BANCOS DE DADOS

PALAVRAS-CHAVE/DESCRITORAS/STRIGS	SciELO	BDTD	ERIC	REDALYC	SCOPUS	WEB OF SCIENCE
Morte	40	23	0	2.503	0	1
Adolescência	43	32	0	1.046	0	1
Adolescente	80	122	0	3.159	0	3
Socioeducação	2	13	0	24	0	0
“representação social”	71	109	0	417	0	0
morte AND adolescência AND adolescente AND socioeducação AND “representação social”	0	0	0	0	0	0
morte AND adolescência	0	1	0	245	0	0
morte AND adolescente	0	2	0	618	0	0
morte AND socioeducação	0	0	0	9	0	0
morte AND “representação social”	0	1	0	74	0	0
TOTAL	236	303	0	8.095	0	5
TOTAL GERAL	8.639					

FONTE: elaboração própria (2022).

O primeiro banco de dados a ser pesquisado foi a SciELO, entre os períodos de 10 de abril de 2022 e 29 de maio de 2022, disponível em: <https://scielo.org/>. Ao todo, foram 236 resultados, distribuídos entre as buscas por palavras-chave/descriptors e as *strings*. Nesse banco, disponibilizam-se somente trabalhos do tipo artigo.

Já no banco de dados da BDTD, o resultado das buscas foi de 303 trabalhos científicos, entre dissertações e teses. A pesquisa foi realizada em 29 de maio de 2022, disponível em: <https://bdtb.ibict.br/vufind/>.

Na base de dados ERIC, foram encontrados 3 (três) trabalhos, sendo 2 (dois) com a palavra-chave morte e 1 (um) com a palavra adolescente. Ao seguir os critérios de inclusão e exclusão para as buscas, todos foram excluídos, tendo em vista que os 3 (três) estavam escritos em língua inglesa, em consequência, nenhum resultado encontrado. Pesquisa realizada em 23 de junho de 2022, disponível em: <https://eric.ed.gov/>.

Já na base de dados REDALYC, foram encontrados os maiores números de resultados, ao total foram 8.095 trabalhos científicos. Somente uma *string* está com “0”, porém, nas buscas, foram encontrados 2 (dois) resultados, excluídos por não serem da área da educação. Pesquisa realizada entre os dias 23 de junho e 23 de julho de 2022, disponível em: <https://www.redalyc.org/>.

O mesmo fenômeno que ocorreu na base ERIC aconteceu na base da SCOPUS. Nela, foram encontrados 3.669 trabalhos nas pesquisas realizadas, todos excluídos por não serem desenvolvidos na área da educação; o que se diferencia da ERIC é que os achados eram em outra língua que não o português brasileiro. A concentração dos estudos está na área da saúde. Selecionar o filtro da educação nem foi opção na plataforma da base, por ele não existir. Por isso, o Quadro 7 está sem nenhum resultado, mas refletindo a realidade dos dados para a pesquisa. Essa base é a comprovação de que há estudos, no entanto, não no campo educacional. Pesquisa realizada em 23 de junho de 2022, disponível em:

<https://www.copus.ez22.periodicos.capes.gov.br/search/form.uri?display=basic#basic>.

Na base de dados *Web of Science*, foram encontrados 5 (cinco) trabalhos nas buscas realizadas. A *string* morte AND adolescente obteve mais 1 (um) resultado, sendo excluído por ser em italiano. Pesquisa realizada em 23 de junho de 2022, disponível em: <https://www-webofscience.ez22.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc /basic-search>.

Os resultados entre as bases de dados demonstraram serem desproporcionais e pulverizados, enquanto uma delas apresentou 8.095, REDALYC, resultados relacionados à pesquisa da revisão integrativa, duas delas não obtiveram nenhum, como a ERIC e a SCOPUS. Incluímos outra base, *Web of Science*, que, em sua soma, 5 (cinco) trabalhos são o resultado da pesquisa. Para atender ao passo 4, após as buscas, todos os trabalhos foram armazenados em um computador particular do pesquisador, divididos por pastas primárias, bases de dados e subpastas secundárias, em palavras-chave ou *string* específicas. Os estudos/resultados estão concentrados em apenas 3 (três) das 6 (seis) bases de dados propostas nesta revisão. Buscar em outras bases seria complementação em busca da totalidade da resposta da questão definida. Essa busca é um extrato e apresentou uma lacuna entre as bases.

Ao final da pesquisa, encontraram-se 8.639 trabalhos. Observou-se que a palavra-chave/descriptor adolescente é o assunto mais pesquisado, seguido de morte e adolescência. Já entre as *strings*, a “morte AND adolescente” segue o padrão sobre os interesses predominantes. A área de menor número em pesquisas ficou com a

socioeducação, total de 39, sendo este um sistema de abrangência nacional, interseccional, com equipes multidisciplinares e atendendo a uma parcela considerável de adolescentes brasileiros, segundo o portal do Conselho Nacional do Ministério Público – CNMP (2019), 18.086 adolescentes cumprem medida socioeducativa de internação no Brasil. Em comparação estimativa do quantitativo de adolescentes vivendo no Brasil informado pelo Instituto Brasileiro Geografia e Estatística – IBGE (2022b), dos 215.093.201¹⁷, 15.318.916¹⁸ são de adolescentes, e, no Brasil, segundo o Portal do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, “tem mais de 26 mil adolescentes em unidades de restrição e privação de liberdade” (Brasil, 2018).

Chegamos ao passo 5, seleção de artigos pelo resumo, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Para esse momento, realizou-se a primeira triagem de inclusão e exclusão de trabalhos por meio dos títulos. Neles, deveriam constar uma das palavras-chave ou descritores resultantes das bases de terminologias; os trabalhos que não tiverem foram excluídos. Em seguida, a inclusão e a exclusão se deram pelos resumos, considerando apenas os trabalhos desenvolvidos pelo/para/no/do/com o sistema socioeducativo brasileiro, na privação e restrição de liberdade (meios fechados) e com foco no público atendido, adolescentes; os que não tiverem alguma dessas finalidades foram excluídos, assim como os trabalhos sem resumos. Por fim, foram excluídos os trabalhos repetidos na base e entre bases.

QUADRO 4: EXCLUSÕES: TÍTULO, RESUMO E REPETIDOS

Bases	Resultados totais das buscas	Excluídos pelo título	Total por base	Excluídos pelo resumo	Total por base	Excluídos pela repetição	Total por base
SciELO	236	120	116	113	3	1	2
BDTD	303	206	97	85	12	8	4
ERIC	0	0	0	0	0	0	0
REDALYC	8.095	7.487	608	591	17	13	4
SCOPUS	0	0	0	0	0	0	0
Web of Science	5	3	2	1	1	0	1
TOTAL	8.639	7.816	823	790	33	22	11

FONTE: elaboração própria (2022).

¹⁷ Consulta realizada no portal do IBGE, em 12/09/2022, às 11h35min.

¹⁸ Na faixa etária compatível com o ECA dos 12 aos 18 anos incompletos, na tabela do IBGE, a estratificação está entre os 15 a 19 anos.

Ao findar o passo 5 da revisão com um total de 11 trabalhos, recorreu-se aos passos 6, 7 e 8: extração; avaliação; e síntese e interpretação dos dados, em que chamaremos de fase 2. Esses passos foram realizados intrinsecamente, com os trabalhos dos 4 bancos que obtivemos resultados, SciELO, BDTD, REDALYC e *Web of Science*, de maneira a compor esta revisão.

QUADRO 5: TRABALHOS ANALISADOS E SUAS CARACTERÍSTICAS

ANO	REVISTA INSTITUIÇÃO	QUALIS ¹⁹ CONCEITO ₂₀	TÍTULO	AUTOR/A/ES/AS
SciELO				
2020	Movimento. Revista de Educação Física da UFRGS	B2	Esporte e lazer no plano individual de atendimento de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação	Ueliton Peres de Oliveira; Willian Lazaretti da Conceição; José Tarcísio Grunnenvaldt; Raul Angel Carlos Olivera; Riller Silva Reverdito
2020	Educação e Pesquisa	A1	Universo afetivo-semiótico de adolescentes em medida socioeducativa de internação	Gleicimar Gonçalves Cunha; Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira; Ângela Uchoa Branco
BDTD				
2012	Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Currículo e Formação de Professores da do Instituto de Ciências da Educação Universidade Federal do Pará	5	Representações sociais de adolescentes: ato infracional e projeto de vida	Marlene Feitosa de Sousa
2015	Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro	7	Escolarização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação: estudo bibliográfico	Aline Menezes de Barros
2015	Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de	5	Historiografia educacional e educação escolar para adolescente em situação de privação de liberdade	Geraldo Neves Pereira de Barros

¹⁹ Segundo a lista do novo Qualis CAPES (Brasil, 2022f).

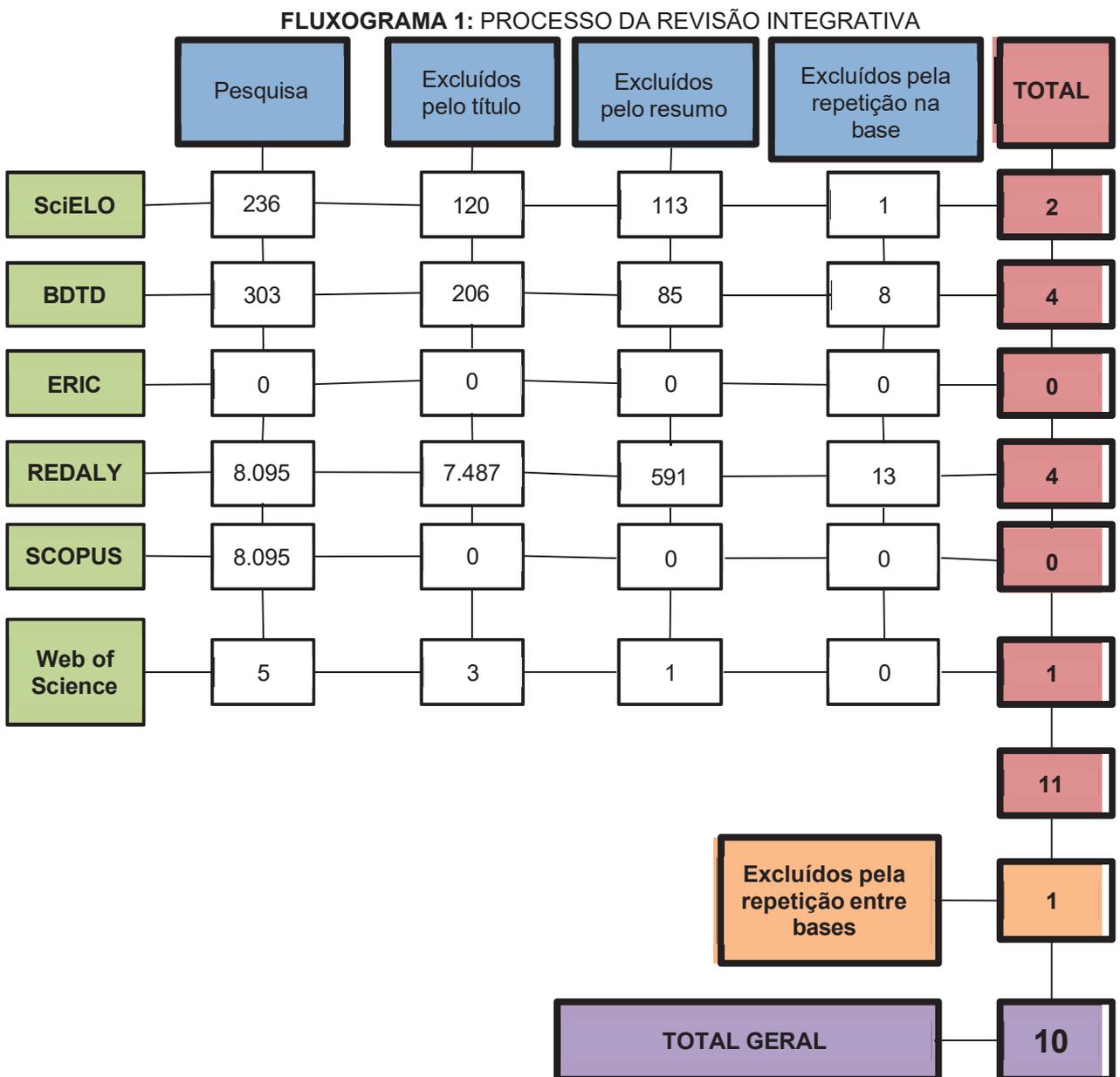
²⁰ Segundo Plataforma Sucupira (Brasil, 2022d). Nota do conceito do Programa de Pós-Graduação.

	Pesquisa Educação: Currículo, Epistemologia e História do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará		(1996-2013)	
2017	Tese do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Ciências em educação da Universidade Federal do Pará	5	Sistema punitivo e justiça restaurativa: os reflexos na escolarização e profissionalização na socioeducação	Riane Conceição Ferreira Freitas
REDALYC				
2014	EccoS Revista Científica	A3	Por uma ética de integridade e produção de sentidos na atenção a adolescentes infratores	Márcia Alves da Silva e Mirela Ribeiro Meira
2016	Revista de Educação PUC-Campinas	A4	O jogo do xadrez e a aprendizagem lúdica para adolescentes em ambiente socioeducativo	Luiz Nolasco de Rezende Júnior e Antônio Villar Marques Sá
2019	Revista de Educação PUC-Campinas	A4	Experiências escolares de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa	Renata Petry Brondani e Dorian Mônica Arpini
2020	Educação e Pesquisa	A1	Universo afetivo -semiótico de adolescentes em medida socioeducativa de internação	Gleicimar Gonçalves Cunha; Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira; Ângela Uchoa Branco
Web of Science				
2020	Olhares. Revista do Departamento de Educação – UNIFESP	B2	Socioeducação: desafios e brechas à justiça social	Willian Lazaretti da Conceição; Joana D'arc Teixeira; Rafael Garcia Campos

FONTE: elaboração própria (2022).

Para atender ao passo 7, que consiste na avaliação dos trabalhos, foram utilizados para as revistas seus Qualis da CAPES e, para as dissertações e teses, os conceitos/notas dos cursos/programas disponíveis na Plataforma Sucupira. Dentre os artigos, temos uma (1) revista de conceito A1, uma A3, uma A4 e duas B2; dentre as duas Universidades, uma com nota 7 e a outra com 5, sendo quatro (4) dissertações e uma (1) tese.

Ao cruzar os estudos entre as bases, foi identificada a repetição de trabalhos entre elas, por isso os consideramos apenas uma vez. O trabalho com o título “Universo afetivo-semiótico de adolescentes em medida socioeducativa de internação”, dos autores Gleicimar Gonçalves Cunha, Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira e Ângela Uchoa Branco, foi encontrado em duas bases: SciELO e REDALYC. Portanto, para fins de análise e atendendo ao passo 8, síntese e interpretação dos dados dos trabalhos, serão analisados ao todo dez (10) trabalhos, subdivididos em (4) quatro das (6) seis bases propostas para esta revisão. O Fluxograma 1 demonstra o processo de filtragem.



FONTE: elaboração própria (2022).

Ao analisar os anos de publicação dos trabalhos, a maior concentração está no ano de 2020, três, em seguida o ano de 2015, dois. Os demais anos (2012, 2014, 2016, 2017 e 2019) aparecem apenas com um trabalho publicado. E, nos anos de 2013 e 2018, nenhuma publicação.

Dos (10) dez trabalhos analisados, seis são artigos, três dissertações e uma tese. As origens, estados brasileiros, dos textos e/ou autorias são: Pará, cinco vezes; Brasília, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, duas vezes; e São Paulo e Rio de Janeiro, uma vez. Ademais, as regiões brasileiras: Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Ressalta-se que não tem nenhum trabalho do estado do Paraná, lócus desta pesquisa.

Não obstante, todas as pesquisas foram lidas, analisadas e reinterpretadas, em seguida, individualmente sistematizadas em forma de quadros padronizados. A estratificação das informações de cada trabalho segundo os respectivos autores e as reflexões que ocorreram no decorrer de cada estudo se encontram no Quadro 6. Enfatiza-se que elas estão dispostas na mesma ordem que foram apresentadas, no Quadro 5.

QUADRO 6: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 01

Autores	Uelinton Peres de Oliveira; Willian Lazaretti da Conceição; José Tarcísio Grunnenvaldt; Raul Angel Carlos Oliveira e Riller Silva Reverdito.
Título	Esporte e lazer no plano individual de atendimento de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação
Ano	2020
Tipo	Artigo
Instituição	Universidade Federal de Mato Grosso; Universidade Federal do Pará e Universidade do Estado de Mato Grosso.
Programa	Não especificado.
Objetivo	Compreender o acesso ao esporte e lazer de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação no Estado do Mato Grosso.
Problema	O adolescente em conflito com a lei estaria fadado ao acesso às políticas de esporte e lazer somente a partir da aplicação da medida socioeducativa?
Método	Pesquisa documental de abordagem qualitativa.
Teoria	Não especificado.
Participantes	Adolescentes com idades entre 14 e 17 anos, dos sexos feminino e masculino.
Lócus	7 Centros de Atendimento Socioeducativo (CASE) no Estado do Mato Grosso.
Período	2017 e 2018.

Instrumento de coleta de dados	Analisaram 36 Planos Individuais de Atendimento (PIAs) dos adolescentes que cumpriam medida socioeducativa de internamento.
Análise dos Dados	Os dados relacionados aos eixos esporte e lazer foram analisados através da análise de conteúdo de Bardin, do tipo categorial.
Destaques	Revelam que 44,44% dos adolescentes nunca praticam nenhum tipo de esportes antes das suas medidas socioeducativas, as principais justificativas são a falta de acesso a espaços e equipamentos de esporte nas suas comunidades, envolvimento com a criminalidade e a falta de interesse na prática de esportes. Já sobre as vivências de lazer, as cinco principais manifestações são: 27,78%, banho de rio; 22,22%, jogar bola na rua; 19,44%, não reconhece nenhuma atividade; 16,67% festas noturnas; e 13,89%, videogame.
Considerações finais	Conclui-se que o cumprimento da medida socioeducativa de internação propiciou maior acesso aos espaços, equipamentos e conteúdo de esporte e lazer aos adolescentes, se comparado com suas vivências anteriores à aplicação da medida. Aponta que há escassez de políticas de atendimento intersetorial ao adolescente. E, afirmam que esporte e lazer em suas múltiplas dimensões, [...] poderão oferecer aos jovens a oportunidade para mudar o curso de suas vidas e dos ambientes em que estão inseridos.

FONTE: elaboração própria (2022).

O estudo elucidado por meio do Quadro 6 expressa a negligência e falta de políticas públicas de atendimento ao adolescente em situação de vulnerabilidade social. Fica evidente que, se existissem prevenção e oportunidades, possivelmente, esses e outros adolescentes não estariam inseridos no sistema socioeducativo. Oportunidades diversificadas constituem um dos caminhos.

Cada adolescente tem por necessidade básica as vivências com o lazer, com a cultura e com os esportes para o seu desenvolvimento integral, principalmente no que se refere à sua cognição, desenvolvimento físico e relações interpessoais. Estar inseridos em espaços onde ocorrem tais manifestações é algo que deveria ser natural. Os estudos sociais referentes à cultura, esporte e lazer deveriam ser para revelar novidades aos adolescentes e jovens e não estar cobrando das instituições a oferta deles.

QUADRO 7: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 02

Autoras	Gleicimar Gonçalves Cunha, Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira e Ângela Uchoa Branco
Título	Universo afetivo-semiótico de adolescentes em medida socioeducativa de internação
Ano	2020
Tipo	Artigo
Instituição	Universidade de Brasília
Programa	Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Escolar,

	Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento e Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.
Objetivo	Promover interações sociais pautadas no respeito mútuo, com vistas à construção de uma cultura de paz e de valorização do ser humano.
Problema	Que efeitos a criminalização, também presente na cultura das instituições do sistema de socioeducação, provoca sobre as autoimagens e as trajetórias de desenvolvimento de adolescentes infratores? Como uma Unidade de Internação pode colaborar com o processo de subjetivação do adolescente em medida socioeducativa, favorecendo o desenvolvimento de uma nova compreensão de si e do mundo que o cerca, de sua autonomia e inclusão social, estando ele exposto ao aniquilamento de sua singularidade e sendo ele concebido como um criminoso não apenas porque cometeu um ato infracional, mas, antes, por ser adolescente, pobre e morador da periferia?
Método	Rodas de conversas, dividida em 3 (três) grupos. Os temas partiam dos interesses dos participantes, estimulados por dispositivos favoráveis ao diálogo coletivo, como: música, documentários, relatos de história de vidas.
Teoria	Elaboração teórica inspirada em pressupostos da criminologia crítica, em especial no conceito de criminalização da pobreza, e de contribuições da psicologia cultural, foi analisado o universo afetivo-semiótico.
Participantes	18 adolescentes homens, sendo 3 (três) menores de idade e o restante entre 18 e 21 anos. Exceto 1 todos os outros residiam em bairros periféricos e apenas 2 (dois) cursando o Ensino Médio.
Lócus	1 unidade de internamento no Distrito Federal/Brasil.
Período	Segundo semestre de 2017.
Instrumento de coleta de dados	Materiais produzidos em cada encontro, os registros.
Análise dos Dados	Inspirado na proposta de Barbato, Mieto e Rosa (2016)
Destques	Informam que a criminalização da pobreza é tomada como um conceito relevante para compreensão do capitalismo mundial, na contemporaneidade, e sua interdependência aos ditames neoliberais e à atitude repressiva do Estado perante as populações empobrecidas. Relatam sobre a ambiguidade dos adolescentes que cometem atos infracionais, coexistência de, pelo menos, dois sistemas de crenças – um que criminaliza e outro que vitimiza o adolescente.
Considerações finais	Nessa semiosfera, os signos indiciaram crenças depreciativas e condenatórias. As rodas de conversa revelaram-se espaços favoráveis à superação do estigma de bandido que a criminalização da pobreza, em particular do adolescente pobre, impõe sobre o jovem alcançado pela justiça. Dizem que empoderar e capacitar, continuamente, os profissionais da socioeducação é condição para mediar o desenvolvimento dos socioeducandos e ressignificar seus estigmas que podem ter sua gênese no entendimento raso da sociedade. E que o diálogo deve ser uma prática cotidiana, uma vez que as narrativas podem ser fator de transformação, isso dentro de um ambiente respeitoso e acolhedor.

FONTE: elaboração própria (2022).

Já o segundo e último artigo da base do SciELO, também disponível na REDALYC e disposto no Quadro 7, revelou um fragmento direto com o objetivo geral desta

dissertação, ao qual aqui é compartilhado. Muito importante esse diálogo entre os trabalhos, para relatar e justificar a importância do aprofundamento do assunto morte na ciência educacional sob as perspectivas desses adolescentes. Segue na íntegra:

O receio de morrer, retratado pelos adolescentes em associação à morte de alguns familiares, também sinaliza o quanto a família é importante para eles: “Meu maior medo é perder mais alguém da minha família e perder a vida”; “[...] meu primo morreu”; “Coloquei em minhas tristezas de não estar com a família e ter perdido meu pai e não ir no enterro dele”; “Eu não me dava bem com meu pai, mas quero vingar a morte dele” (Cunha; Oliveira; Branco, 2020, p. 11).

O artigo, Universo afetivo-semiótico de adolescentes em medida socioeducativa de internação (2020), assim como o anterior do Quadro 6, denuncia a negligência da sociedade e do Estado para com os adolescentes em situação de vulnerabilidade, uma vez que direitos fundamentais foram negados, sendo eles considerados as primeiras vítimas sociais. O trabalho revela o que muitos pensam sobre os adolescentes que estão cumprindo medida socioeducativa, principalmente os privados de liberdade, todos estereotipados como sendo ‘marginais’ e ‘bandidos’. Tais estigmas são perigosos, pois revelam a negação de direitos que esses adolescentes sofreram e sofrem em suas histórias de vida, as oportunidades que nunca lhes foram concedidas, seus contextos de vidas descontextualizados e a falta de medidas preventivas e políticas públicas eficazes.

Os trabalhos encontrados na base BDTD são dissertações e teses, mais densos em comparação aos artigos. Seguem-se nos Quadros 8, 9, 10 e 11.

QUADRO 8: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 03

Autora	Marlene Feitosa de Sousa
Título	Representações sociais de adolescentes: ato infracional e projeto de vida
Ano	2012
Tipo	Dissertação
Instituição	Universidade Federal do Pará
Programa	Programa de Pós-Graduação em Educação
Objetivo	Analisar as representações sociais das adolescentes, da faixa etária de 13 a 18 anos incompletos, que cumprem medida socioeducativa de internação e semiliberdade no Centro Socioeducativo Feminino (CESEF), e as implicações nos seus projetos de vida.
Problema	Quais as representações sociais das adolescentes sobre a socioeducação que cumprem em unidade de internação e as implicações nos seus projetos de vida?
Método	Abordagem Qualitativa, descritiva e interpretativa.
Teoria	Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) e Jodelet (2001).

Participantes	6 adolescentes cumprindo medidas socioeducativas de internação e semiliberdade
Lócus	Centro Socioeducativo Feminino - CESEF do Estado do Pará.
Período	De 17/11 a 23/12/2011 análise documental, 07/12/2011 a 13/01/2012 observações e 07 a 11/01/2012 entrevistas.
Instrumento de coleta de dados	Entrevistas com roteiro semiestruturado e conversas informais, observação in loco com registros em diário de campo e análises de documentos
Análise dos Dados	Análise de conteúdo de acordo com a abordagem de Franco (2003) e Minayo (1994).
Destaques	<p>“[...] as práticas prescritas no ECA parecem não ser cumpridas em grande parte pelas instituições do sistema socioeducativo. (p. 98)</p> <p>“[...] até os 17 anos as adolescentes do sexo feminino estão cometendo atos infracionais, enquanto que os meninos ultrapassam essa idade.” (p. 105)</p> <p>“[...] em relação à cor da pele, que há prevalência de adolescentes e jovens pretos cumprindo medida socioeducativa no Estado.” (p. 107)</p> <p>“Ao analisarmos o nível de escolaridade das adolescentes, verifica-se que todas se encontram em defasagem idade/série”(p. 111)</p> <p>“observamos que a maior incidência de cometimento de ato infracional está justamente naquelas que não trabalham e não estudam, o que estamos chamando de ociosidade.” (p. 114)</p> <p>“[...] as políticas públicas voltadas para as adolescentes e jovens são restritas [...]”. (p. 121)</p>
Considerações finais	As representações sociais das adolescentes sobre a socioeducação e as implicações nos seus projetos de vida se constituem em torno da medida disciplinar. Que por sua vez se consolidou ao longo do processo histórico das medidas socioeducativas.

FONTE: elaboração própria (2022).

A dissertação, *Representações sociais de adolescentes: ato infracional e projeto de vida –* disposta no Quadro 8 –, revelou que os meninos cometem mais atos infracionais dos que as meninas, que suas escolarizações estão em defasagem, que o adolescente em cumprimento de medida socioeducativa é o preto, que a ociosidade é um dos maiores potencializadores para prática do ato infracional e que há uma restrição das políticas públicas.

Sousa (2012) nos despertou curiosidade, ao revelar que o sistema estadual socioeducativo paraense tem apenas 1 (uma) unidade dedicada ao público feminino, isso inclui a restrição e privação de liberdade, apenas um espaço/prédio para as duas medidas socioeducativas, ao menos até aquele ano. Em comparação ao estado do Paraná, são 2 (duas) unidades em 2022, momento da realização da pesquisa, sendo uma para a restrição de liberdade (semiliberdade), e a outra de restrição (CENSE), porém também dedicadas somente ao público feminino, uma para cada medida.

QUADRO 9: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 04

Autora	Aline Menezes de Barros
Título	Escolarização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação: estudo bibliográfico
Ano	2015
Tipo	Dissertação
Instituição	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Programa	Programa de Pós-Graduação em Educação
Objetivo	Compreender a partir da bibliografia especializada a escolarização de adolescentes em conflito com a lei em cumprimento de medida socioeducativa de internação no contexto brasileiro. 1)
Problema	Como é concebida e organizada a escolarização no interior das unidades de internação?
Método	Pesquisa Bibliográfica
Teoria	Não especificado.
Participantes	Não especificado.
Lócus	Sites brasileiros.
Período	Textos publicados entre janeiro de 2010 a maio de 2015.
Instrumento de coleta de dados	Pesquisa em portais eletrônicos.
Análise dos Dados	Foram analisados e sistematizados, manualmente, por meio do instrumento metodológico de pesquisa Mapa Conceitual e posteriormente pelo software ATLAS.ti
Destaques	<p>“O baixo quantitativo de estudos na área evidenciou a pequena produção acadêmica da educação no que se refere à escolarização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação.” (p. 24)</p> <p>“[...] percebe-se que o conceito de adolescência é complexo, diversificado e não temporal e, dessa forma, não pode ser analisado exclusivamente sob o viés preconceituoso que o encara como momento-problema.” (p. 67)</p> <p>[...] a unidade socioeducativa tem características semelhantes às instituições penais, como superlotação, falta de profissionais, arquitetura inapropriada, perda dos direitos à personalidade, poder paralelo de facções, despreparo de instrutores para as atividades educativas, entre outros aspectos.” (p. 98)</p>
Considerações finais	<p>“Os balanços da produção científica são importantes, pois contribuem para a emergência do campo de estudos, auxiliam na reestruturação das políticas e possibilitam a articulação entre as universidades e outros espaços públicos e privados.” (p. 138)</p> <p>“Percebe-se que a escolarização tem sido utilizada ao longo dos anos como uma forma de controle social e manutenção da situação de exclusão vivenciada por adolescentes em conflito com a lei.” (p. 138)</p> <p>“esse trabalho evidenciou que as críticas são precipitadas, pois a lei nunca chegou</p>

	a ser cumprida para esses adolescentes, que permanecem aliados dos direitos assegurados pelas legislações nacionais e internacionais.” (p. 138 e 139)
--	---

FONTE: elaboração própria (2022).

O estudo de Barros (2015a), Quadro 9, corrobora com a máxima norteadora desta dissertação, pois realiza conexões com temáticas complementares ao nosso objeto de estudo. Foram muitas elucidações, fundamentações, reelaborações e novos caminhos traçados na busca por compreender as minúcias do sistema socioeducativo brasileiro e seu histórico.

Barros (2015a) evidencia que estudos sobre os adolescentes que cumprem medida socioeducativa podem colaborar para desmistificação de que são apenas “problemas”, como também contribuir para a construção do sujeito adolescente, principalmente aqueles que estão passando por um momento sensível de suas vidas. Olhar o adolescente como adolescente e desmistificar estereótipos sem desconsiderar suas realidades e responsabilidades.

QUADRO 10: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 05

Autor	Geraldo Neves Pereira de Barros
Título	Historiografia educacional e educação escolar para adolescente em situação de privação de liberdade (1996-2013)
Ano	2015
Tipo	Dissertação
Instituição	Universidade Federal do Pará
Programa	Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação
Objetivo	Análise crítica historiográfica sobre as produções científicas que versaram sobre a temática educação de adolescente em situação de privação de liberdade produzidas no âmbito dos diversos programas de pós-graduação das universidades brasileiras.
Problema	Onde? Por quê? Por quem? Como? Para quê? E para quem estariam elaboradas as produções históricas- científicas que versaram sobre a educação desses adolescentes no Brasil? Como a historiografia definiu conceitualmente educação escolar, adolescência, privação de liberdade? Quais configurações assumiram a produção científica e historiográfica que versou sobre educação escolar de adolescente em situação de privação de liberdade? Como se organizaram histórico e técnico-metodologicamente as produções científicas traduzidas na historiografia educacional que priorizou como objeto de estudo a educação de adolescentes em situação de privação de liberdade? Quais perspectivas e paradoxos sobre inclusão educacional foram narrados pelos autores da historiografia educacional que assumiram como temática central a educação escolar do adolescente em situação de privação de liberdade?

Método	Uma análise/investigação historiográfica, estudo exploratório e entre pesquisadores (historiadores educacionais), suas obras, circunstâncias e contextos de suas elaborações estabelecer uma dialógica transtemporal em que o passado e futuro se enlaçaram sob a égide do tempo presente.
Teoria	Marxista
Participantes	Pesquisadores, mestres ou doutores que, em sua produção histórica e científica, elegeram a educação desses adolescentes (privados de liberdade) como objeto principal de suas pesquisas.
Lócus	Site. Banco de teses e dissertações – BDTD do Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia – IBICT.
Período	Referência temporal o período que vai de 1996 até o ano de 2013.
Instrumento de coleta de dados	Pesquisa digital na internet.
Análise dos Dados	Em síntese, organizei e cruzei dados em quadros, tabelas ou gráficos buscando contextualizá-los e discuti-los histórico e socialmente tanto que possível para sua compreensão. Sistematizei este estudo em 4 seções, de modo a contemplar a análise historiográfica almejada, os resultados e a síntese do processo supracitado: SEÇÃO I teórica-analítica; SEÇÃO II, analisar e expor elementos referentes ao processo de produção da historiografia encontrada; SEÇÃO III, evidenciar uma historiografia específica produzida sobre a educação escolar de adolescentes em situação de privação de liberdade no cenário brasileiro; e, SEÇÃO IV, análise crítica historiográfica sobre as perspectivas e paradoxos da inclusão educacional de adolescentes em situação de privação de liberdade narrados pelos autores da historiografia educacional encontrada.
Destaques	Observou-se na pesquisa que nem a escola, tampouco os processos educacionais nela desenvolvidos, apresentam caráter neutro. Pelo contrário, sua emergência, organização e finalidade, em cada momento histórico, têm desenvolvido relações intrínsecas com aquilo que ocorre no mundo social, econômico e político, tornando a escola uma instância que influencia e, ao mesmo tempo, é implicada pelo jogo de poder e força presente na sociedade de classes. (p. 38).
Considerações finais	Dentre as 27 obras históricas examinadas, existe farta e cíclica produção historiográfica, com delineamentos históricos, técnico-metodológicos e teórico-conceituais diferentes, os quais paradoxalmente conduziram 74,6% desses trabalhos a se moverem a partir de uma ótica educacional formal, limitada, domesticadora, conservadora e a serviço da manutenção da ordem do capital, enquanto outros 26,4% dessa produção se desenvolveram com posicionamentos autorais de viés crítico, radicalmente discordante da atual organização social e de seus discursos legitimadores mostrando-se, com isso, preocupada com a destruição total da privação da liberdade e os fins de uma sociedade radicalmente transformada.

FONTE: elaboração própria (2022).

O trabalho pormenorizado por intermédio do Quadro 10 elucidou as ações e/ou os pensamentos condizentes com o homem no seu lugar e tempo, as transformações que ocorreram de acordo com a evolução dos pensamentos da época, ou seja, a compreensão. No entanto, algumas coisas seguem como “herança” e não sofreram mudanças. É inegável que a ação do mercado/capital dita muitas regras sociais.

Barros (2015b) chama atenção para o fato de que é necessário falarmos em adolescências, no plural, uma vez que o período de vida adolescência se diferencia de acordo com as realidades socioeconômicas e culturais experienciadas por cada sujeito. Por isso a compreensão de subjetividade do(a) adolescente como um conceito que determina que cada um tem suas características próprias, em linhas gerais.

QUADRO 11: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 06

Autora	Riane Conceição Ferreira Freitas
Título	Sistema punitivo e justiça restaurativa: os reflexos na escolarização e profissionalização na socioeducação
Ano	2017
Tipo	Tese
Instituição	Universidade Federal do Pará
Programa	Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação
Objetivo	Analisar como se dá a escolarização e a profissionalização destinada aos socioeducandos no Estado do Pará com vistas a compreender quais as implicações do sistema punitivo tradicional e da Justiça Restaurativa na socioeducação.
Problema	Quais as implicações do sistema punitivo tradicional e da JR no processo de escolarização e profissionalização na socioeducação no Estado do Pará?
Método	Pesquisa de campo e documental, investigação dialética
Teoria	Perspectiva materialista histórico-dialética
Participantes	Socioeducandos do Estado do Pará
Lócus	A Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará - FASEPA, na região metropolitana de Belém/PA, com observação na 3ª Vara da Infância e Juventude de Belém do Tribunal de Justiça do Estado do Pará.
Período	Não especificado.
Instrumento de coleta de dados	Observação participante e não-participante, entrevistas semiestruturadas e abertas e questionário.
Análise dos Dados	Sustentadas na compreensão do pensamento dialético (LEFEBVRE, 1995).
Destaques	Os achados da pesquisa indicam que a relação entre a escolarização e profissionalização com a JR, não elimina a materialidade das condições objetivas que levaram esses sujeitos à condição de infratores da lei, sendo que a efetividade de ação da JR, pelo menos nos casos observados, são pontuais e com caráter mais regulador do que restaurador ou libertador.
Considerações finais	Os jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, em sua maioria oriundos da classe trabalhadora, têm uma inclusão invertida ou uma exclusão-includente, nos processos de ressocialização por meio da escolarização e da profissionalização. Isto é, quando o direito à educação de qualidade, a uma moradia digna, saúde,

	segurança, alimentação lhes foram negados, o Estado é acionado (obrigado) para desenvolver ações de inclusão após o cometimento de infrações, ou seja, a “inclusão” destes jovens ocorre por meio do sistema socioeducativo, que cumpre a finalidade de disciplinamento (caráter punitivo), e de controle da força de trabalho, visando a atender à produção capitalista. Contudo, a utilização de técnicas restaurativas, desde que não tente “enquadrar” os jovens em cumprimento de medidas socioeducativas às regras de conduta, “(re)adaptando-lhes” ao convívio social, pode ser um instrumento útil aos profissionais do sistema de justiça para um atendimento mais humanizados, diferenciado do sistema punitivo tradicional.
--	--

FONTE: elaboração própria (2022).

Freitas (2017) evidencia entre as linhas e entrelinhas que uma nova forma de se fazer justiça no Brasil é necessária, principalmente aos adolescentes infratores e que cumprem medidas socioeducativas. Acentuou-se que o foco de, meramente, preparar os jovens para um ofício/trabalho nem sempre se configura como o melhor caminho na busca pela reinserção social deles, uma vez que esse artifício pode se configurar como um doutrinador de corpos e de conduta, com vistas ao interesse da produção capitalista.

A adolescência, fase complexa que todo ser humano irá passar ou passou, não deve ser caracterizada como igual para todos e todas, seus contextos e condições de vidas também não devem ser balizadores para caracterizar e segregar perante a sociedade. Para muitos que estão cumprindo medidas socioeducativa, suas vidas já são bastantes punitivas e, no momento de suas inserções no sistema, precisam e devem ser para promoção individual e restaurativa.

QUADRO 12: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 07

Autores	Márcia Alves da Silva e Mirela Ribeiro Meira
Título	Por uma ética de integridade e produção de sentidos na atenção a adolescentes infratores
Ano	2014
Tipo	Artigo
Instituição	Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)
Programa	Não especificado.
Objetivo	Dialogar com a arte e a educação, na tentativa de compreender a realidade da proteção especial a adolescentes no País.
Problema	Como a privação da liberdade, ou a experiência de abrigamento se reflete no dia a dia do trabalho social e educativo desenvolvido com os adolescentes, e qual o papel do pesquisador e do educador neste processo, uma vez que sua função é compreender e não julgar?
Método	A proposta metodológica adotada abarca o universo das histórias de vida. Narrativas biográficas temáticas de Marie-Christine Josso (2004)

Teoria	Não especificado.
Participantes	Adolescentes abrigados em regime de privação de liberdade.
Lócus	Case/Pelotas
Período	Ano de 2012.
Fonte	Oral
Instrumento de coleta de dados	Gravação de encontros coletivos com os adolescentes.
Análise dos Dados	Não especificado.
Destaques	<p>“arte enquanto criação coletiva [...] é uma geradora de possibilidades para a construção de projetos de vida dos participantes, e o fato de estar em situação de abrigo/internação não muda seu caráter de provedora de sentido, catarse, trabalho, expressão e até terapia.” (p. 136)</p> <p>“[...] a arte proporciona saberes distintos dos racionais.” (p. 139)</p> <p>“percebemos o “biográfico” como uma das formas privilegiadas de reflexão, de forma que o ser humano se representa e compreende a si mesmo em seu ambiente social e histórico.” (p. 140)</p>
Considerações finais	É pela palavra e pela atividade de rememoração que o sujeito da pesquisa não apenas revela a sua opinião, mas encontra a oportunidade de indagar a si próprio sobre o que lhe é perguntado.

FONTE: elaboração própria (2022).

De acordo com Silva e Meira (2014), um olhar sensível é de suma importância para quem está em desenvolvimento, principalmente aqueles que estão passando por um momento de conflito em suas vidas, cumprindo medida socioeducativa. O trabalho socioeducativo se faz no coletivo, como demonstrou as autoras, reforçando o caráter intersetorial da socioeducação e sua incompletude institucional.

A arte pode ser um subterfúgio para qualquer ser humano, já que, por meio dela, pode expressar sua criatividade e o que está no seu interior. Para o(a) adolescente cumprindo medida socioeducativa, uma oportunidade de criação de vínculo e compreensão sobre suas pessoas. O estímulo da arte e do artesanato precisa estar no cotidiano da socioeducação e suas unidades.

Silva e Meira (2014) são inteligíveis ao afirmarem que a arte é capaz de proporcionar diversos saberes, e um dos papéis da socioeducação é proporcionar esses saberes diversos, principalmente novos, aos que não são proporcionados em seus círculos sociais. Apresentar novos mundos pode ser uma fórmula para novas vidas.

QUADRO 13: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 08

Autores	Luiz Nolasco de Rezende Júnior e Antônio Villar Marques Sá
----------------	--

Título	O jogo do xadrez e a aprendizagem lúdica para adolescentes em ambiente socioeducativo
Ano	2016
Tipo	Artigo
Instituição	Universidade de Brasília
Programa	Programa de Pós-Graduação em Educação
Objetivo	Construir uma proposta interventiva lúdica, tendo o xadrez como ferramenta de aprendizagem em aulas de produção de texto para o desenvolvimento de competências ligadas à habilidade escrita e à construção de novos projetos de vida.
Problema	seria possível fazer do jogo de xadrez uma prática lúdica? Seria possível o jogo de xadrez promover maior atratividade ao ato de aprender? Seria possível combinar a prática do xadrez com outra prática de pouco domínio como a habilidade escrita? E, como fazer de um ambiente repleto de limites, regras, imposições e ameaças um momento lúdico, de aprendizado e de construção de projetos de vida?
Método	Pesquisa-ação aplicada de Dionne (2007), qualitativa de caráter exploratório.
Teoria	Teoria de análise de conteúdo de Bardin (2011).
Participantes	32 adolescentes que cumpriam medida de internação em uma unidade socioeducativa.
Lócus	Unidade Socioeducativa
Período	13 encontros semanais, a partir da dissertação de 2014.
Instrumento de coleta de dados	Os dados foram obtidos por diário de campo e análise de conteúdo das redações e rodas de conversa.
Análise dos Dados	Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011)
Destaques	<p>“O jogo educativo assume a condição de ferramenta quando o educador cria situações de aprendizagens que possam ser potencializadas pelo prazer, pela capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora, transportando para o campo do ensino condições que maximizem a construção do conhecimento.” (p. 222-223)</p> <p>“Pelo lúdico pode ser possível compreender e conhecer os aspectos de vida dos jovens, suas dificuldades e potencialidades, independentemente dos atos que tenham praticado.” (p. 223)</p> <p>“Apesar dessas limitações referentes à Língua Portuguesa refletirem a dificuldade cognitiva dos alunos, não significaram ausência de desenvolvimento cognitivo. Não se pode esquecer que a aridez de vida à qual muitos ficaram sujeitos propiciou a construção de outras habilidades cognitivas não identificadas nesta análise e que não podem ser desconsideradas.” (226)</p>
Considerações finais	Considerando os limites da presente proposta em direção à construção de projetos de vida, inferiu-se que o sentimento reinante de desconfiança com relação à sociedade devia-se à manutenção da condição marginal e de vulnerabilidade social que experimentavam. Assim, o ambiente de abandono e a falta de políticas públicas consistentes voltadas para o atendimento das especificidades e particularidades desses jovens com restrição de liberdade podem ser fortes inibidores do planejamento e da construção de projetos de vida.

FONTE: elaboração própria (2022).

O artigo de Rezende Júnior e Sá (2016) demonstrou o quanto a atividade lúdica é essencial para o desenvolvimento integral do sujeito, ainda mais para aqueles com limitações pedagógicas. Evidenciou-se que os(as) adolescentes cumprindo medida socioeducativa têm outras habilidades e/ou competências cognitivas, além daquelas ensinadas nos currículos das escolas. O jogo de xadrez nas unidades socioeducativas pode ser um grande aliado no ensino-aprendizado, como também proporcionar momentos de lazer. Uma oportunidade de convivência e de quebra de barreiras entre socioeducandos e todos os profissionais que compõem o sistema socioeducativo em uma unidade.

Bastante peculiares os apontamentos de Rezende Júnior e Sá (2016) de que os jogos lúdicos devem ser estimulados em todos os espaços onde a pedagogia se faz presente, principalmente nas Unidades Socioeducativas, que, muitas vezes, suas características físicas não são as mais estimulantes para a cognição. Outrossim, esses espaços não se devem se limitar ao xadrez, conforme exemplificado por Rezende Júnior e Sá (2016); assim como a sociedade está em constante transformação, as inovações e tecnologias nas Unidades precisam acompanhá-la.

QUADRO 14: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 09

Autoras	Renata Petry Brondani e Dorian Mônica Arpini
Título	Experiências escolares de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa
Ano	2019
Tipo	Artigo
Instituição	Universidade Federal de Santa Maria
Programa	Não especificado.
Objetivo	Compreender as experiências escolares anteriores de seis jovens que se encontravam cumprindo a medida socioeducativa de semiliberdade.
Problema	Como se caracterizaram as experiências escolares no decorrer das trajetórias de vida de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas e, em especial, daqueles em cumprimento da medida socioeducativa de semiliberdade, público de onde são advindos os participantes desta pesquisa.
Método	Estudo qualitativo de caráter exploratório.
Teoria	Não especificado.
Participantes	Seis adolescentes em cumprimento da medida socioeducativa de semiliberdade.
Lócus	Em uma Unidade de Execução da Medida Socioeducativa de Semiliberdade no Estado do Rio Grande do Sul, voltada ao atendimento de adolescentes do sexo masculino.

Período	Durante o ano de 2016.
Instrumento de coleta de dados	Entrevista semiestruturada.
Análise dos Dados	Análise de conteúdo temática (Bardin, 1998).
Destaques	<p>“Tal temática faz-se extremamente atual e relevante de ser discutida, pois existem índices preocupantes no país que denunciam um aumento do número de adolescentes em cumprimento de medida privativa ou restritiva de liberdade. Com relação a esses índices, o “Levantamento nacional sobre o atendimento socioeducativo ao adolescente em conflito com a lei”, realizado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), apresenta informações sobre o universo do cumprimento de medidas socioeducativas e revela a necessidade de aprimoramento das políticas públicas de promoção, defesa e proteção dos direitos desse público. Têm crescido os números referentes à variação anual de adolescentes cumprindo medidas com restrição ou privação de liberdade no Brasil: em 2008 havia 16.868 adolescentes cumprindo essas medidas, ao passo que dados relativos ao ano de 2014 indicam um acréscimo para 24.628 adolescentes (Brasil, 2017).” (p. 76)</p> <p>“O envolvimento de adolescentes em situações que culminem no cometimento de um ato infracional deve ser compreendido como um fenômeno constituído por diversos fatores e que possui diversas determinações, não sendo possível atribuí-lo a um único fator desencadeante. (p. 79)</p> <p>“A figura do professor pode constituir uma importante conexão do adolescente com a instituição escolar, sendo tal vinculação de extrema relevância para a concretização de experiências mais enriquecedoras, assim como para possibilitar a permanência do adolescente na escola.” (p. 82)</p>
Considerações finais	Os resultados da presente pesquisa puderam evidenciar as frágeis relações que os adolescentes entrevistados referiram ter com a escola. Percebeu-se que a baixa escolaridade dos participantes está vinculada às infrequências e às dificuldades em permanecerem assíduos e interessados nesse espaço que não está atrelado a seus cotidianos. Constatou-se também, a partir da perspectiva dos adolescentes, a existência de dificuldades de relacionamento com os professores.

FONTE: elaboração própria (2022).

O estudo disposto no Quadro 14, de Brondani e Arpini (2019), evidenciou a importância de uma escola condizente com a realidade do estudante, ou seja, atrativa e real no sentido de suas vidas. A importância da família na participação ativa com as escolas foi outro quesito discutido pelos autores, assim como o debate sobre a necessidade de uma relação, entre professores e estudantes, mais profunda e pautada na afetividade.

Ficou claro que, para Brondani e Arpini (2019), a educação não é feita somente por seus profissionais. A participação da comunidade, principalmente da família devido a terem históricos de abandono escolar, é de suma importância para a concretização da escola – e para que ela serve nas vidas das pessoas –, assim como a participação da família nas Unidades Socioeducativas é substancial para os(as) adolescentes cumprirem suas medidas. A participação familiar, muitas vezes, não se faz presente nas unidades. Isso se efetiva em razão de diversos fatores, mas é essencial que os

profissionais do sistema realizem essa aproximação e retorno de vínculo. Para tanto, a rede de apoio²¹ se faz necessária. As Unidades Socioeducativas carecem da rede de apoio para um trabalho socioeducativo satisfatório, pois elas sozinhas apresentam incompletudes.

QUADRO 15: CARACTERÍSTICAS DA ANÁLISE, PESQUISA 10

Autores	Willian Lazaretti da Conceição, Joana D'arc Teixeira e Rafael Garcia Campos
Título	Socioeducação: desafios e brechas à justiça social
Ano	2020
Tipo	Artigo
Instituição	Universidade Federal do Pará, Faculdades Integradas de Bauru, SENAC—SP
Programa	Não especificado.
Objetivo	Apresentar as práticas sociais e como os processos educativos podem ser aproximados da educação em direitos humanos e direcionados à uma formação para a justiça social.
Problema	Como é possível, nas práticas sociais em espaços de restrição e privação de liberdade agir pedagogicamente para a formação de cidadãos que lutem por justiça social?
Método	Estudo de natureza qualitativa e descritiva a partir dos estudos de Ludke e André (1986)
Teoria	Não especificado.
Participantes	Seis adolescentes que cumpriam medida socioeducativa de internação.
Lócus	Centro de Atendimento Socioeducativo da região metropolitana do estado de São Paulo, que atende até cinquenta e seis adolescentes do sexo masculino. Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente – Fundação CASA.
Período	Não especificado.
Instrumento de coleta de dados	Registro em diários de campo e entrevista semiestruturada.
Análise dos Dados	Foram realizadas as transcrições e os dados sistematizados, separando trechos e frases significativas dos adolescentes, diante dos objetivos do estudo e a partir das falas dos jovens, foram criadas categorias com base na análise dos temas que emergiam com maior incidência para então serem definidas as unidades de análise. Dessa agregação e classificação das falas dos jovens foram definidos sete focos de análise, os quais, no entanto, reuniam um grupo de temas que guardavam uma analogia entre si, constituindo um marco interpretativo mais amplo, sendo possível fazer um agrupamento em três focos de análise: a) concepção de lazer; b) atividades de lazer; c) processos educativos, sendo que o olhar, neste momento, será para os processos educativos.

²¹ SUS, SAS, CREAS, CRAS, Secretarias Municipais, dentre outras.

Destaques	<p>“O trato conceitual com os autores de ato infracional vem sendo ressignificado ao longo do tempo, mas ainda podemos encontrar o termo “menor”, usado de forma inadequada nos diálogos de jornalistas (MAIA, 2003), familiares e até nos discursos dos próprios adolescentes” (p. 104)</p> <p>“as possibilidades de diálogos e de construção dos lugares e modos de se viver as juventudes, parece ser central para trazer as potências das histórias de vidas, descortinando os estereótipos e os estigmas que social, cultural e historicamente foram e continuam a ser construídos por nós.” (p. 115)</p> <p>“percebe-se que a educação aparece como uma das principais apostas no processo de aperfeiçoamento e reforma institucional, a fim de retirar dessas instituições o peso do caráter penal, subjacente à prática de internação.” (p. 117)</p>
Considerações finais	<p>Ao analisarmos as práticas sociais relacionadas à educação escolar, educação profissional, educação física e esportes, arte e cultura, foi possível evidenciar o cotidiano de uma instituição total, mas que apresenta lacunas para o estabelecimento de processos educativos, que ora são autogeridos pelos jovens à medida que refletem sobre as ações de opressão da instituição, ora pelas relações interpessoais com os ‘Outros’ nas relações que se buscam ser dialógicas</p>

FONTE: elaboração própria (2022).

Para Conceição, Teixeira e Campos (2020), o sistema socioeducativo ainda carrega alguns resquícios de seu passado, quando era referenciado pelo Código de Menores. Superado pelo ECA, assinala-se que a criança e o adolescente precisam ser protegidos, ressocializados, reeducados e reinseridos à sociedade.

Todos os adolescentes precisam ser preservados e protegidos de inúmeras situações que os colocam em situação de vulnerabilidade e de insegurança. Eles ainda estão em desenvolvimento e traumas nessa fase de vida podem refletir ao longo de toda sua vida adulta. Além da proteção a eles, suas famílias carecem de proteção e oportunidades de transformação. A teoria precisa estar condizente com a prática.

Percebeu-se que estigmas como “bandidos”, “marginais”, “trombadinhas”, “menor” e “pivetinha” apareceram com frequência entre os trabalhos analisados. Praticamente todos os trabalhos (10) apontaram para a ausência do Estado na vida desses adolescentes, sendo eles ‘descobertos’ apenas durante o cumprimento de alguma medida socioeducativa. Em vários momentos, anteriormente às suas medidas, muitos adolescentes apontaram que seus direitos básicos para a manutenção da vida foram negligenciados/omissos, deixando-os frágeis e vulneráveis a inúmeros abusos sociais provenientes da sociedade de capital.

Todos os trabalhos evidenciaram a defasagem escolar dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, por inúmeros motivos. Um dos textos relatou que o

sistema socioeducativo brasileiro, em algumas de suas práticas, ainda sofre com o reflexo do seu passado punitivo, *Socioeducação: desafios e brechas à justiça social* (2020).

Nenhum trabalho perpassou ou transversalizou o assunto morte como tema gerador de discussão. Diante desses apontamentos, esta revisão integrativa se justifica e demonstra a sua importância para esta dissertação, ao campo educacional e à ciência. O assunto morte e a sua relação com a educação, especificamente a socioeducação, não foram encontrados nessas bases.

Todos os trabalhos analisados nesta revisão integrativa apresentam palavras-chave e/ou descritores, um total de 33, que buscam sintetizar conceitos e as principais temáticas abordadas em determinados estudos (Costa; Zaltowski, 2014). Desenvolveu-se uma Nuvem de Palavras – NV – utilizando as 33 palavras, de modo a buscar refletir sobre os principais temas de estudos abordados pelos 10 (dez) trabalhos analisados, identificando os pontos de encontro e a frequência de uso dessas palavras. Para Vasconcellos-Silva e Araujo-Jorge (2019), as NV são caracterizadas como artifícios gráficos que buscam representar, por meio de imagens compostas por palavras, a frequência que determinado termo aparece em hipertextos, ao passo que o tamanho da palavra indica sua maior – ou menor – repetição no diálogo.

Ao analisar a Nuvem de Palavras feita com as palavras-chave elencadas, fica evidente a polarização entre elas. O destaque vai para as palavras: Medida Socioeducativa, que aparece três (3) vezes; Adolescente, Escolarização e Socioeducação, que aparecem duas (2) vezes cada; e as demais uma (1) vez cada. Algumas palavras-chave, como “Adolescente e Educação”, também apareceram relacionadas às outras, como “Adolescente em Conflito com a Lei”; “Educação Escolar, Integração Social”; e “Educação e Arte-Educação”. A nuvem de palavras evidencia que o sistema socioeducativo existe, para os adolescentes, com um viés educacional. É uma medida socioeducativa, diferentemente da punitiva.

NUVEM DE PALAVRAS 1: PALAVRAS-CHAVE



FONTE: elaboração própria, a partir do *site* Wordclouds (2022).

Relembrando a questão norteadora desta revisão integrativa, “Quais são os trabalhos desenvolvidos na área da educação do Brasil em que a morte faz alguma relação com a fase do ciclo de vida à adolescência, com o sujeito adolescente, com o sistema socioeducativo e com a teoria da Representação social?”, constatou-se que, diante do exposto, dentre os trabalhos filtrados nas bases de dados adotadas, não se encontrou nenhum trabalho com conexão direta à proposta na questão norteadora e, quando a temática da morte foi encontrada nos textos, de maneira muito tímida, configurou-se como um assunto desprezado e refletido em apenas algumas poucas falas, sem absoluto aprofundamento e enfoque. Não obstante, é importante ressaltar que existem outras bases de dados a serem pesquisadas, por isso há a incompletude desta revisão.

3 MÉTODO

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O presente estudo se definiu como uma pesquisa qualitativa e de método empírico, que busca captar a subjetividade de cada participante da pesquisa, interceptando significados idiossincráticos em cada questão respondida durante a coleta de dados (Flick, 2013). Diante da afirmação de Flick, essa busca da subjetividade precisa da flexibilização do pesquisador perante as respostas dos participantes. Ademais, o estudo é do tipo exploratório e descritivo, que se preocupa com a atuação prática em descrever as características de determinada população ou fenômeno (Gil, 2008). A Dissertação é embasada pela Teoria das Representações Sociais – TRS, de Moscovici (2015) e Jodelet (2001).

3.2 LÓCUS E PARTICIPANTES²²

As Casas de Semiliberdade e os CENSEs do estado do Paraná, ou seja, as Unidades Socioeducativas para adolescentes que cumprem medidas socioeducativas (sansão, internação provisória, internação) de restrição e privação de liberdade são referenciadas como meio fechado.

Normalmente, as unidades têm salas para atendimentos individualizados, onde o sigilo e a restrição dos(as) participantes foram preservados. Em algumas unidades, foram instalados nas salas de atendimento computadores com acesso à internet para diversos acessos e/ou pesquisas. Na companhia de um(a) técnico(a) da unidade, os participantes acessaram o questionário e, quando solicitado e/ou necessário, via *on-*

²² Nota de esclarecimento: quando o projeto da pesquisa (2021) e a sua execução (2022) foram desenvolvidos, o Sistema Socioeducativo no estado do Paraná era o Departamento de Atendimento Socioeducativo – DEASE e pertencia à Secretaria de Estado da Justiça, Família e Trabalho – SEJUF. Devido à Reforma Administrativa em razão da Lei nº 21.352, de 1 de janeiro de 2023, a Secretaria passou a se chamar Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania – SEJU, e o Departamento foi denominado como Coordenação de Gestão do Sistema Socioeducativo – CGS. Na época da execução da pesquisa, a socioeducação era dividida em três (3) Regiões (Figura 1), atualmente são quatro (4); ainda não havia inaugurado a Casa de Semiliberdade Toledo, e o CENSE Cascavel I atendia o público feminino e masculino (Figura 2). Hodiernamente, passou a ser exclusivamente feminino; também não havia os Escritórios Regionais da Socioeducação. Em setembro de 2023, inaugurou-se a nova sede para a Casa de Semiliberdade Feminina Joana Miguel Richa. Houve a alteração de seu nome, que passou a se chamar Casa de Semiliberdade Feminina Regina Fischer Pessuti e o Novo CENSE Piraquara, ainda sem data de inauguração. Para os próximos anos, está prevista a inauguração da Casa de Semiliberdade Maringá.

line com os pesquisadores. Para isso, as direções das unidades participantes autorizam o uso do espaço para fins desta pesquisa.

As unidades do estado do Paraná, em sua maioria, são destinadas ao sexo masculino. No entanto, há 2 (duas) unidades exclusivas para o gênero feminino e 4 (quatro) atendendo ambos os gêneros²³. Não há restrição quanto à cor, raça, compleição física, orientação sexual, posicionamento político, crenças religiosas, dentre outros aspectos. O Sistema Socioeducativo do Paraná dividiu o estado em 3 (três) regiões que compõem uma mesorregião (Figura 1) e, nelas, 27 unidades de atendimentos (Figura 2), sendo: 19 unidades de internação provisória (exclusiva) e internamento de privação de liberdade (algumas com vagas para internação provisória), CENSEs e 8 unidades de restrição de liberdade (Casa de Semiliberdade)²⁴.

FIGURA 1: MESORREGIÃO DA SOCIOEDUCAÇÃO NO ESTADO DO PARANÁ



FONTE: SEJUF (2022).

²³ Após a realização da pesquisa, o CENSE Cascavel I se tornou exclusivo para o gênero feminino.

²⁴ Atualmente, são 4 (quatro) regiões e o acréscimo de 1 (uma) Casa de Semiliberdade, Toledo, totalizando 28 Unidades Socioeducativas.

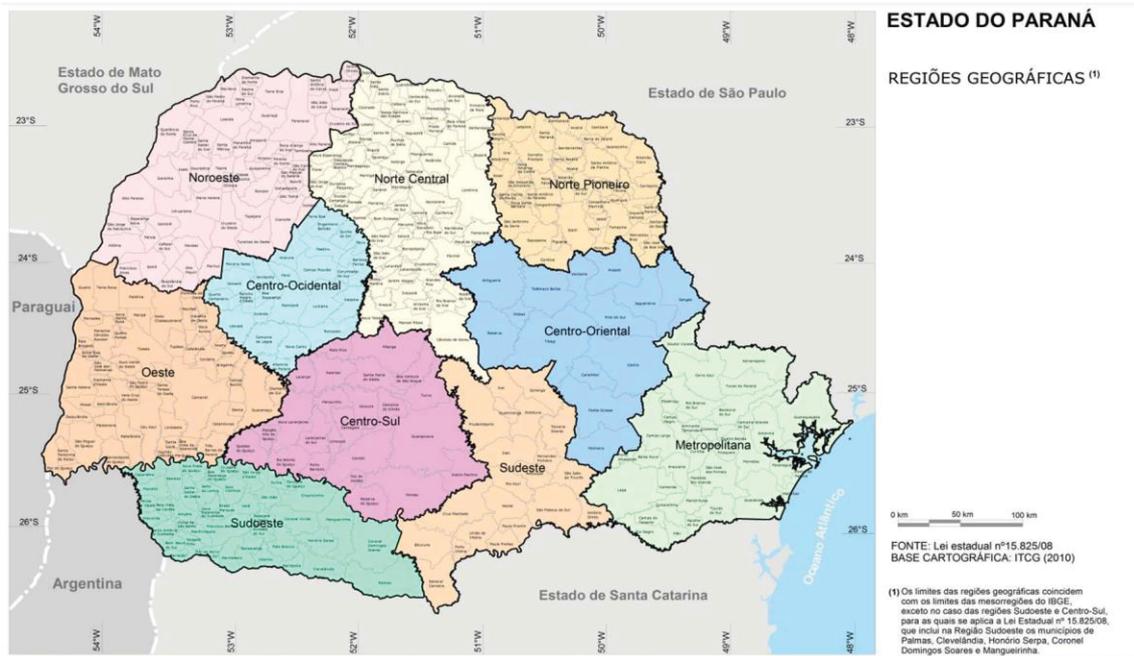
FIGURA 2: QUADRO DESCRITIVO DAS UNIDADES DE SOCIOEDUCAÇÃO NO ESTADO DO PARANÁ

Região	Mesorregião	Município	Unidade	Sexo	Capacidade Instalada			
					IP	I	SL	TOTAL
Região 1 469 vagas	Centro Oriental	Ponta Grossa	Cense de Ponta Grossa	M F	32	56	0	88
	Centro Oriental	Ponta Grossa	Semi Masculina de Ponta Grossa	M	0	0	18	18
	Metropolitana de Curitiba	Curitiba	Cense Curitiba	M F	100	0	0	100
	Metropolitana de Curitiba	Curitiba	Cense Joana Miguel Richa	F	0	30	0	30
	Metropolitana de Curitiba	Curitiba	Semi Feminina de Curitiba	F	0	0	7	7
	Metropolitana de Curitiba	Curitiba	Semi Masculina de Curitiba	M	0	0	18	18
	Metropolitana de Curitiba	Fazenda Rio Grande	Cense Fazenda Rio Grande	M	0	30	0	30
	Metropolitana de Curitiba	São José dos Pinhais	Cense São José dos Pinhais	M	28	50	0	78
Região 2 367 vagas	Metropolitana de Curitiba	Piraquara	Cense São Francisco	M	0	100	0	100
	Noroeste	Paranavaí	Cense de Paranavaí	M	8	20	0	28
	Noroeste	Paranavaí	Semi Masculina de Paranavaí	M	0	0	18	18
	Noroeste	Umuarama	Cense de Umuarama	M	4	13	0	17
	Noroeste	Umuarama	Semi Masculina de Umuarama	M	0	0	18	18
	Norte Central	Londrina	Cense 1 de Londrina	M F	82	0	0	82
	Norte Central	Londrina	Cense 2 de Londrina	M	0	60	0	60
	Norte Central	Londrina	Semi Masculina de Londrina	M	0	0	18	18
Região 3 362 vagas	Norte Central	Maringá	Cense de Maringá	M	20	66	0	86
	Norte Pioneiro	Santo Antônio da Platina	Cense de Santo Antônio da Platina	M	10	10	0	20
	Centro Ocidental	Campo Mourão	Cense Campo Mourão	M	5	15	0	20
	Oeste	Cascavel	Cense 1 de Cascavel	M	20	0	0	20
Região 3 362 vagas	Oeste	Cascavel	Cense 2 de Cascavel	M	0	78	0	78
	Oeste	Cascavel	Semi Masculina de Cascavel	M	0	0	18	18
	Oeste	Foz do Iguaçu	Cense Foz do Iguaçu	M F	43	54	0	97
	Oeste	Foz do Iguaçu	Semi Masculina de Foz do Iguaçu	M	0	0	18	18
	Oeste	Toledo	Cense de Toledo	M	10	15	0	25
	Sudoeste	Pato Branco	Cense de Pato Branco	M	5	13	0	18
Centro Sul	Laranjeiras do Sul	Cense Laranjeiras do Sul	M	10	78	0	88	
TOTAL DE CAPACIDADE INSTALADA					367	610	133	1110

FONTE: SEJUF (2022).

NOTA: **IP**: Internação Provisória **I**: Internação **SL**: Semiliberdade

Assim como a socioeducação paranaense estava dividida em 3 regiões, o estado tem suas fronteiras políticas (internas e externas – internacionais) e geográficas, com isso compondo uma mesorregião específica. As fronteiras com outros estados brasileiros são as seguintes: norte com São Paulo (SP); noroeste com Mato Grosso do Sul (MS); ao sul, com Santa Catarina (SC). A oeste, o litoral, oceano atlântico. Também existem fronteiras internacionais, a leste com o Paraguai e sudoeste com a Argentina. Existem 10 (dez) regiões que compõem a mesorregião paranaense. São elas: Centro-Ocidental, Centro-Oriental, Centro-Sul, Metropolitana (inclui o litoral e a capital do estado – Curitiba), Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste e Sudoeste, conforme demonstra a Figura 3. Compreende-se a Região 1 da socioeducação as regiões geográficas Metropolitana, Centro-Oriental e Sudeste; Região 2, Norte Pioneiro, Norte Central, Centro-Oriental e Noroeste; e a Região 3, Centro-Sul, Oeste e Sudoeste. No total, o estado do Paraná tem 399 municípios.

FIGURA 3: REGIÕES GEOGRÁFICAS DO ESTADO DO PARANÁ

FONTE: IPARDES (2022).

Os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em meio fechado são os participantes desta pesquisa. Em sua maioria, os(as) adolescentes internados(as) em Casa de Semiliberdade e no CENSE em medida de restrição e privação de liberdade, respectivamente, são providos(as) de famílias disfuncionais²⁵ e/ou envolvidos(as) com drogas ou criminalidade. São adolescentes (e alguns jovens) que estão na faixa etária entre os 12 e 21 anos de idade. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – prevê a internação com base na data ocorrida do ato infracional, ou seja, se ele foi cometido antes de completarem 18 anos, poderão responder judicialmente em uma unidade de Socioeducação (Brasil, 2016, Artigo 104, parágrafo único), podendo ele(a) cumprir até completar 21 anos, adquirindo a liberdade compulsória. Tal situação também se enquadra para quando completar 3 anos de internação (Brasil, 2016, Artigo 121, parágrafos 3º, 4º e 5º).

A definição da quantidade foi por ordem de aceite e que a direção das unidades assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – e os(as) adolescentes o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (no próprio formulário eletrônico), sendo o mínimo de 24 participantes no estado paranaense, representativos dos CENSEs (19) e das Casas de Semiliberdade (8). Como a mesorregião socioeducativa paranaense era dividida por 3 (três) regiões, o mínimo foi de 8 participantes por região.

²⁵ Segundo a Revista Planeta (2019), a expressão “família disfuncional” define uma família em que os conflitos, a má conduta e, muitas vezes, o abuso por parte dos membros individuais ocorrem de maneira contínua e regular, fazendo com que outros membros se acomodem com tais ações.

Dessa forma, houve uma maior diversificação entre as participações, com suas representatividades. As unidades que participaram foram as que aceitaram o convite. Informamos que todas elas foram convidadas a participarem da pesquisa por meio do Departamento de Atendimento Socioeducativo – DEASE –, mediante autorização das comarcas judiciais do estado do Paraná correspondentes à sua jurisdição.

Adolescentes em medida socioeducativa se compõem no grupo de vulnerabilidades e estão sob a tutela do Estado. Toda criança ou adolescente institucionalizada está sob os cuidados, tutela e guarda do Estado. Conforme previsto nos Artigos 36 e 92, § 1º do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA:

Art. 36. A tutela será deferida, nos termos da lei civil, a pessoa de até 18 (dezoito) anos incompletos. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009).
Parágrafo único. O deferimento da tutela pressupõe a prévia decretação da perda ou suspensão do poder familiar e implica necessariamente o dever de guarda (Expressão substituída pela Lei nº 12.010, de 2009) (Brasil, 1990, p. 59).

Ademais, o Artigo 92, § 1º, postula: “O dirigente de entidade que desenvolve programa de acolhimento institucional é equiparado ao guardião, para todos os efeitos de direito (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)” (Brasil, 1990, p. 83). Para fins de esclarecimento, a Casa de Semiliberdade e o CENSE são entidades governamentais da esfera estadual. Quanto a isso, a responsabilidade sobre o(a) adolescente cumprindo medida socioeducativa em meio fechado é das Direções das Unidades que representam o estado (Paraná), por esse motivo assinaram o TCLE. As Casas de Semiliberdade e os CENSEs estão subordinados ao DEASE (atualmente CGS) que, no caso desta pesquisa, constitui-se a Instituição Coparticipante.

3.2.1 Autorizações

O processo de autorização se iniciou com o pedido da pesquisa e submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/SD, setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná – SCS/UFPR no início de outubro de 2021. Autorizado em 25 de maio de 2021, CAAE: 53055721.5.0000.0102, número do Parecer 5.429.342.

Concomitantemente, foi submetido o projeto e junto realizado o pedido de autorização da pesquisa ao sistema socioeducativo do estado do Paraná, representado à época como Departamento de Atendimento Socioeducativo – DEASE, via Protocolo nº 18.135.272-8, tudo em acordo com a Resolução nº 300, de 23 de outubro de 2020, que “Regulamenta os procedimentos de solicitação para a realização

de pesquisa nos Centros de Socioeducação e Casas de Semiliberdade da Secretaria de Estado da Justiça, Família e Trabalho” (Paraná, 2020, p. 1). A autorização da pesquisa em âmbito estadual foi deferida em 13 de outubro de 2021 pela então Direção do DEASE. Com o parecer favorável para a realização da pesquisa, as partes envolvidas assinaram, em 2 (duas) vias, um Termo de Compromisso de Pesquisa.

Após o deferimento da autorização pelo DEASE, foram submetidos pedidos, o parecer favorável à pesquisa do DEASE e o projeto de pesquisa a todas as comarcas judiciais paranaenses que têm sob sua responsabilidade alguma das unidades socioeducativas, totalizando 16 comarcas, de acordo com a Figura 2. O Quadro 16 relaciona as comarcas e as unidades socioeducativas sob suas jurisdições.

QUADRO 16: COMARCAS JUDICIAIS DO ESTADO DO PARANÁ QUE COMPÕEM O SISTEMA SOCIOEDUCATIVO

COMARCAS	UNIDADES SOCIOEDUCATIVAS
Campo Mourão	CENSE Campo Mourão
Cascavel	CENSE Cascavel I, CENSE Cascavel II e Casa de Semiliberdade Cascavel
Curitiba	CENSE Curitiba, CENSE Joana Miguel Richa, Casa de Semiliberdade Joana Miguel Richa e Casa de Semiliberdade Curitiba
Fazenda Rio Grande	CENSE Fazenda Rio Grande
Foz do Iguaçu	CENSE Foz do Iguaçu e Casa de Semiliberdade Foz do Iguaçu
Laranjeiras do Sul	CENSE Laranjeiras do Sul
Londrina	CENSE Londrina I, CENSE Londrina II e Casa de Semiliberdade Londrina
Maringá	CENSE Maringá
Paranavaí	CENSE Paranavaí e Casa de Semiliberdade Paranavaí
Pato Branco	CENSE Pato Branco
Piraquara	CENSE São Francisco
Ponta Grossa	CENSE Ponta Grossa e Casa de Semiliberdade Ponta Grossa
Santo Antônio da Platina	CENSE Santo Antônio da Platina
São José dos Pinhais	CENSE São José dos Pinhais
Toledo	CENSE Toledo
Umuarama	CENSE Waldir Colli e Casa de Semiliberdade Umuarama

FONTE: elaboração própria (2023).

O último passo foi o convite às unidades socioeducativas, mais especificamente, com suas direções. Formalmente e individualmente, todas as possíveis unidades participantes foram convidadas via *e-mail* institucional; em seguida, entramos em contato via telefone com cada unidade/direção para reforçar o convite para a pesquisa. Para as que deram aceites, o TCLE foi enviado a ser assinado e devolvido pela direção. As participações somente ocorreram mediante autorizações do DEASE (CGS), das Comarcas Judiciais e das Direções das unidades, as que aceitaram, isto é, que respondem pela tutela dos(as) adolescentes no período em que se encontram cumprindo medida socioeducativa.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS

De acordo com a metodologia a ser aplicada, o instrumento de coleta de dados utilizado na pesquisa foi o questionário *on-line* (remoto), empregando o recurso gratuito e de fácil acesso do *Google* Formulário, dividido em duas partes: sociodemográfico e evocação para representação social da morte. Entendemos ser uma plataforma de fácil acesso, gratuita e intuitiva, sendo possível o seu acesso via qualquer equipamento eletrônico com acesso à internet. Dessa forma, acessível em todo o estado paranaense, sem necessidade da presença física dos pesquisadores.

Sua denominação é “questionários de autoaplicação” (Vieira, 2009, p. 18), pois a autora explica que os próprios participantes os preenchem e podem ser enviados por *e-mail* ou internet. Dessa maneira, visamos a ouvir as “vozes” dos(as) adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa sobre o assunto, morte, sem precisarmos estarmos presentes. Vieira (2019) complementa informando que é possível responder às questões do questionário de forma mais autônoma, de onde, quando quiser e quanto tempo achar necessário, sem pressão. O protagonismo dos participantes é essencial para atingirmos o objetivo geral deste trabalho. Para maior clareza do que é um questionário, Vieira (2009, p. 15, grifos da autora) define:

Questionário é um instrumento de pesquisa constituído por uma série de questões sobre determinado tema. O questionário é apresentado aos participantes da pesquisa, chamados *respondentes*, para que respondam às questões e entreguem o questionário preenchido ao entrevistador, que pode ser ou não o pesquisador principal.

Adotamos a nomenclatura definida pelo CEP/SP, participantes. Para que a pesquisa seja desenvolvida nas unidades socioeducativas paranaenses participantes, a equipe técnica foi convidada a participar na execução técnica e na administração do questionário em suas respectivas unidades.

Vieira (2009, p. 105) os identifica como “entrevistadores, treinados pelos pesquisadores”, uma vez que são eles os responsáveis em fazer atendimentos semanais com os adolescentes no sistema. Pressupomos que entre eles e elas existam vínculos de confiança. Esses técnicos e técnicas gerenciam a aplicabilidade do questionário junto aos adolescentes, de forma executora, sem interferências na metodologia e/ou na compreensão que os participantes possam ter na leitura das questões. Eles puderam realizar leituras em voz alta para uma melhor compreensão.

A escolha do formato *on-line* está pautada em três motivos: o primeiro é que estávamos em meio a uma pandemia, covid-19, distanciamento social e preservação de vidas; o segundo é que as unidades são muito sensíveis quanto ao público, menores de 18 anos idade, em formação e sob responsabilidade/tutela/guarda do estado, que não estão nos seus meios tradicionais. Por determinação judicial, a rotina diária é estabelecida por cronogramas (complexos em suas particularidades) construídos previamente, podendo ser inviável para o desenvolvimento da pesquisa. Deve-se, também, considerar os imprevistos que podem ocorrer em uma unidade socioeducativa que reflete nas questões de segurança que envolvem sua rotina; o terceiro é que a forma remota contemplou o maior número de unidades e territórios do estado sem nenhum tipo de custos e a agilidade do processo, sendo oportunizada a participação do sistema socioeducativo integralmente, ao destacar a representatividade dos territórios e dos(as) adolescentes.

A construção do questionário foi feita em conjunto pela orientadora e mestrando, pensando nos dois pontos que Vieira (2009) profere e que precisam ser levados em consideração ao planejar um questionário, sendo eles: o objetivo da pesquisa e o tipo do público (respondentes/participantes). Na elaboração, foram considerados os seguintes aspectos: perguntas necessárias e específicas para contemplar os objetivos; linguagem simples e informal para atender ao tipo de participante; espaços para esclarecimentos; introdução de quem são os responsáveis, objetivo, autorizações e o porquê da e para a pesquisa; nomes e contatos dos responsáveis, orientadora, mestrando, instituição e CEP/SP; espaço, caso queira receber os resultados finais, garantia de sigilo e anonimato; garantir e deixar clara a sua voluntariedade; e agradecimentos finais.

As questões são padronizadas e abertas, contemplando e respeitando a subjetividade e individualidade do participante, ao manter uma ordem. Foram construídas nessa dualidade por um período aproximado de 6 meses, sempre pautadas na necessidade de responder aos objetivos específicos e geral e com respeito aos participantes. As questões foram submetidas para aprovação ao DEASE, CEP/SP e as Comarcas Judiciais do estado do Paraná que têm sob responsabilidade jurídica alguma Casa de Semiliberdade e/ou CENSE; com êxito, o questionário foi aprovado por todas essas instituições.

Após a conclusão do questionário e aprovação pelos órgãos mencionados, precisou “passar por um teste de qualidade” (Vieira, 2009, p. 31), ao qual foi realizado um teste piloto com 3 (três) adolescentes cumprindo medida socioeducativa em uma das Unidades Socioeducativas relacionadas na Figura 2. Após o teste piloto, foram realizadas as correções e melhorias conforme a análise na aplicabilidade, por meio das devolutivas voluntárias de quem participou e das percepções do pesquisador; as respostas desses participantes somente foram utilizadas para o teste de qualidade, não sendo utilizadas na pesquisa final.

A estrutura do questionário é a seguinte: seção 1, apresentação da pesquisa; responsáveis; título; área; objetivos específicos e geral; local de realização e autorizações; seção 2, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE; espaço para contato, caso queira receber os resultados da pesquisa e autorização do participante para, efetivamente, integrar a atividade; seção 3, perfil sociodemográfico (parte 1) com 33 questões; seção 4, evocação sobre a morte (parte 2) com 12 questões.

Importante ressaltar que o questionário foi aplicado em clima adequado (calmo, ambiente privado à exposição do adolescente, relacionamento amigável, sem pressão), e o participante foi instruído com informações sobre seu sigilo e anonimato, bem como de que poderá desistir ou interromper se assim o desejar, sem nenhum ônus. Os servidores e equipes técnicas que contribuíram para esta pesquisa nas unidades foram instruídos a terem empatia e sensibilidade com e no momento da aplicação do questionário, para, assim, evitar e/ou minimizar quaisquer transtornos ao participante. O Quadro 17 elucida as relações dos objetivos, o instrumento de coleta e a metodologia.

QUADRO 17: RELAÇÃO DE OBJETIVOS, INSTRUMENTOS E METODOLOGIA DA PESQUISA

Objetivos	Instrumento	Questões
Traçar o perfil dos(as) adolescentes em medida socioeducativa com restrição e privação de liberdade em Casas de Semiliberdade e CENSEs localizados no estado do Paraná, participantes da pesquisa.	Questionário (<i>On-line</i>)	Partes 1 e 2
Sistematizar estudos e pesquisas sobre o tema morte no campo da Educação. Identificar as concepções de morte pelas histórias/experiências dos(as) adolescentes em medida socioeducativa com restrição e privação de liberdade no estado do Paraná, participantes da pesquisa.	Revisão Integrativa/ Análise literária/ documental (plataformas <i>on-line</i> , livros e mídias)	Palavras-chaves: morte; adolescentes; socioeducação; restrição e privação de liberdade e representação social, bem como descritores e os arranjos com os operadores booleanos (AND, OR, NOT)
	Questionário (<i>On-line</i>)	Parte 2

FONTE: elaboração própria (2021).

Foram utilizadas legendas representando os participantes, para resguardar suas verdadeiras identidades. A definição da legenda dar-se-á de acordo com a ordem dos recebimentos dos questionários preenchidos. Para o primeiro, será a letra “A” do alfabeto seguida do número “1”, para o segundo a letra “B” e o número “2”, o terceiro a letra “C” e o número “3”. Seguiremos essa lógica para os demais participantes. Acrescentaremos à legenda as letras F, M ou N, para representar o gênero (feminino, masculino, não binário), conforme apresentado no Quadro 18.

QUADRO 18: LEGENDA DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Ordem do questionário	Classificação Alfabética	Classificação Numérica	Identidade de Gênero	Legenda do/da Participante
1º	A	1	F	A1F
2º	B	2	M	B2M
3º	C	3	N	C3N
4º	D	4	M	D4M
5º	E	5	M	E5M
6º	F	6	F	F6F
7º	G	7	M	G7M
8º	H	8	N	H8N
9º	I	9	M	I9M
10º	J	10	F	J10F

FONTE: elaboração própria (2021).

3.4 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DOS DADOS

Foram utilizados para esta pesquisa as respostas dos participantes ao questionário sociodemográfico e suas evocações sobre representação social da morte, questionário *on-line*, partes I e II. A pesquisa foi realizada entre os meses de maio e

agosto de 2022. Cada participante respondeu em sua Unidade Socioeducativa seguindo cronograma/organização própria. Eles tinham autonomia na logística da execução. O questionário respondido e finalizado, as respostas, tudo foi enviado eletronicamente e automaticamente pelos próprios participantes; para essa execução, precisou-se da ajuda técnica de um dos membros multidisciplinares da unidade. As respostas estão armazenadas no *Google Drive*, em que somente os pesquisadores têm acesso.

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados, foi realizada a leitura flutuante dos resultados advindos dos questionários aplicados aos participantes para a sequência metodológica da Análise de Conteúdo – AC, de Laurence Bardin (1977), utilizando a técnica categorial. As categorias de análises foram a priori (vivências/experiências e sentimentos em relação à morte) e a posteriori.

Assim como na TRS, a comunicação é responsável pela criação de uma representação social. A análise de conteúdo também a tem como instrumento de análise (Bardin, 1977). A comunicação é a convergência entre TRS e AC, que, para esta dissertação, é a comunicação linguística verbal escrita por meio do digital no formulário *on-line* do *Google*, ou seja, as respostas dos participantes. Esses dados foram analisados, interpretados e compreendidos sobre as suas representações quanto ao assunto proposto: morte. Uma compreensão da comunicação aprofundada e objetiva das mensagens normalizadas (textos), coletadas da mesma forma, padronizadas, de diversos locutores, segundo Bardin (1977).

Seguimos as três (3) fases de análise: 1, a pré-análise; 2, a exploração do material; e 3, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, chamados por Bardin (1977, p. 121) de “pólos cronológicos. A pré-análise consiste na organização, segundo Bardin, “possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final”. É nessa fase que ocorre a leitura flutuante, que nada mais é do que estabelecer contato com o texto a analisar (respostas dos questionários), a fim de se deixar invadir por impressões e interpretações (Bardin, 1977).

Já na fase de exploração do material, ou seja, análise, a autora informa que é a “aplicação sistemática das decisões tomadas” (Bardin, 1977, p. 127), seja manualmente ou com recursos tecnológicos. É nessa fase que ocorreram as codificações, decomposição ou enumeração. E, a terceira e última fase, de exposição dos resultados, seja por quadros, tabelas, diagramas, figuras. Para a realização da análise, uma das seis (6) técnicas, conjunto de técnicas da análise de conteúdo, faz-se necessária, e a utilizada por este trabalho é a análise categorial. Bardin (1977) revela ser a mais antiga. Sua funcionalidade é por operações de desmembramento do texto (respostas nos formulários dos participantes) em unidades. As categorias a priori são as vivências e experiências dos participantes e seus sentimentos em relação à morte (parte 2 do questionário). Tal análise não é inflexível, por isso podem surgir outras a posteriori.

A análise das respostas dos participantes seguiu o que Bardin (1977) denomina Unidade de Registro – UR e Unidade de Contexto – UC, a codificação da mensagem. A primeira consiste na essência, na ideia central da resposta que pode ser a palavra, frase; já a segunda é o nível maior, outra dimensão em relação à primeira, ou seja, se a UR for a palavra, a UC será a frase, se a UR for a frase, a UC será o parágrafo, e assim segue essa lógica.

No campo teórico, com a análise literária/documental, será possível obter “avaliações críticas de materiais que já foram publicados, considerando o progresso das pesquisas na temática abordada” (Hohendorff, 2014, p. 40), e a revisão integrativa fundamenta questões que possam surgir ao longo da análise.

4 ANÁLISE DOS DADOS

O total de formulários/questionários respondidos correspondeu a 47. Eles foram divididos pela mesorregião da socioeducação no estado do Paraná, sendo: 21 (vinte e um) da região 1, 18 (dezoito) da região 2 e 9 (nove) da região 3. Ao total, participaram 10 unidades: região 1, 4; região 2, 3; e região 3, 3. Por questões éticas, as unidades participantes não serão divulgadas. Dentre as unidades participantes, nas 3 (três) regiões, tiveram Casas de Semiliberdade (restrição de liberdade), total de 3 (três) e CENSEs (privação de liberdade), total de 7 (sete), tanto para os gêneros femininos como para o masculino, também unidades que atendem aos dois.

As participações desta dissertação atingiram o quantitativo proposto em seu projeto, mínimo de 24 a nível estadual e mínimo de 8 por região. Com isso, efetivou-se uma pesquisa representativa em questões geográficas, culturais, sociais, de gênero e idade, ao contemplar desde os 14 aos 20 anos de idade. Ressaltamos que todos os participantes assinaram eletronicamente o TALE ao iniciarem a pesquisa. No próprio formulário, foram analisadas as respostas daqueles que assinalaram o desejo de participar “(X) Sim”. Em comparação ao número total de vagas ou capacidade instalada, 1110 (ver Figura 2), disponibilizada no estado do Paraná para Semiliberdade (133), Internação Provisória (367) e Internação (610), o *corpus* equivale a 4,23% desse representativo²⁶. O TALE seguiu e respeitou o modelo divulgado pelo CEP, e, ao final dele, seção 1 do formulário, constava a especificação de que o participante tinha a opção voluntária de participação desta pesquisa:

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO PARTICIPANTE. Eu li e discuti com o pesquisador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados exclusivamente para o propósito acima descrito. Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas. **APÓS TODA A LEITURA ATÉ AQUI, QUER PARTICIPAR DA PESQUISA?** (Google, 2022).

Para aqueles que desejam receber ao final os resultados desta pesquisa, destaca-se um campo onde poderiam informar o e-mail; uma cópia da pesquisa final

²⁶ Desde o início da pandemia de covid-19, as unidades socioeducativas estão abaixo de suas capacidades. Damos como exemplo uma das unidades participantes que, em primeiro contato, não havia nenhum adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. Devido ao acesso ao BI ser restrito, não obtivemos a informação do quantitativo de atendimento no estado do Paraná (meio fechado).

será enviada para as comarcas judiciais, ao DEASE (CGS) e às Unidades Socioeducativas, com planejamento de se tornar um livro. O questionário *on-line* está dividido em 3 (três) seções: 1ª, TALE; 2ª, Perfil Sociodemográfico; e 3ª, Evocação sobre a Morte; estas duas últimas constituem as partes 1 e 2 da pesquisa. Ao total, foram 46 questões, algumas delas com desenvolvimento das respostas recebendo o número da questão seguida de uma letra do alfabeto. Veja-se um exemplo de uma das que mais se desdobrou: 19.a), 19.b) e 19.c), com isso totalizando 75, ao incluir o aceite e o recebimento da pesquisa. As questões que tinham as opções “Outra/s” e “Qual/ais” comportavam campos próprios para serem esclarecidas.

As respostas no questionário *on-line* dos participantes são a análise desta dissertação. Elas, além de descrever os participantes, proporcionaram a eles a oportunidade de nos dizer o que pensam sobre a morte e refletir sobre o assunto, de maneira a contextualizar sobre suas vidas e atitudes que os levam a cumprir uma medida socioeducativa em meio fechado; são essas respostas que nos revelam a representação – ou as de morte. Para alguns, isso pode ser algo sensível, mas, enquanto pesquisadores, trata-se de uma compreensão que pode revelar, justificar e responder muito sobre eles, como também sobre a nossa sociedade.

4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

Para início das análises, apresentamos o perfil sociodemográfico dos participantes, revelando que a primeira parte da pesquisa teve por objetivo realizar um levantamento acerca dos participantes do estudo, analisando-os de forma ampla e geral, sem caracterizações e/ou individualizações. A análise do perfil sociodemográfico, parte 1, foi subdividida em 5 (cinco) categorias criadas, a posteriori, anteriormente à coleta de dados, objetivando (1ª) saber mais sobre os participantes, como suas características pessoais; (2ª) os graus de escolarização; (3ª) suas origens/meio social e composição familiar; (4ª) suas rendas/recursos/moradia e, não obstante, (5ª) seus sonhos e desejos para o futuro. Para atender a cada uma das cinco categorias, agruparam-se as respostas obtidas das questões 1 a 33. O Quadro 19 ilustra a composição entre as categorias e as questões correspondentes.

QUADRO 19: PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO: CATEGORIAS E SUAS QUESTÕES

CATEGORIAS	QUESTÕES ²⁷
Características pessoais	2-3-4-5-6-7
Escolarização	8-9-24-25
Raízes	1-10-14-15-16-17-18-19-20-26-31
Estrutura	11-12-13-21-22-23-27-28-29-30
Sonhos	32-33

FONTE: elaboração própria (2022).

O Quadro 19 elencou o perfil sociodemográfico dos 47 participantes da pesquisa (21 na região 1, 17 na região 2 e 9 na região 3), viabilizando um panorama geral com o levantamento realizado via questões de ordem quantitativa, que corresponderam a informações acerca da identidade de gênero, raça/etnia, idade, orientação sexual, estado civil, dentre outras. Em meio às respostas, um participante não deu assentimento, portanto suas respostas foram desconsideradas.

QUADRO 20: PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA²⁸

ANO DE NASCIMENTO DOS PARTICIPANTES	Região 1	Região 2	Região 3
2002	1 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)
2003	4 (19,2%)	0 (0%)	2 (22,2%)
2004	6 (28,8%)	8 (46,4%)	4 (44,4%)
2005	5 (24%)	4 (23,2%)	1 (11,1%)
2006	2 (9,6%)	4 (23,2%)	2 (22,2%)
2007	2 (9,6%)	1 (5,8%)	0 (0%)
2008	1 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	2004 = 18 (37,8%)		
IDADE DOS PARTICIPANTES	Região 1	Região 2	Região 3
14 anos	1 (4,8%)	1 (5,8%)	0 (0%)
15 anos	3 (14,4%)	0 (0%)	0 (0%)
16 anos	1 (4,8%)	7 (40,6%)	2 (22,2%)

²⁷ A análise e o agrupamento das questões não necessariamente seguiram sua sequência numérica. Para acesso a integralidade das questões e sua sequência, consultar o Apêndice 1.

²⁸ Sobre os valores quantitativos (percentuais) das regiões: 1, 21 (100%) participantes, para cada participante (1), equivale a 4,8 %; 2, 17 (100%) participantes, para cada participante (1), equivale a 5,8%; e 3, 9 (100%) participantes, para cada participante (1), equivale a 11,1%. Já sobre a totalidade das três (3) regiões, foram 47 (100%) participações, para cada participante (1), equivalendo a 2,1%. Considerar esses valores nas análises.

17 anos	9 (43,2%)	6 (34,8%)	3 (33,3%)
18 anos	6 (28,8%)	3 (17,4%)	4 (44,4%)
19 anos	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
20 anos	1 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	17 ANOS = 18 (37,8%)		
IDENTIDADE DE GÊNERO DOS PARTICIPANTES			
	Região 1	Região 2	Região 3
Mulher cisgênero	15 (72%)	2 (11,6%)	0 (0%)
Homem cisgênero	4 (19,2%)	15 (87%)	9 (100%)
Homem transgênero	2 (9,6%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	HOMEM CISGÊNERO = 28 (58,8%)		
ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS PARTICIPANTES			
	Região 1	Região 2	Região 3
Bissexual	3 (14,4%)	0 (0%)	0 (0%)
Heterossexual	18 (86,4%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	HETEROSSEXUAL = 44 (92,4%)		
COR/ETNIA DOS PARTICIPANTES			
	Região 1	Região 2	Região 3
Branca (o)	7 (33,6%)	9 (52,2%)	3 (33,3%)
Preta (o)	5 (24%)	3 (17,4%)	0 (0%)
Parda (o)	9 (43,2%)	5 (29%)	6 (66,6%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	PARDA (O) = 20 (42%)		
ESTADO CIVIL DOS PARTICIPANTES			
	Região 1	Região 2	Região 3
Solteira (o)	20 (96%)	14 (81,2%)	8 (88,8%)
Casada (o)	0 (0%)	2 (11,6%)	0 (0%)
Juntada (o) – Mora juntos	1 (4,8%)	1 (5,8%)	1 (11,1%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SOLTEIRA (O) = 43 (90,3%)		
ESCOLARIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES			
	Região 1	Região 2	Região 3
Ensino Fundamental I incompleto (1º ao 5º ano)	0 (0%)	1 (5,8%)	0 (0%)
Ensino Fundamental II incompleto (5º ao 9º ano)	14 (67,2%)	11 (63,8%)	7 (77,7%)
Ensino Fundamental II completo (5º ao 9º ano)	0 (0%)	1 (5,8%)	2 (22,2%)
Ensino Médio incompleto	7 (33,6%)	3 (17,4%)	0 (0%)
Ensino Médio completo	0 (0%)	1 (5,8%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	ENSINO FUNDAMENTAL II INCOMPLETO (5º AO 9º ANO) = 32 (67,2%)		

MORADIA DOS PARTICIPANTES	Região 1	Região 2	Região 3
Casa	18 (86,4%)	16 (92,8%)	8 (88,8%)
Barraco	2 (9,6%)	0 (0%)	1 (11,1%)
Apartamento	1 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)
Outra	0 (0%)	1 (5,8%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	CASA = 42 (88,2%)		
SITUAÇÃO DA MORADIA DOS PARTICIPANTES	Região 1	Região 2	Região 3
Própria	13 (62,4%)	9 (52,2%)	6 (66,6%)
Alugada	6 (28,8%)	6 (34,8%)	2 (22,2%)
Invasa	1 (4,8%)	1 (5,8%)	0 (0%)
Favor	1 (4,8%)	1 (5,8%)	1 (11,1%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	PRÓPRIA = 28 (58,8%)		
QUANTIDADE DE PESSOAS QUE MORAM COM OS PARTICIPANTES	Região 1	Região 2*	Região 3
1 pessoa	3 (14,4%)	1 (5,8%)	1 (11,1%)
2 pessoas	2 (9,6%)	3 (17,4%)	3 (33,3%)
3 pessoas	5 (24%)	5 (29%)	2 (22,2%)
4 pessoas	5 (24%)	2 (11,6%)	1 (11,1%)
5 pessoas	6 (28,8%)	2 (11,6%)	0 (0%)
6 pessoas	0 (0%)	1 (5,8%)	0 (0%)
7 pessoas	0 (0%)	1 (5,8%)	0 (0%)
8 pessoas	0 (0%)	0 (0%)	2 (22,2%)
TOTAL	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	46 (98,7%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	3 PESSOAS = 12 (25,2%)		
*Na Região 2 das 17 participações, 1 (5,8%) não respondeu			
PESSOAS QUE RESIDIAM COM OS PARTICIPANTES*	Região 1	Região 2	Região 3
Pai e Mãe	5 (24%)	6 (34,6%)	4 (44,4%)
Somente Pai	1 (4,8%)	1 (5,8%)	0 (0%)
Somente Mãe	3 (14,4%)	6 (34,6%)	2 (22,2%)
Com Irmãos/ Irmãs	8 (38,4%)	7 (40,6%)	4 (44,4%)
Com Avós	3 (14,4%)	0 (0%)	2 (22,2%)
Com Tio e/ou Tia	1 (4,8%)	1 (5,8%)	1 (11,1%)
Com Amigos/Amigas	0 (0%)	1 (5,8%)	2 (22,2%)
Outra	15 (72%)	5 (29%)	2 (22,2%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)

TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	OUTRA = 22 (46,2%)		
*Questão com mais de uma resposta por participante			
OS PARTICIPANTES TÊM FILHA E/OU FILHO	Região 1	Região 2*	Região 3
Não	19 (91,2%)	15 (87%)	6 (66,6%)
Sim	2 (9,6%)	1 (5,6%)	3 (33,3%)
TOTAL	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	46 (96,6%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	NÃO = 40 (84%)		
*Na Região 2 das 17 participações, 1 (5,8%) não respondeu			
OS PARTICIPANTES TÊM MÃE VIVA	Região 1	Região 2	Região 3
Sim	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
Não	0 (0%)	1 (5,8%)	0%
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SIM = 46 (96,6%)		
OS PARTICIPANTES TÊM PAI VIVO	Região 1	Região 2*	Região 3
Sim	20 (96%)	13 (75,4%)	7 (77,7%)
Não	1 (4,8%)	3 (17,4%)	2 (22,2%)
TOTAL	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	46 (96,6%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SIM = 41 (86,1%)		
*Na Região 2 das 17 participações, 1 (5,8%) não respondeu			
OS PARTICIPANTES TÊM IRMÃO E/OU IRMÃ	Região 1	Região 2	Região 3
Sim	21 (100%)	16 (92,8)	8 (88,8%)
Não	0 (0%)	1 (5,6%)	1 (11,1%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SIM = 45 (94,5%)		
QUANTIDADE DE IRMÃO(S) E/OU IRMÃ(S) DOS PARTICIPANTES	Região 1	Região 2*	Região 3**
1	3 (14,4%)	2 (11,6%)	0 (0%)
2	6 (28,8%)	2 (11,6%)	0 (0%)
3	5 (24%)	3 (17,4%)	2 (22,2%)
4	3 (14,4%)	3 (17,4%)	2 (22,2%)
5	0 (0%)	1 (5,8%)	0 (0%)
6	2 (9,6%)	0 (0%)	2 (22,2%)
7	1 (4,8%)	1 (5,8%)	2 (22,2%)
10	0 (0%)	1 (5,8%)	0 (0%)
13	1 (4,8%)	1 (5,8%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	14 (81,2%)	8 (88,8%)

TOTAL GERAL	42 (88,2%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	3 = 10 (21%)		
*Na Região 2 das 17 participações, 3 (17,4%) não responderam **Na Região 3 das 9 participações, 1 (11,1%) não respondeu			
IRMÃO(S) E/OU IRMÃ(S) MENORES DE 18 ANOS DOS PARTICIPANTES	Região 1*	Região 2**	Região 3***
Nenhum	7 (33,6%)	3 (17,4%)	2 (22,2%)
1	6 (28,8%)	4 (23,2%)	0 (0%)
2	4 (19,2%)	4 (23,2%)	4 (44,4%)
3	1 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)
4	0 (0%)	2 (11,6%)	2 (22,2%)
8	0 (0%)	1 (5,8%)	0 (0%)
Todos	2 (9,6%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	20 (96%)	14 (81,2%)	8 (88,8%)
TOTAL GERAL	42 (88,2%)		
DESTAQUES DO TOTAL GERAL	NENHUM = 12 (25,2%) 2 = 12 (25,2%)		
*Na Região 1 das 21 participações, 1 (4,8%) não respondeu **Na Região 2 das 17 participações, 3 (17,4%) não responderam ***Na Região 3 das 9 participações, 1 (11,1%) não respondeu			
ORDEM DE NASCIMENTO DOS PARTICIPANTES	Região 1*	Região 2**	Região 3***
Mais velha (o)	5 (24%)	7 (40,7%)	1 (11,1%)
Entre as (os) do meio	12 (57,6%)	4 (23,2%)	6 (66,6%)
Mais nova (o)	3 (14,4%)	4 (23,2%)	1 (11,1%)
TOTAL	20 (96%)	15 (87%)	8 (88,8%)
TOTAL GERAL	43 (90,3%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	ENTRE AS (OS) DO MEIO = 22 (46,2%)		
*Na Região 1 das 21 participações, 1 (4,8%) não respondeu **Na Região 2 das 17 participações, 2 (11,6%) não responderam ***Na Região 3 das 9 participações, 1 (11,1%) não respondeu			
IRMÃO(S) E/OU IRMÃ(S) QUE JÁ MORRERAM DOS PARTICIPANTES	Região 1	Região 2	Região 3
Não	18 (86,4%)	16 (92,8%)	7 (77,7%)
Sim	3 (14,4%)	1 (5,8%)	2 (22,2%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	NÃO = 41 (86,1%)		
OS PARTICIPANTES TÊM AVÓS VIVOS			
Sim	19 (91,2%)	14 (81,2%)	8 (88,8%)
Não	2 (9,6%)	3 (17,4%)	1 (11,1%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SIM = 41 (86,1%)		
OS PARTICIPANTES CONVIVERAM COM ALGUM DOS AVÓS			
	Região 1*	Região 2**	Região 3***

Sim	4 (19,2%)	5 (29%)	5 (55,5%)
Não	0 (0%)	2 (11,6%)	0 (0%)
TOTAL	4 (19,2%)	7 (40,6%)	5 (55,5%)
TOTAL GERAL	16 (33,6%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SIM = 14 (29,4%)		
*Na Região 1 das 21 participações, 17 (81,6%) não responderam			
**Na Região 2 das 17 participações, 10 (58%) não responderam			
***Na Região 3 das 9 participações, 4 (44,4%) não responderam			
OS PARTICIPANTES QUE TÊM EQUIPAMENTOS DOMÉSTICOS EM SUA CASA*	Região 1	Região 2	Região 3
Geladeira	20 (96%)	14 (81,2%)	8 (88,8%)
Aspirador de pó	5 (24%)	3 (17,4%)	2 (22,2%)
Ar-condicionado	1 (4,8%)	0 (0%)	1 (11,1%)
Ventilador	13 (62,4%)	16 (92,8%)	7 (77,7%)
Aquecedor	2 (9,6%)	1 (5,8%)	1 (11,1%)
Fogão	20 (96%)	16 (92,8%)	9 (100%)
Micro-ondas	19 (91,2%)	11 (63,8%)	4 (44,4%)
Forno elétrico	12 (57,6%)	1 (5,8%)	5 (55,5%)
Liquidificador	18 (86,4%)	16 (92,8%)	8 (88,8%)
Batedeira	16 (76,8%)	11 (63,8%)	5 (55,5%)
Máquina de lavar roupas	19 (91,2%)	16 (92,8%)	8 (88,9%)
Ferro elétrico	13 (62,4%)	12 (69,6%)	6 (66,6%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	FOGÃO = 45 (94,5%)		
*Questão com mais de uma resposta por participante			
OS PARTICIPANTES QUE TÊM EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS EM SUA CASA*	Região 1	Região 2	Região 3
Televisão	19 (91,2%)	16 (92,8%)	7 (77,7%)
Rádio	18 (85,4%)	12 (69,6%)	5 (55,5%)
Telefone fixo	4 (19,2%)	0 (0%)	1 (11,1%)
Celular	21 (100%)	17 (100%)	8 (88,8%)
Notebook	8 (38,4%)	3 (17,4%)	2 (22,2%)
Computador	6 (28,8%)	2 (11,6%)	1 (11,1%)
Outro (s)	1 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	CELULAR = 46 (96,6%)		
*Questão com mais de uma resposta por participante			
OS PARTICIPANTES TINHAM ACESSO À INTERNET? *	Região 1	Região 2	Região 3
Sim	13 (62,4%)	13 (75,4%)	5 (55,5%)
Não	8 (38,4%)	4 (23,2%)	4 (44,4%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		

DESTAQUE DO TOTAL GERAL		SIM = 31 (65,1%)		
*antes do cumprimento da medida socioeducativa				
PREFERÊNCIA DE LEITURA DOS ADOLESCENTES*		Região 1	Região 2	Região 3
Livro		12 (57,6%)	10 (58%)	5 (55,5%)
Revista		1 (4,8%)	2 (11,6%)	1 (11,1%)
Jornal Impresso		1 (4,8%)	1 (5,8%)	0 (0%)
Gibi/Quadrinhos/Mangá/HQs		5 (24%)	9 (52,2%)	2 (22,2%)
Notícias on-line		11 (52,8%)	10 (58%)	1 (11,1%)
Não gosto de ler		6 (28,8%)	5 (29%)	3 (33,3%)
TOTAL		21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL		47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL		LIVRO = 27 (56,7%)		
*Questão com mais de uma resposta por participante				
ACESSO ÀS NOTÍCIAS DOS PARTICIPANTES*		Região 1	Região 2	Região 3
Telejornal - Televisão		12 (57,6%)	11 (63,8%)	6 (66,6%)
Rádio		6 (28,8%)	3 (17,4%)	1 (11,1%)
Internet		9 (43,2%)	15 (87%)	4 (44,4%)
Redes Sociais		13 (62,4%)	13 (75,4%)	4 (44,4%)
Em todos mencionados acima		4 (19,2%)	2 (11,6%)	0 (0%)
TOTAL		21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL		47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL		REDES SOCIAIS = 30 (63%)		
*Questão com mais de uma resposta por participante				
RENDA FAMILIAR MENSAL DOS PARTICIPANTES*		Região 1	Região 2	Região 3
Não tem base		6 (28,8%)	2 (11,6%)	1 (11,1%)
Menos de 1 salário-mínimo		0 (0%)	1 (5,8%)	1 (11,1%)
1 salário-mínimo		3 (14,4%)	3 (17,4%)	1 (11,1%)
2 salários-mínimos		3 (14,4%)	4 (23,2%)	2 (22,2%)
Mais de 2 salários-mínimos		7 (33,6%)	2 (11,6%)	0 (0%)
Não sabe		2 (9,6%)	5 (29%)	4 (44,4%)
TOTAL		21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL		47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL		NÃO SABE = 11 (23,1%)		
*A base é o salário-mínimo nacional (R\$1.100,00)				
RESPONSÁVEL(EIS) PELA RENDA FAMILIAR NA CASA DOS PARTICIPANTES*		Região 1	Região 2**	Região 3
Mãe		8 (38,4%)	10 (58%)	8 (88,8%)
Pai		4 (19,2%)	4 (23,2%)	1 (11,1%)
Participante		3 (14,4%)	1 (5,8%)	0 (0%)
Padrasto		3 (14,4%)	1 (5,8%)	2 (22,2%)
Avós		4 (19,2%)	0 (0%)	0 (0%)
Irmãos		1 (4,8%)	2 (11,6%)	0 (0%)
Companheiros		3 (14,4%)	2 (11,6%)	0 (0%)
Sogra		1 (4,8%)	1 (5,8%)	0 (0%)
Madrasta		1 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)
Tio		0 (0%)	0 (0%)	1 (11,1%)
Amigos		0 (0%)	1 (5,8%)	0 (0%)

Todas da casa	1 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	15 (87%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	45 (94,5%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	MÃE = 26 (54,6%)		
*Questão com mais de uma resposta por participante			
**Na Região 2 das 17 participações, 2 (11,6%) não responderam			
OS PARTICIPANTES RECEBIAM O BOLSA FAMÍLIA?	Região 1	Região 2	Região 3
Sim	4 (19,2%)	4 (23,2%)	4 (44,4%)
Não	17 (81,6%)	11 (63,8%)	5 (55,5%)
Não sabe	0 (0%)	2 (11,6%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	NAO = 33 (69,3%)		
OS PARTICIPANTES PRATICAM/SEGUEM/ACREDITAM EM ALGUMA RELIGIÃO?			
	Região 1	Região 2	Região 3
Sim	18 (88,4%)	13 (75,4%)	4 (44,4%)
Não	3 (14,4%)	4 (23,2%)	5 (55,5%)
TOTAL	21 (100%)	17 (100%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	47 (100%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SIM = 35 (73,5%)		
RELIGIÕES/CRENÇAS DOS PARTICIPANTES			
	Região 1*	Região 2**	Região 3***
Católica	5 (24%)	6 (34,6%)	1 (11,1%)
Evangélica	13 (62,4%)	7 (40,6%)	2 (22,2%)
Umbanda	1 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)
Deus	0 (0%)	0 (0%)	1 (11,1%)
TOTAL	18 (86,4)	13 (75,4%)	4 (44,4%)
TOTAL GERAL	35 (73,5%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	EVANGÉLICA = 22 (46,2%)		
*Na Região 1 das 21 participações, 2 (9,6%) não responderam			
**Na Região 2 das 17 participações, 4 (23,2%) não responderam			
***Na Região 3 das 9 participações, 5 (55,5%) não responderam			

FONTE: elaboração própria (2023).

Antes de iniciar a análise desta pesquisa, é essencial compreender quem são os participantes dela. Saber um pouco sobre eles é dar oportunidade ao protagonismo, mesmo não havendo identificação. É desocultar, mesmo uma grande parcela da sociedade querendo esconder esses sujeitos. Faz-se preciso escutá-los e não os silenciar.

A primeira categoria, características pessoais, irá sutilmente nos relevar quem são os participantes desta pesquisa, porém sem identificá-los. Conforme demonstrado no Quadro 20, ao comparar as identidades de gênero dos participantes das três regiões pesquisadas, observamos que há uma descontinuidade das identificações. Na região 1, a maioria das participações é do gênero “Mulher Cisgênero”, 72%; já nas regiões 2 e 3, a maioria é do gênero “Homem Cisgênero”, 87% e 100%, respectivamente.

O termo 'Cis' equivale às pessoas que se identificam com o gênero designado ao nascer, porém esse quadro nos apontou o autorreconhecimento dos participantes em ser "Homem Transgênero", 9,6% somente na região 1. Esse termo concerne às pessoas que não se identificam com o gênero designado ao nascer. Em termos de participação geral, o gênero "Homem Cisgênero" compõe a maioria dentre as participações, somando-se 58,8%. As demais identidades de gêneros possibilitadas na questão não obtiveram nenhuma participação, por isso não são descritas nesta pesquisa.

Possivelmente, o termo "Transgênero" apareceu somente na região 1 devido a dois fatores: o primeiro é que a unidade CENSE Ponta Grossa tem uma casa exclusiva para atender a comunidade LGBTI+; o segundo é que, nessa região, encontram-se duas das três unidades exclusivas para as adolescentes do gênero feminino, no entanto é um reflexo de nossa sociedade pautada no patriarcado (Freyre, 2006), com respaldo, igualmente, no machismo e em preconceitos, inclusive LGBTIfobia, Homofobia, Transfobia, que, diante da antiga conjuntura política, ficaram ainda mais explícitos. Entretanto, não há dúvidas de que tenha partido de uma das unidades femininas, que, ante o público geral, essas adolescentes podem ser consideradas "lésbicas", mas que se identificam e se reconhecem como homens. Devido ao machismo estruturado na sociedade brasileira, é pouco provável ter uma unidade dedicada ao gênero masculino, ainda mais algum adolescente, aparentemente do gênero masculino, identificar-se como sendo transgênero.

Outro aspecto importante sobre quem são os participantes diz respeito às suas orientações sexuais, buscando compreender, minimamente, a forma como esses jovens se relacionam sexualmente, o que também para a sociedade brasileira é um assunto coibido, cerceado, tabu, principalmente nas escolas, mas que, em termos de pesquisa e de perfil sociodemográfico, é importante o (re)conhecimento.

De acordo com o Quadro 20, nas regiões 2 e 3, os participantes são unânimes ao afirmarem 100% heterossexuais; e, na região 1, 86,4% se consideram heterossexuais e 14,4% bissexuais. Dados que demonstram que nenhum dos participantes se relacionam sexualmente, exclusivamente, com o mesmo gênero, relações homoafetivas. Como também nenhuma participação se identificou nas outras orientações disponibilizadas na questão, devido a isso, surgindo as seguintes dúvidas: há uma falta de conhecimento sobre os termos e seus significados? Ou será a reafirmação do patriarcado influenciando os participantes em suas sexualidades?

A sociedade, em geral, também se identifica ou auto se (re)conhece de outras formas. Sua cor e seu pertencimento étnico são exemplos, ao passo que

a nossa pesquisa questionou aos seus participantes suas autoidentificações de raça/cor. Observando o Quadro 20, nota-se, na região 1, um equilíbrio entre pardos, 43,2%, e brancos, 33,6%; pretos representam 24%. Já a região 2 também apresentou a triangulação, porém sem o mesmo equilíbrio e as ordens se inverteram: brancos 52,2%, pardos 29% e pretos 17,4%. E, na região 3, observou-se o dueto pardos, maioria, 66,6% e brancos 33,3%. Nessa pesquisa, por parte das participações, há isenção dos amarelos, entendidos como os orientais em nossa sociedade, e dos povos originários, indígenas.

Sousa (2012) evidenciou que, no estado do Pará, prevaleciam adolescentes cumprindo medida socioeducativa autodenominados negros. Nesta pesquisa, dentre as 47 participações, 8 (16,85%) auto se declaram preta ou preto, a mais baixa entre as 3 (três) opções refletidas nas respostas, e, dentre as regiões, a 3 foi a com maior participação entre os 9,6 (66,6%). Dentre as 47 participações, destacamos que 42% se autodeclaram pardos, com isso se afirma a miscigenação dos povos brasileiros.

Continuando a identificação dos participantes da pesquisa, as idades informadas podem ser outro quesito para essa configuração de quem são elas e eles, e em qual momento estão na fase de suas vidas. As idades informadas variaram dos 14 aos 20 anos a nível estadual e, dentre as regiões, esse estrato etário não seguiu um padrão.

A tríade etária de 16, 17 e 18 anos dos participantes varia entre as três regiões. A faixa etária dos 17 anos, nascidos em 2004, foi a maioria na somatória entre elas; os sujeitos completaram a maioridade no ano de 2022. Lembramos que, juridicamente, e previsto no ECA e SINASE, para o cumprimento de medida socioeducativa, a data considerada é a do ato infracional, por isso não é incomum idades acima dos 18 anos de idade, e, para aqueles que completam 21 anos dentro de um cumprimento de medida socioeducativa, ocorre o desinternamento compulsório.

Para finalizar a primeira categoria, os participantes informaram seus estados civis. Importante destacar que, mesmo sendo menores de idades, muitos compartilham suas vidas com companheiras e companheiros. Nas três regiões, a percentagem dominante foi a de solteiro(a), 96%, 81,2% e 88,8%, respectivamente. Para fins desta pesquisa, das 47 participações, 43 são solteiros.

Diante do exposto até aqui, apreende-se que o perfil dos participantes do estudo é composto por Homens Cisgênero, seguido por Mulheres Cisgênero, ambos

heterossexuais, autodeclarados pardos, com idade predominante de 17 anos e solteiros, conforme aponta o Quadro 20.

A próxima categoria a ser analisada é composta pela escolarização dos socioeducandos. Analisando o Quadro 20, observa-se que há predominância dos participantes, 67,2%, estarem cursando o Ensino Fundamental II, o que corresponde do 6º ao 9º ano (ainda há quem classifica como anos finais do Ensino Fundamental). Em síntese, essa é a fase educacional predominante deles, que se distribui da seguinte maneira: região 1, 67,2%; região 2, 63,8%; e região 3, 77,7%. Para as regiões 1 e 2, além da proporcionalidade de serem próximas no Ensino Fundamental II incompleto, outra coincidência, o segundo mais indicado foi o Ensino Médio incompleto. Para a região 1, a proporção está em 33,6% (para essa região, somente foram indicados o Ensino Fundamental II e Ensino Médio incompletos). Já para a região 2 é de 17,4%, sendo essa, também, a região mais diversificada em fases escolares. Seguem as outras proporções: Ensino Fundamental I incompleto (1º ao 5º ano), Ensino Fundamental II completo (6º ao 9º ano) e Ensino Médio completo, os três indicativos com exatos 5,8%.

A região 2 também imprimiu uma singularidade, um único participante a ter o Ensino Básico²⁹ completo, ou seja, apenas um jovem concluiu o básico da formação escolar brasileira. Finalizando essa parte da análise, a Região 3 seguiu a tendência da Região 1, onde foram apontadas duas fases, além da informada neste parágrafo, a outra foi de 22,2% para o Ensino Fundamental II completo. Sousa (2012) relata sobre a defasagem escolar entre idade/série e um baixo nível escolar dentre os que cumprem medida socioeducativa. Diante desse relato, o fazer socioeducação, assim como a sua etimologia, o pedagógico, está em todos os seus espaços, por isso a educação precisa ser primordial a cada dia da execução da medida, além do fortalecimento de políticas públicas ou a falta delas, conforme ponderam Rezende Jr. e Sá (2016), ou ao que Sousa (2012), Brondani e Arpini (2019) mencionam como defasagem, mas como oportunidade individual ao conhecimento e, conseqüentemente, opção de escolhas em sua transformação pessoal. Segundo Freitas (2017, p. 24): “mudanças em suas relações sociais” e descontinuar a descrença educacional parece ter se iniciado no contexto familiar, ao que Brondani e Arpini (2019) atribuem.

²⁹ De acordo com a LDBEN, compreende-se o Ensino Básico sendo a junção do Ensino Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio.

Foi questionado aos participantes quais são suas preferências na leitura. Unanimemente, o livro foi o mais indicado nas três regiões, total de 27, o que representa 56,7% das 47 participações. Na região 1, o livro foi 57,6% seguido por notícias *on-line*, com 52,8%; na região 2, houve empate técnico entre livro e notícias *on-line*, sendo 58% cada um nas preferências de leitura; e, na região 3, o livro representa 55,5% dos 9 participantes, em seguida foi a afirmação “não gosto de ler” sendo 33,3%.

Em pergunta posterior, compondo a mesma categoria do perfil sociodemográfico, questionou-se aos participantes sobre suas formas de acesso às notícias. Julgamos essa pergunta de extrema relevância, já que ela nos possibilitou compreender como os participantes se atualizam sobre as questões da vida social e cultural que as permeiam, como sabem dos acontecimentos do cotidiano e de questões gerais, como trabalham com uma fonte alternativa e essencial de aprendizado.

Observou-se, ainda no Quadro 20, que os adolescentes acessam e buscam notícias nas seguintes fontes: região 1, redes sociais (*Facebook, Instagram, Twitter, TikTok, WhatsApp*), 13 (62,4%), telejornal - televisão, 12 (57,6%); internet, 9 (43,2%); rádio, 6 (28,8%); em todas as opções disponibilizadas na questão, 4 (19,2%), não ouço e/ou vejo e/ou leio e outro(s) não foram assinalados. Já a região 2 apresentou outra configuração, apontando a internet com 15 (87%), redes sociais, 13 (75,4%), telejornal - televisão, 11 (63,8%), rádio, 3 (17,4%); em todas as opções, 2 (11,6%); e não ouço e/ou vejo e/ou leio e outro(s) não foram assinalados. Finalizando, a região 3 também apresentou configuração própria: telejornal - televisão, 6 (66,6%); internet e redes sociais, 4 cada (44,4%); rádio 1 (11,1%). As demais opções não foram selecionadas.

Na única questão aberta, qualitativa, da categoria correspondente ao que os participantes pensam a respeito da escola e/ou do ato de estudar, ressalta-se que, para esses pesquisadores, os dois conceitos (escola e estudar) foram utilizados como sinônimos. A questão, 9) Qual importância da escola/estudar para você? e as respostas possíveis a elas, além da oportunidade de exercerem o protagonismo, a liberdade de expressão, concede-se aos agentes da educação um momento de reflexão sobre quais melhorias pessoais e coletivas podem ser corrigidas e quais devem ser reforçadas diante de suas predileções. A análise dessa questão seguirá o padrão da coletividade, sem ainda atribuir as respostas individuais aos seus respondentes, conforme estão catalogadas na Tabela 1.

TABELA 1: IMPORTÂNCIA DA ESCOLA/ESTUDAR POR PARTE DOS PARTICIPANTES

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº DE CITAÇÃO E FREQUÊNCIA (%)	UNIDADE DE REGISTRO (UR)	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
Escolarização	Multi Importâncias	12 (25,2%)	<p>[...] pessoa melhor, fazer uma faculdade.</p> <p>[...] tornar alguém na vida [...] para o aprendizado, para o futuro.</p> <p>[...] boa estabilidade financeira [...] psicológica</p> <p>[...] trabalho bom e aprender [...]</p> <p>[...] trabalho digno e estudar pra ter um futuro melhor</p> <p>[...] emprego digno e uma formacao boa</p> <p>[...] crescer e ter um serviço bom</p> <p>[...] adquirir conhecimento, e alcançar sonhos.</p> <p>pra aprender [...] ter um bom trabalho</p> <p>[...] ser alguém na vida, ter uma condição melhor [...] ser inteligente</p> <p>[...] boa coisa no futuro, e os trabalhos aceitam ensino médio completo</p>	<p>Pra se tornar uma pessoa melhor, fazer uma faculdade.</p> <p>bom, sem o estudo não seríamos nada e é preciso ter ensino pra poder se tornar alguém na vida. os estudos são importantes para o aprendizado e para o futuro.</p> <p>Para ter uma boa estabilidade financeira quanto psicológica.</p> <p>de ter um trabalho bom e aprender sobre várias coisas</p> <p>arrumar um trabalho digno e estuda pra ter um futuro melhor</p> <p>sem estudo nao somos nada! estudar para um dia nos ter um emprego digno e uma formacao boa</p> <p>Para crescer e ter um serviço bom</p> <p>É importante, para adquirir conhecimento, e alcançar sonhos.</p> <p>pra aprender, pra quando crescer ter um bom trabalho</p> <p>Para ser alguém na vida, ter uma condição melhor de vida e ser inteligente</p> <p>estudar para ter uma boa coisa no futuro, e os trabalhos aceitam o ensino médio completo</p>

			[...] aprende [...] ajudar no futuro [...]	porque a gente tem que aprende e também porque vai ajudar no nosso futuro. Estudando a gente pode chegar em qualquer lugar. Porque se a gente quer ser alguém na vida precisa estudar.
Escolarização	Laboral	9 (18,9%)	[...] conseguir um bom trabalho [melhor colocação no mercado de trabalho. [...] conseguir um trabalho [...] se não tiver estudo não consegue trabalho [...] ter uma profissão digna [...] arrumar emprego [...] bom serviço [...] ter um ramo profissional [...] arrumar um trabalho para o trabalho	necessário para conseguir um bom trabalho Hoje, vejo a necessidade de completar os estudos para conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho. Para conseguir um trabalho porque se não tiver estudo não consegue trabalho Pra gente ter uma profissão digna é bom para arrumar emprego hoje em dia a escola é importante para tem um bom serviço e também prosseguir com os com estudos e ter um ramo profissional importante para arrumar um trabalho para o trabalho
Escolarização	Aprendizagem / Conhecimento	7 (14,7%)	[...] conhecimento [...] mais inteligente [...] conhecimento [...] conhecimento [...] aprender bastante [...] Aprender	Adquirir conhecimento ficar mais inteligente É importante para te conhecimento adquirir conhecimento Para aprender bastante coisa e ajudar mais pra frente Aprender

			Aprender [...]	Aprender e ser bem sucedido na vida
Escolarização	Futuro	6 (12,6%)	[...] preparar para o futuro [...] futuro melhor [...] alguém no futuro [...] para o futuro [...] bom futuro Melhorar meu futuro	necessário para se preparar para o futuro garantir um futuro melhor Ser alguém no futuro boa para o futuro Um bom futuro Melhorar meu futuro
Escolarização	Direcionadora	6 (12,6%)	[...] sem estudo agente nao e nada. Sem estudo a gente não é nada [...] [...] ter um rumo na vida Melhorar a condição [...] crescer na vida [...] ter um objetivo [...]	A IMPORTANCIA E PORQUE SEM ESTUDO AGENTE NAO E NADA. Sem estudo a gente não é nada na vida muito importante para ter um rumo de vida Melhorar a condição de vida crescer na vida, sem estudo nao chega em lugar nenhum. ter um objetivo na vida
Escolarização	Indefinido	4 (8,4%)	Muito importante Não sei ainda [...] [...] muito importante bem importante	Muito importante Não sei ainda, mas acho que é bom para aprender mais e muito importante bem importante
Escolarização	Sem importância	1 (2,1%)	pouco importante	pouco importante

FONTE: Elaborado por Rosa e Asinelli-Luz (2023).

NOTA: os que não responderam representam 4,2%.

Analisando a Tabela 1, os participantes atribuem mais de 1 (uma) importância à escola e/ou aos estudos; das 47 respostas totais, esse percentual corresponde a 25,2%, equivalente a 12 participantes; as palavras conhecimento, melhores futuros e o

trabalho predominaram diante da indagação sobre o que os estudos/escola podem oferecer aos participantes.

Diante da questão laboral, 18,9% (9) apontaram que os estudos se consubstanciam como uma oportunidade para capacitação profissional e a garantia de bons empregos, considerando essa subcategoria isolada com 'multi importância', concluindo-se que o trabalho (laboral) é o que motiva os adolescentes a frequentarem a escola e atribuírem valor aos estudos, sendo as evocações mais citadas nesta pesquisa. Sousa (2012) atribui a ociosidade da escola e do trabalho aos que cometem ato infracional. Diante dessa afirmação, mais uma vez, a oportunidade é destaque: uma escola eficiente e de qualidade e que a preparação ao mercado de trabalho não seja para fabricar um instrumento da exploração do capital por meio de subempregos, conforme reflete Freitas (2017). A educação qualificada e trabalhos dignos são forças motrizes para novas perspectivas de vidas, e os adolescentes demonstraram essa consciência em suas falas. Porém, Barros (2015b) alerta sobre a falta de neutralidade da escola e dos processos educacionais e sobre a sobreposição do sistema capitalista, convergência ao qual se deve estar atento, uma vez que devemos produzir seres críticos ao mundo social e autônomos, e não corpos robustos treinados em função da execução do trabalho.

Em seguida, questionando-os sobre a aquisição de conhecimento/aprendizagem, apreendeu-se que 14,7% (7) atribuem esse valor aos estudos e à escola. Segundo Brondani e Arpini (2019), há uma frágil relação entre o adolescente e a escola, falta conexão e vínculo, demonstrando que o contexto escolar não faz sentido em suas vidas.

Duas subcategorias (Futuro e Direcionadora), que se interligam, tiveram empate, 12,6%, o que representa 6 participantes, os quais fizeram menção aos seus futuros melhores e apresentaram ter consciência de que tanto a escola como os estudos direcionavam suas vidas para isso, ou seja, os sonhos são capazes de melhorar e mudar suas vidas. Apenas 4 participantes (8,4%) apontaram que o estudo e a escola são importantes, no entanto não foram específicos ao quê, e 1 (2,1%) atribui que, na sua vida, escola e estudo são pouco importantes. Diante do baixo apontamento para a importância da escola, a descrença dos adolescentes para com ela é nítida, como também sua incompletude. Brondani e Arpini (2019) atribuem ao professor uma figura importante para o estreito das relações do adolescente com a instituição escolar, para, assim, estabelecer uma conexão para concretizações de

experiências mais enriquecedoras, ou sejam, referências positivas nas vidas desses adolescentes.

Retomando, aqui, as informações levantadas até agora sobre o perfil dos participantes desta pesquisa, acrescenta-se que são adolescentes que estão cursando o Ensino Fundamental II, 32 (67,2%); que estão conectados às redes sociais, em que 30 (63%) disseram utilizá-las como principal meio de ler/ver/ouvir notícias, mas que também navegam na internet e assistiam a telejornal – televisão; 29 (60,9%) acreditam que a escola e o ato de estudar lhes proporcionarão bons trabalhos.

Ao dar continuidade à análise do perfil sociodemográfico dos participantes, dentro da categoria Raízes, busca-se compreender um pouco sobre o local de nascimento e o convívio familiar e social dos participantes da pesquisa, levantando dados a respeito da maternidade/paternidade, composição familiar, os seus interesses nos tempos e as suas crenças religiosas (sociabilidade). São indagações que compõem a terceira categoria.

A questão 1 teve por objetivo identificar os locais de nascimento dos participantes, buscando identificar aqueles naturalizados do Paraná e aqueles que não são, ao passo que, no sistema socioeducativo brasileiro, há a possibilidade de transferência entre os estados do país, considerando, também, as migrações inter-regionais da população.

QUADRO 21: LOCAIS DE NASCIMENTOS DOS PARTICIPANTES

QUANT.	CIDADE	ESTADO	MESORREGIÃO SOCIOEDUCATIVA PARANAENSE	REGIÃO GEOGRÁFICA PARANAENSE
6	Curitiba	Paraná	Região 1	Metropolitana Capital
5	Londrina	Paraná	Região 2	Norte Central
4	Foz do Iguaçu	Paraná	Região 3	Oeste
3	Santo Antônio da Platina	Paraná	Região 2	Norte Pioneiro
3	Ribeirão do Pinhal	Paraná	Região 2	Norte Pioneiro
2	Amaporã	Paraná	Região 2	Noroeste

2	Chopinzinho	Paraná	Região 3	Sudoeste
2	Pato Branco	Paraná	Região 3	Sudoeste
1	Andirá	Paraná	Região 2	Norte Pioneiro
1	Altônia	Paraná	Região 2	Noroeste
1	Arapongas	Paraná	Região 2	Norte Central
1	Assaí	Paraná	Região 2	Norte Pioneiro
1	Carlópolis	Paraná	Região 2	Norte Pioneiro
1	Cerro Azul	Paraná	Região 1	Metropolitana
1	Clevelândia	Paraná	Região 3	Centro-Sul
1	Imbituva	Paraná	Região 1	Sudeste
1	Jaguapitã	Paraná	Região 2	Norte Central
1	Jaguariaíva	Paraná	Região 1	Centro-Oriental
1	Lapa	Paraná	Região 1	Metropolitana
1	Laranjeiras do Sul	Paraná	Região 3	Centro-Sul
1	Matelândia	Paraná	Região 3	Oeste
1	Nova Fátima	Paraná	Região 2	Norte Pioneiro
1	Paragominas	Pará	-----	-----
1	Pitangueiras	São Paulo	-----	-----
1	Presidente Prudente	São Paulo	-----	-----
1	Prudentópolis	Paraná	Região 1	Sudeste
1	União da Vitória	Paraná	Região 1	Sudeste

1	Uraí	Paraná	Região 2			Norte Pioneiro	
TOTAL	TOTAL DE CIDADES	TOTAL DE ESTADOS	REGIÕES DA SOCIOEDUCAÇÃO			REGIÕES DO PARANÁ	
			R1*	R2*	R3*		
47	28	3	12	22	11	Centro-Oriental	1
						Centro-Sul	2
						Metropolitana	8
						Noroeste	3
						Norte Central	7
						Norte Pioneiro	11
						Oeste	5
						Sudeste	3
						Sudoeste	4
TOTAL DE REGIÕES GEOGRÁFICAS PARANAENSE						9	
TOTAL DE REGIÕES OUTROS ESTADOS						3	

FONTES: elaboração própria (2022).

*Regiões 1, 2 e 3.

NOTA: para verificar a mesorregião socioeducativa paranaense, ver a Figura 1; para as regiões geográficas, ver a Figura 3.

O Quadro 21 aponta que, dentre os 47 (100%) participantes, 42 (88,2%) são naturais do estado do Paraná, e que apenas 3 (6,3%) deles têm suas naturalizações de outros estados brasileiros (São Paulo e Pará). Dentre as 399 cidades paranaenses, 28 delas foram apontadas como seus locais de nascimento. A diversificação territorial também se refletiu, as 3 regiões socioeducativas, como 9 de 10 das regiões geográficas do estado, estão presentes no quadro, com exceção da região Centro-Occidental que não há nenhum dos participantes como origem de nascimento (como também do litoral). O município de Curitiba (capital) foi o local de maior naturalização dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa.

Ainda sobre o contexto de vida dos participantes, questionou-se sobre as suas residências, antes do cumprimento da medida socioeducativa, e com quem eles moravam no momento da coleta de dados. Os participantes tinham a opção de

assinalarem mais de uma alternativa. Antes de receberem suas medidas socioeducativas, os 47 (100%) participantes residiam no estado do Paraná.

Ao cruzar os dados levantados com as opções destacadas pelos jovens nas três regiões analisadas, obtiveram-se os seguintes resultados: Região 1, opções “outra” que representa 72%, com “irmão e/ou irmã”, 38,4% e “pai e mãe”, 24%; Região 2, com “irmão e/ou irmã”, 40,6%, “pai e mãe” e “somente mãe” (empate entre ambas), 34,6% e “outra”, 29%; e a Região 3, “Pai e mãe”, “com irmão e/ou irmã”, ambas 44,4%, somente “mãe”, com “avós”, com “amigos e amigas”, “outra” e com “tia e/ou tio”, cada 22,2%, sendo essa região a mais diversificada, revelando-se a opção tios. Já as regiões 1 e 2 seguiram um padrão, porém com ordem invertida. Para esclarecer a opção “outra”, as respostas dadas pelos participantes são complementares às opções disponibilizadas na questão, a saber, são: cunhados, família do(a) companheiro(a), marido, sobrinhos, padrasto, sozinho, madrasta, namorado(a), filho, pai do padrasto e primos.

A próxima questão da categoria 3 foi um levantamento entre os participantes sobre a maternidade ou paternidade. Uma das palavras apontadas na Revisão Integrativa desta dissertação por meio do Thesaurus INEP foi a “gravidez na adolescência”, reforçando a importância de se perguntar sobre ser mãe ou pai na adolescência dentre os adolescentes que cumprem medida socioeducativa no estado do Paraná, em meio fechado.

Segundo dados brasileiros:

A taxa de gestação na adolescência no Brasil é alta, com 400 mil casos/ano. Quanto à faixa etária, os dados revelam que em 2014 nasceram 28.244 filhos de meninas entre 10 e 14 anos e 534.364 crianças de mães com idade entre 15 e 19 anos. Esses dados são significativos e requerem medidas urgentes (Ministério da Saúde, 2022).

De acordo com o Ministério da Saúde (2022), a gravidez na adolescência é extremamente preocupante, uma vez que a faixa etária das meninas que se tornam mãe na adolescência gira entre 10 e 14 anos. Ressalta-se, também, que, quando comparado ao número de filhos entre duas estratificações etárias (10-14 e 15-19), conclui-se que esta é, aproximadamente, 15 vezes mais.

Para a estimativa com os adolescentes que cumprem medida socioeducativa no sistema paranaense, além de os dados nacionais apresentarem somente as mães, a nossa pesquisa oportunizou a coleta de dados provenientes de pais adolescentes. Novamente observando o Quadro 21, percebe-se que os adolescentes provenientes da Região 1, ao serem questionados se são mães ou pais, 91,2%

responderam que não, o que é equivalente a 19 participantes dos 21 totais, sendo que apenas 2 deles (9,6%) informaram já serem mães ou pais. Para complementar a questão, os que responderam “sim” à questão 15, referente ao quantitativo, obteve-se uma resposta “um”, o que pode ser interpretado como um menino, e a outra resposta foi “1 falecido”, pela também flexão de gênero terminado em ‘o’, outro menino.

Já a Região 2 obteve 16 respostas das 17 participações, dentre elas 15 adolescentes disseram não serem mães ou pais, e 1 declarou que sim. Sobre o quantitativo, o participante que respondeu “sim” optou em não especificar. Finalmente, a Região 3 foi a que apresentou ter mais mães e pais adolescentes cumprindo medida socioeducativa, das 9 participações, 3 disseram terem filhos. Sobre o quantitativo, as três participações disseram ter 1 (um/a) filho(a), neste caso, está em número e não é possível observar a flexão de gênero. Outra particularidade nessa região é que duas participações foram além do solicitado na questão e disseram estar passando por um processo de reconhecimento da criança por meio do exame de DNA³⁰, “estou em processo de reconhecimento por DNA” e “vou fazer o DNA”.

Dentre os 47 participantes, 84% (40) deles não têm filhos, 12,6% (6) foram mães e pais na adolescência e 2,1% (1) não respondeu. Uma discussão foi levantada por meio das respostas de dois adolescentes, estando eles em meio a um processo de reconhecimento paterno. Para sanar essa dúvida, a Associação dos Notários e Registradores do Brasil – ANOREG/BR – esclarece o processo brasileiro para o reconhecimento de paternidade:

O reconhecimento da paternidade pode ser solicitado pela mãe da criança, pelo próprio filho maior de 18 anos ou ainda pelo pai que deseja confirmar sua paternidade.

A mãe ou o filho maior de 18 anos que não tiver o nome do pai em sua certidão deve ir a qualquer cartório de registro civil do país e apontar o suposto pai. Para isso, precisa ter em mãos a certidão de nascimento do filho a ser reconhecido e preencher um formulário padronizado (ANOREG/BR, 2022).

Sobre seus familiares, 46 (96,6%) informaram que suas mães estão vivas. Questionados onde elas moram, 1 mora no estado de São Paulo e 2 em Santa Catarina, o restante no Paraná, sendo que 2 estão presas; já sobre seus pais, o quantitativo cai para 41 (86,1%). As causas das mortes foram: acidente de carro, devido às drogas, a tiro, homicídio e devido a uma queda de um barranco causado pelo excesso de bebida

³⁰ Teste laboratorial, molecular, para verificação de vínculo biológico entre dois indivíduos. No Brasil, tal metodologia normalmente se aplica ao pai para o reconhecimento paterno.

alcoólica. Sobre a moradia dos pais, 1 disse não conhecer o pai, 3 não sabem onde estão, 1 mora no estado de Minas Gerais, 1 no Pará e o restante no Paraná.

Questionados se têm irmãos, 45 (94,5%) disseram ter irmãs e irmãos, e apenas 2 (4,2%) são filhos únicos. Os quantitativos de irmãos variaram de apenas 1 a 13. Sobre a menoridade deles, 12 (25,2%) e 12 (25,2%) são menores de idade. Na ordem de nascimento, os participantes, em sua maioria, estão entre os do meio, 22 (46,2%). Também foi perguntado se algum dos irmãos já morreu, e 41 (86,1%) disseram que não e 5 (10,5%) disseram que sim. Os motivos das mortes foram: acidentes de carro ou moto, insuficiência respiratória, acidente sem especificação, nasceu morto devido à placenta e homicídio.

Também foram questionados sobre seus avós: 41 (86,1%) disseram que têm algum deles vivos e 14 (29,4%) informaram que, em algum momento de suas vidas, convivera com eles. Nessa questão, das 47 (100%) participações, apenas 16 (33,6%) responderam.

No que tange às atividades exercidas para o lazer dos participantes, questionou-se a esses adolescentes o que eles gostavam de fazer em seus tempos livres, quando estavam fora das unidades de internamento (CENSE e Casa de Semiliberdade), procurando saber um pouco mais sobre a sua socialização. De acordo com o construtivismo piagetiano, moral e inteligência são construídas por meio da interação (Piaget, 1998), por isso conviver com outras pessoas, circular e conhecer os diversos espaços sociais são importantes para a subjetividade e para o desenvolvimento humano. A Tabela 2, dividida em quatro subcategorias, inspirada no livro “Condutas de Riscos: dos jogos de morte ao jogo de viver” (Le Breton, 2009), tem todas as respostas suscitadas pelos participantes. Para o autor, condutas de risco constituem

uma série de condutas díspares [...] a exposição de si mesmo a uma probabilidade não desprezível de se ferir ou de morrer, de lesar seu futuro pessoal ou de colocar em perigo a própria saúde [...] são também por vezes discretas e silenciosas (Le Breton, 2009, p. 41-42).

Com base na definição de Le Breton, foram criadas as seguintes subcategorias: conduta sem risco; conduta de risco; neutralidade, quando não há preferência dita por eles; e indefinição, para quando não é possível mensurar a conduta. Todas elas refletem um pouco sobre o comportamento desses adolescentes

em seus cotidianos, suas preferências sociais, bem como suas condutas individuais.

TABELA 2: ATIVIDADES EXERCIDAS PARA O LAZER DOS PARTICIPANTES

CATEGORIA	SUBCATEGORIA		Nº DE CITAÇÃO E FREQUÊNCIA (%)	UNIDADE DE REGISTRO (UR)	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
Características Pessoais	Conduta Risco	sem	20 (42%)	saía	saía com a namorada
				jogava bola	jogava bola (futebol)
				celular	Mexia no celular
				bola, música, conversava	Jogava bola, escutava música, conversava.
				Ir na rua	Ir na rua
				saia, viajava	saia, viajava
				filho	ficava com meu filho
				casa das avos	fica na casa das avos
				soltava pipa	soltava pipa
				namorada	Ficar com a namorada
				bola, pipa, casa	la pra escola, jogava bola, soltava pipa, ficava em casa
				televisão, casa	assistindo televisão e em casa
				passear, celular	limpava casa, ia passear, mexendo no celular
				ler, celular	ler bastante e mexer no celular
				assistia televisão	assistia televisão
				celular	Mexia no celular
				bola	jogava bola
				ficava na praça	ficava na praça
				casa, volta com o cachorro	Ficava em casa, limpava a casa, dava uma volta com o cachorro.
				futebol	jogo futebol

Características Pessoais	Conduta de Risco	19 (39,9%)	<p>fumava narguilé</p> <p>“trabalhar”, arrumava para a noite ir algum lugar ou alguma festa</p> <p>usando droga, roubando, traficando</p> <p>fumava maconha, trabalhava</p> <p>fumando um baseado</p> <p>usava droga/bebia</p> <p>Fumava maconha</p> <p>rave, vendia droga</p> <p>vendia droga</p> <p>roubava, usava droga, festas</p> <p>Traficando</p> <p>coisas erradas que fazia</p> <p>Vendia droga, roubava</p> <p>frequentava um bar</p> <p>fumando maconha</p> <p>Trabalhava de moto</p> <p>fumava maconha.</p>	<p>fumava narguilé, saía com a companhia passear</p> <p>eu limpava a casa de manhã, fazia almoço. A tarde eu saía para "trabalhar", depois voltava tomava banho e me arrumava para a noite ir a algum lugar ou alguma festa.</p> <p>ficava na rua com os amigos usando droga, roubando, traficando</p> <p>fumava maconha, trabalhava</p> <p>curtindo um som, fumando um baseado, limpando a casa</p> <p>nadar no rio, jogar videogame e usava droga/bebia</p> <p>Fumava maconha, escutava música</p> <p>revoadas, rave, vendia droga</p> <p>vendia droga</p> <p>roubava, usava drogas, festas, jogava rugby, limpava a casa, mexia no celular, assistia tv</p> <p>Traficando</p> <p>foras as coisas erradas que fazia, ficava jogando bola, jogando video game e mexendo no celular</p> <p>Vendia droga, roubava</p> <p>frequentava um bar perto a minha casa</p> <p>Nada. Ficava a toa, na rua, fumando maconha.</p> <p>Trabalhava de moto</p> <p>Nada, ficava a toa e fumava maconha.</p>
---------------------------------	------------------	------------	---	---

			Trabalhava	Trabalhava e jogava futebol
			Trabalhava	Trabalhava com o Pai
Características Pessoais	Indefinição	4 (8,4%)	VARIAS COISAS	VARIAS COISAS
			festas	festas
			Festa e as vezes parava em casa	Festa e as vezes parava em casa
			andando de carro	ficava andando de carro
Características Pessoais	Neutralidade	2 (4,2%)	Nada	Nada
			Nada	nada

FONTE: elaboração própria (2023).

Dos 47 participantes, 45 deles responderam à questão ilustrada por meio da Tabela 2, sendo que 2 deles não responderam, configurando-se como os 4,2% restantes. Condutas sem riscos equivalem a 20 respostas (42%) à pergunta sobre seus afazeres em momentos de lazer e/ou recreações, condutas essas que, em si, são benéficas às suas fases de desenvolvimento humano, cujos riscos, embora existentes, não são previsíveis, pois são interações inter-relacionais, estando eles conectados com as tecnologias (a depender do conteúdo que acessam), realizando contatos com animais de estimação, praticando esportes, vivenciando as artes e as novas descobertas, seja de lugares e/ou sexuais, com seus/suas namorados(as).

A segunda subcategoria é referente às condutas que causam algum tipo de risco, previsível, ao desenvolvimento da pessoa e ocasionando até morte. Na maior parte das respostas, foram apontadas condutas envolvendo o mundo da criminalidade, como o tráfico de drogas, as vendas de produtos ilegais, o roubo, o uso recreativo de substâncias que podem afetar seus desenvolvimentos – e consideradas ilegais –, a realização de trabalhos questionáveis (um deles entre aspas), frequentar lugares inapropriados como bar (local de venda de produtos não permitidos para menores de 18 anos), o pilotar de motos (que, no Brasil, é permitido somente para quem tem habilitação para a categoria específica, e apenas acima de 18 anos). Há, ainda, aqueles que disseram fazer coisas erradas, não especificando a questão, assim como a frequência de atividades noturnas, como participação em raves. O terceiro mais apontado, 6 (12,6%), foi subcategorizado como “indefinição”, uma vez que as respostas são insuficientes para outro tipo de categorização. A categoria menos apontada foi a neutralidade, pois os dois participantes apenas responderam “nada”.

O estudo de Oliveira *et al.* (2020) revelou que 44,44% dos adolescentes que cumpriam medida socioeducativa, antes das suas medidas, nunca praticaram nenhum tipo de esporte. Os principais motivos relatados foram: não ter acesso a espaços e equipamentos de esporte nas suas comunidades, envolvimento com a criminalidade e o não interesse na prática de esportes, diálogo direto com esse trabalho e justificativas que contribuem para as 19 (39,9%) respostas que foram classificadas como condutas de risco. Salienta-se a falta de oportunidade alinhada à negação de direitos por meio da falta de uma política pública eficaz para atendimento aos adolescentes ociosos e/ou em contraturno das suas escolas para novas oportunidades de vidas e conhecimentos diversificados.

Ao finalizar a terceira categoria, questionou-se aos participantes se eles praticam/seguem/acreditam em alguma religião, sabendo que a religiosidade é um espaço social de interação ao qual os indivíduos compartilham de uma mesma fé. Essa é uma questão de teor religioso, realizada em um país predominantemente cristão, haja vista que, no sistema da socioeducação, é previsto e assegurado o direito à religião, sem nenhum tipo de restrição, “III - ser respeitado em sua personalidade, intimidade, liberdade de pensamento e religião e em todos os direitos não expressamente limitados na sentença” (Brasil, SINASE, Artigo 49).

Voltando ao exposto no Quadro 20, aferiu-se que, nas Regiões 1 e 2, houve maior predominância de participantes religiosos, enquanto, na Região 1, 88,4% dos adolescentes se consideram religiosos, na Região 2, são 75,4%. Na Região 3, em contrapartida, os respondentes, em sua maioria, alegaram não ser religiosos (55,5%), o que explana o fato de que nem todos os adolescentes que cumprem medida socioeducativa necessitam desse atendimento. Mesmo sendo ele previsto em lei, os socioeducandos, enquanto indivíduo protagonista de suas vidas, podem escolher não participar dessa ação oportunizada no sistema da socioeducação (atividade religiosa).

Dentre o público participante que cumpre medida socioeducativa, 73,5% disseram que praticam atividade religiosa, seguem e/ou acreditam em alguma religião, enquanto 25,2% disseram que não. O Brasil é um país laico que garante, por meio de sua constituição, a todos os seus cidadãos a livre expressão religiosa, assegurando-a no Artigo 5º, previsto em 3 (três) incisos:

VI – é inviolável a liberdade de consciência e de **crença**, sendo assegurado o **livre exercício dos cultos religiosos e garantida**, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;
 VII – é assegurada, nos termos da lei, a **prestação de assistência religiosa nas entidades** civis e militares de **internação coletiva**;
 VIII – ninguém **será privado** de direitos por motivo de **crença religiosa** ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei; (Brasil, 2022, grifos nossos).

Ante o exposto, para aqueles que afirmaram praticar uma atividade religiosa, fora questionado quais seriam suas religiões, obtendo-se as seguintes respostas: dos 35 (73,5%) respondentes, 22 (46,2%) mencionaram ser evangélicos – incluem-se, aqui, as respostas “crente” e “Assembleia de Deus”; 12 (25,2%) participantes alegaram ser católicos, 1 (2,1%) umbandista; e 1 (2,1%) mencionou que sua religião é “Deus”. Destarte, as respostas elencadas expressam que 34 participantes seguem o cristianismo, 1 segue os preceitos de uma religião de matriz afro-brasileira e 1 não tem religião específica, acreditando apenas na figura de um Deus.

Mais uma vez, intuindo resumir o perfil geral dos participantes desta pesquisa, revelou-se até aqui que eles são paranaenses e residem no estado; seus pais estão vivos e residem no Paraná; que moravam ao menos com 1 (um) integrante familiar (mãe, pai e/ou irmão); a maioria não tem filhos; suas ações em momentos de lazer, em sua maioria, envolvem condutas de risco à vida; e que são religiosos, sendo a religião predominante o cristianismo. Seguimos, agora, para a quarta categoria.

Foram analisadas, aqui, as condições às quais os participantes vivem sobre suas moradias, quais são as fontes de recursos financeiros das suas famílias, como também a origem, buscando compreender sobre a estrutura de vida dos participantes.

Uma das perguntas feitas aos participantes buscava compreender sobre suas residências, assim como sobre a situação de moradia de cada um deles. Observou-se que a maioria dos participantes mora em residências do tipo casa, 42 (88,2%) deles, em sequência foram barraco, 3 (6,3%) deles, apartamento, 1 (2,1%) deles e outra: sobrado, 1 (2,1%) deles.

No mais, dos 47 participantes, 28 (58,8%) deles revelaram residir em moradias próprias, 14 (29,4%) residiam em moradias alugadas, 3 (6,3%) moravam de favor e 2 (4,2%) moravam em lugares invadidos. O Quadro 20 expôs, didaticamente, esses percentuais.

Sobre a quantidade de pessoas que moravam com os adolescentes em suas casas, as três regiões demonstraram divergências, sendo que, na Região 1, 28,8% disseram com 5 pessoas, Região 2, 29% com 3 pessoas, e Região 3, 33,3% com 2 pessoas. Sobre os utensílios domésticos, 45 (94,5%) disseram ter fogão. Dentre as participações, apenas 2 disseram não o ter em casa. Já sobre os eletrônicos, 46 (96,6%) disseram ter celular. Dos 47, apenas 1 disse não ter. Para mais esclarecimentos sobre os outros itens, é preciso analisar o Quadro 20.

Outra realidade da nossa era é a internet, tendo ela o poder de aproximar pessoas de todo o mundo, proporcionando e facilitando a comunicação, o acesso à informação e a conectividade. No contexto pandêmico da covid-19, a internet se consubstanciou como uma ferramenta fundamental para a vida das pessoas, tanto para quem trabalha e estuda quanto para quem a tinha como entretenimento, distração e/ou passatempo. Para saber se os participantes também estiveram conectados durante o período pandêmico, e/ou se estavam fora da realidade mundial no quesito conectividade, eles foram questionados se, em suas moradias, havia acesso à internet, ao que 65,1% revelaram que tinham acesso à internet, o que equivale a 31 participantes, sendo que os outros 33,6% (16) alegaram que não tinham.

Para finalizar a quarta categoria, as últimas 4 (quatro) questões se referiram à renda familiar dos participantes, bem como à sua origem. É importante salientar que a base do salário-mínimo nacional utilizada na questão 27 foi de R\$ 1.100,00.

Resgatando as informações do Quadro 20, observa-se que todos os sujeitos participantes da pesquisa responderam à questão 27, que trata da renda familiar desses adolescentes. Informa-se que 9 (18,9%) participantes definiram que não há uma base na renda familiar, ou seja, que não existe um valor predefinido mensal; 2 (4,2%) apontaram que suas rendas familiares são inferiores a 1 (um) salário-mínimo; para 7 (14,7%) deles, a renda familiar mensal permanece na faixa de 1 (um) salário-mínimo; 9 (18,9%) deles alegaram ter renda familiar de 2 (dois) salários-mínimos; 9 (18,9%) informaram que suas rendas familiares são superiores a 2 (dois) salários-mínimos; e 11 (23,1%) disseram não saber quais são suas rendas familiares. Sobre a origem da renda, as respostas dadas pelos participantes foram as apresentadas no Quadro 22, que não passaram por nenhuma triagem. Destarte, buscamos manter a essencialidade e a contextualização das respostas, pois diversas delas, inclusive, revelaram atividades ilícitas e de cunho sexual.

QUADRO 22: ORIGEM DA RENDA FAMILIAR DOS PARTICIPANTES

ORIGEM DA RENDA FAMILIAR DOS PARTICIPANTES	
Trabalho do padrasto	Aposentadoria da avó
Trabalho da mãe, irmã, cunhado e pai, e minha companheira	Aposentadoria do irmão
Reciclagem	Auxílio doença
Tráfico e roubo	Bolsa família, pensão, do meu trabalho
Trabalho do pai como marceneiro, e da avó	Trabalho do meu pai e da minha mãe
“Como nós morávamos em cinco pessoas então alguns trabalhavam formalmente enquanto outros roubavam e/ou se prostituíam”.	Pensão deixada pelo pai e trabalho cortando madeira do padrasto
Trabalham formalmente	Servente
Trabalho	Comerciantes
Trabalho da mãe e do padrasto no frigorífico	Serviço
Aposentada e trabalho informal	Da venda de droga
Trabalho meu pai e madrasta	Trabalho dos pais
Trabalho formal	Mãe dos reciclados e padrasto
Trabalho informal e formal	Minha mãe é encostada
Não sei (3x)	Trabalho formal e aposentadoria
Fazia bico	Empresário ramo alimentício
Tráfico de drogas	Tráfico de drogas
Trabalho da minha mãe	Trabalho da minha irmã
Pensão, trabalho da minha mãe	Trabalho da mãe
Benefício do governo	Trabalho da mãe e tio
Protético	Trabalho da mãe
Trabalho da minha mãe e do meu padrasto	

FONTE: elaboração própria (2023).

De acordo com o Quadro 22, observa-se que muitos eram os provedores das rendas familiares dos participantes da pesquisa, destacando-se o próprio participante, companheiro(a), todos os membros residentes na mesma casa ou, até mesmo, algum membro familiar, como também houve apontamentos sinalizando que mais de uma pessoa compunha a renda pecuniária desses jovens, vide Quadro 20.

Para finalizar essa categoria, foi questionado aos participantes se eles recebiam auxílio pecuniário proveniente do “Bolsa Família”, programa do Governo Federal bem difundido nacionalmente e que, atualmente, chama-se “Auxílio Brasil”, ambos são auxílios financeiros do próprio governo, em que as famílias cadastradas no programa por meio dos Centros de Referência de Assistência Social – CREAS – recebem um auxílio financeiro fixo e mensal. Uma forma assistencial de erradicação de pobreza e de distribuição de renda.

Diante do que é demonstrado ainda no Quadro 20, constata-se que os participantes, em sua maioria, alegaram não receber o benefício federal (auxílio financeiro). Em números totais, 33 alegaram não receber, o que representa ser 69,3%; 14 disseram receber, 29,4%; 2 não sabiam informar, 4,2%. Dentre as três regiões que mais se equilibram nas respostas, a Região 3 é aquela que teve maior equilíbrio; dentre as 9 participações e respostas, 5 disseram “Não”, enquanto as outras 4 informaram que “Sim”. Complementando o perfil sociodemográfico dos participantes, concluímos que há quantitativos expressivos entre eles que não tinham internet em casa, 33,6% (16), assim como suas famílias recebem suas rendas de diversas fontes e responsáveis, incluídas aquelas provenientes de formas ilícitas. A maioria deles também não recebia Bolsa Família do Governo Federal.

Para finalizar o perfil dos participantes, duas questões compõem a quinta categoria, que, nesta pesquisa, foi referenciada como “Sonhos”. Não menos importante, mas fundamental para qualquer indivíduo, elas são: 32) Qual o seu sonho ou projeto de vida para depois do cumprimento da medida socioeducativa? e 33) Como você se imagina daqui a 10 anos? Entendemos que elas possam ser a semente para um futuro fora do sistema socioeducativo, a reflexão para projetos pessoais e a esperança para dias melhores, assim como profere o trecho da canção de Jota Quest, “Dias Melhores”:

Vivemos esperando
 Dias melhores
 Dias de paz, dias a mais
 Dias que não deixaremos para trás
 Oh oh

Vivemos esperando
 O dia em que seremos melhores (melhores)
 Melhores no amor
 Melhores na dor
 Melhores em tudo
 Oh oh oh

Vivemos esperando
 O dia em que seremos
 Para sempre
 Vivemos esperando, oh oh oh
 Dias melhores pra sempre
 Dias melhores pra sempre (Jota..., 2022, *on-line*).

Paulo Freire (1921-1997) nos elucida, ao longo de seus ensinamentos, que precisamos ter esperança, mas a esperança do verbo esperar, pois a primeira se refere à meramente esperar que algo aconteça, e a segunda significa ter e ser o protagonista de sua própria história, ir atrás daquilo que se anseia. Por isso, acreditamos que esta dissertação é uma esperança para a educação – e, em especial, a socioeducação, de que teremos “Dias Melhores”.

Ao analisar a Questão 32, todos os participantes responderam. Isso significa que todos têm sonhos, todos querem um futuro melhor, “dias melhores”. Dando voz aos participantes e compartilhando seus sonhos com os leitores, para que possam vibrar em energias positivas na realização de cada um deles, seus sonhos são expostos de forma integral no Quadro 23.

QUADRO 23: SONHOS DOS PARTICIPANTES

Sonho 1	Arrumar emprego, morar com a namorada e tirar habilitação de carro e moto
Sonho 2	Cursar faculdade de educação física
Sonho 3	Faculdade de Medicina
Sonho 4	Tenho vários na verdade, mas só saberei se cumprirei quando estiver em liberdade
Sonho 5	Fazer faculdade de direito ou arquitetura e constituir família daqui uns anos
Sonho 6	Como estou cursando o ensino médio, quando terminar a medida socioeducativa pretendo fazer uma faculdade, trabalhar, cursos técnicos, entre outras coisas
Sonho 7	Terminar o médio
Sonho 8	Fazer agronomia
Sonho 9	Ter um trabalho bom terminar os estudos
Sonho 10	Estudar, trabalhar e morar sozinha
Sonho 11	Trabalhar e estudar.
Sonho 12	Fazer um curso quando sair daqui e continuar estudando

Sonho 13	Arrumar um serviço e construir a minha família
Sonho 14	Voltar para a cidade e ficar de boa
Sonho 15	Termina minha casa do jeito que sonhei
Sonho 16	Fazer medicina
Sonho 17	Termina os estudos, arruma um emprego e ajudar em casa
Sonho 18	Ir morar com os pais
Sonho 19	Terminar os estudos e começar uma faculdade.
Sonho 20	Termina meus estudos e fazer uma faculdade de bióloga
Sonho 21	Ser Professor de ed física
Sonho 22	Meu sonho e dar uma casa para minha mãe
Sonho 23	Trabalhar e estudar
Sonho 24	Ainda não pareci para pensar ainda não
Sonho 25	Poder ajudar a minha mãe e comprar uma casa pra ela e trabalhar
Sonho 26	Começar a trabalhar e continuar a estudar
Sonho 27	Terminar os estudos e fazer currículo para começar a trabalhar. Ainda não fiz o projeto de vida
Sonho 28	Meu sonho é virar caminhoneiro, igual o meu pai
Sonho 29	Ser advogada
Sonho 30	Quero fazer curso técnico, terminar os estudos e juntar um dinheiro para abrir um negócio próprio para trabalhar
Sonho 31	Terminar os cursos que eu fazia
Sonho 32	Se formar em contabilidade.
Sonho 33	Estudar e trabalhar
Sonho 34	Trabalhar registrado.
Sonho 35	Se tornar um empresário no ramo alimentício
Sonho 36	Sair vou da uma atenção especial pra minha família
Sonho 37	Continuar os estudos e arrumar um emprego em Curitiba
Sonho 38	Jogador de futebol
Sonho 39	Ficar com minha família e arrumar um emprego
Sonho 40	Ter família, casa própria e carro
Sonho 41	Fazer minha CNH e compra uma moto
Sonho 42	Trabalhar

Sonho 43	Ter casa própria
Sonho 44	Cuidar do meu filho
Sonho 45	Montar um ateliê de tatuagem, fazer engenharia elétrica ou medicina
Sonho 46	Terminar a construção da minha casa, morar com minha esposa e filho
Sonho 47	Eu sonho é ser jogador, depois de todas essas coisas que 'ta' acontecendo, eu ainda acredito

FONTE: elaboração própria (2022).

Com exceção de apenas uma participação que ainda não parou para refletir sobre o futuro, todos sonham com “dias melhores” e todos não incluíram em suas vidas a criminalidade, pelo contrário, são sonhos que podem ser seus projetos de vidas, genuínos e autênticos. Essa questão tem relação estrita com a morte, pois, se existe uma visão de futuro, significa que eles pretendem viver bem e afastá-la, dentro das possibilidades, de suas vidas. Cunha *et al.* (2020) postulam sobre as crenças condenatórias a adolescentes infratores e sobre a criminalização da pobreza com base em entendimentos rasos da sociedade. Mesmo existindo esse estigma sobre suas vidas, os sonhos não deixaram de existir.

Silva e Meira (2014, p. 136) contribuem ao afirmarem que “arte enquanto criação coletiva [...] é uma geradora de possibilidades para a construção de projetos de vidas”. Diante do exposto, a arte no sentido da manifestação humana, ainda Silva e Meira (2014), da rememoração das suas opiniões na busca da compreensão de si e sobre o outro, em um olhar sensível de cada adolescente, revela-se ao mundo com o seu mais genuíno íntimo. Assim como no Quadro 23, o Quadro 24 explana os desejos de seus futuros; os quadros seguem a mesma ordem de respostas dos participantes.

QUADRO 24: COMO OS PARTICIPANTES SE IMAGINAM DAQUI A 10 ANOS, DESEJOS

Desejo 1	Casado e trabalhando.
Desejo 2	Formado na faculdade, casado e trabalhando.
Desejo 3	Trabalhando em hospitais.
Desejo 4	Estudando a área de direito tendo um trabalho.
Desejo 5	Casado e trabalhando.
Desejo 6	Ter uma cb1000, estar terminando a faculdade de medicina e planejar outros objetivos.
Desejo 7	Realizada profissionalmente.
Desejo 8	Com alguns sonhos realizado, uma boa estabilidade financeira fixa, e um bom

	trabalho.
Desejo 9	Ter uma família ter uma faculdade.
Desejo 10	Não sei.
Desejo 11	Numa casa própria, serviço fixo.
Desejo 12	Ter minha casa, meus filhos.
Desejo 13	Casada, com 2 filhos, casa, carro e motinha e de boa.
Desejo 14	Não sei.
Desejo 15	Formada em direito com minha casa e minha família.
Desejo 16	Maravilhosa formada com minha casa meu marido e meu filho e minha família bem.
Desejo 17	Dirigindo um caminhão, sendo caminhoneira.
Desejo 18	Morando na minha própria casa, tendo um filho.
Desejo 19	Trabalhando e morando em Santa Catarina bem de vida.
Desejo 20	Trabalhando, morando sozinha.
Desejo 21	Casado, morando casa própria, dando aulas.
Desejo 22	Não faço noção.
Desejo 23	Uma pessoa mais velha.
Desejo 24	Não sei.
Desejo 25	Estar com a família.
Desejo 26	Com emprego bom, estudos terminados e ajudando a família.
Desejo 27	Eu espero estar trabalhando, depois de terminar os estudos, eu quero fazer uma faculdade de advogado.
Desejo 28	Não sei.
Desejo 29	Uma pessoa mudada, diferente, que tenha uma profissão e com a minhas coisas próprias.
Desejo 30	Estudos terminados e trabalhando.
Desejo 31	Trabalhando e uma família.
Desejo 32	Um contador.
Desejo 33	Com uma família.
Desejo 34	Morando sozinho.
Desejo 35	Um empresário sucedido.
Desejo 36	Com uma família formada, com muitos objetivos na vida.

Desejo 37	Não tenho previsão.
Desejo 38	Esposa e filhos.
Desejo 39	Trabalhando, com casa própria.
Desejo 40	Serviço que ganha bem.
Desejo 41	Casado.
Desejo 42	Bem de vida, com dinheiro.
Desejo 43	Sem trabalhar, bem tranquilo financeiramente, aposentado.
Desejo 44	Trabalhando.
Desejo 45	Não me imagino.
Desejo 46	Num trabalho, emprego bom, com carro, casa pronta e filho grande.
Desejo 47	Se deus quiser, bem do lado da minha família e com minha casa e minhas coisas.

FONTE: elaboração própria (2022).

Dada a análise do perfil sociodemográfico dos participantes, concluímos que esses jovens, dentre todas as suas características já apresentadas a priori, são pessoas cheias de sonhos, que, apesar de todas as circunstâncias de vida, projetam suas vidas para além do agora, já que a morte, como constatado anteriormente, não está em suas perspectivas de vidas. Conforme compreendido por Brondani e Arpini (2019), para que os sonhos e desejos dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa possam se tornar concretos, figuras de referências são necessárias em suas vidas, “por meio de relações seguras, afetivas e empáticas” (Brondani; Arpini, 2019, p. 82). Diante dessa citação, é revelada a importância de todos os profissionais da socioeducação e de outras esferas na construção subjetiva de cada sonho e desejo manifestado pelos adolescentes e a sua busca pela concretização.

4.2 EVOCAÇÃO SOBRE A MORTE

Na segunda parte do questionário, foram realizadas as questões que são a essência desta dissertação – e são elas que irão dar suporte para a compreensão das Representações Sociais de Morte dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa em meio fechado. Ao evocar sobre a morte na perspectiva da TRS, é tornar concreto o que era abstrato por meio de suas comunicações genuínas. As questões são diretas, qualitativas, e sem nenhum tabu em relação ao assunto: morte.

Ao total, foram 14 questões, dentre elas algumas com desdobramentos que totalizam 25 (a/b).

Para a análise, são necessárias legendas aos participantes; para a criação delas, empregou-se a ordem de recebimento das respostas, utilizando-se o número da ordem de recebimento dos formulários enviados pelos participantes, ao se seguir por uma letra do alfabeto e, por fim, sua identificação de gênero; em alguns casos, a letra do alfabeto foi replicada (AA, BB, CC, DD, EE, FF). Para uma melhor compreensão, o Quadro 25 ilustra as identificações dos 47 participantes e suas regiões de origem.

QUADRO 25: LEGENDA DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES

REGIÃO 1	REGIÃO 2	REGIÃO 3
1AM	18RM	24XM
2BM	21UM	25YM
3CF	33GG	26ZM
4DF	34HHM	27AAM
5EM	35IIM	28BBM
6FF	36JJM	29CCM
7GF	37KKM	30DDM
8HF	38LLF	31EEM
9IM	39MMF	32FFM
10JF	40NNM	-----
11KF	41OOM	-----
12LF	42PPM	-----
13MF	43QQM	-----
14NM	44RRM	-----
15OF	45SSM	-----
16PF	46TTM	-----
17QF	47UUM	-----
19SF	-----	-----
20TM	-----	-----
22VF	-----	-----

23WM	-----	-----
21 PARTICIPANTES	17 PARTICIPANTES	9 PARTICIPANTES
47 PARTICIPANTES		

FONTE: elaboração própria (2023).

Consideramos a primeira questão a principal dentre todas, uma vez que ela é direta ao evocar seus pensamentos sobre a morte. Essa questão, propositalmente, foi definida como primeira, nesse sentido, evitando grandes reflexões sobre o assunto e preservando a genuinidade das respostas: “34) Qual a primeira (1ª), a segunda (2ª) e a terceira (3ª) palavras que lhe vêm à mente quando você escuta ou vê a palavra MORTE?”.

As categorias a priori para analisar a parte 2 da pesquisa são: vivências/experiências e sentimentos em relação à morte; posteriormente, foram criadas outras que são necessárias à interpretação da análise. Para a categorização da primeira questão, consideramos a primeira palavra evocada, dentre as três a mais espontânea. Na Tabela 3, destacam-se as respostas da Questão 34.

TABELA 3: MORTE EM 3 (TRÊS) PALAVRAS

CATEGORIA	Nº DE CITAÇÃO E FREQUÊNCIA (%)	UNIDADE DE REGISTRO (UR)	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
Sentimentos em relação a morte	16 (33,6%)	Tristeza	tristeza, dor, medo (1AM)
		Tristeza	Tristeza e dó de quem perdeu essa pessoa (4DF)
		Medo	Medo, de perder minha família. (8HF)
		Saudade	saudade, desespero e ansiedade (9IM)
		Saudade	Saudade, vazio, desanimo (10JF)
		Dor	dor, choro, não me deixa (16PF)
		Tristeza	tristeza, ansiedade, desafio (19SF)
		Tristeza	Tristeza (20TM)
		Receio	receio, sofrimento e não sei (33GGM)
		Perca	perca, medo e não esperar (35IIM)
Pavor	pavor a vida, não vou ter mais viver (39MMF)		

		Tristeza	tristeza, solidariedade e compaixão (40NNM)
		Tristeza	tristeza ansiedade (42PPM)
		Tristeza	uma tristeza para a família (43QQM)
		Tristeza	TRISTEZA DOR SAUDADE (45SSM)
		Tristeza	Tristeza, Sofrimento e Dor (47UUM)
Finitude/Ruptura	8 (16,8%)	Separação	separação, tristeza, luto (2BM)
		Chegou sua Hora	Chegou sua Hora, Acabou a sua jornada, Foi pro Inferno (3CF)
		Fim	fim, separação (5EM)
		Fim	fim. (6FF)
		Chegou a hora	eu acho que chegou a hora da pessoa (12LF)
		Fim	fim, tristeza (14NM)
		Fim	fim; sofrimento e angústia (41OOM)
		Black Friday	Black Friday, Paleta de madeira e Game over (30DDM)
Destino/Certeza	6 (12,6%)	Inevitável	inevitável, não tem como fugir dela (13MF)
		Chegar a qualquer momento	a (1) A MORTE PODE CHEGAR A QUALQUER MOMENTO (2) MATAR ALGUM INIMIGO (3) SE MATAR. (21UM)
		Morte	morte de uma pessoa ou animal, medo e tristeza (34HHM)
		Morte	mesma coisa morte (37KKM)
		Inferno	inferno, céu e anjos (26ZM)
		Certeza	1) Certeza 2) Deus é mais 3) Inferno (31EEM)
Vivências/Experiências	6 (12,6%)	Sossego	sossego (11KF)
		Suicídio	suicídio (23WM)
		Matar	matar uma pessoa, uma pessoa morta, alguém vai morrer (25YM)
		Impressionante	Impressionante, desgosto, perda (29CCM)
		Horrível	horrível, tristeza, medo (32FFM)

		Ruim	coisa ruim tristeza saudade (48VVM)
Indeterminação	3 (6,3%)	Nada	não passa nada (17QF)
		...	(18RM)
		Eu não sei	eu nunca vi então eu não sei o que faria (36JJM)
Dúvida/Incertezas	3 (6,3%)	Quem morreu?	quem morreu, tristeza, desespero (15OF)
		O que será que vem depois da morte?	o que será que vem depois da morte? será que a gente reencarna? será que a gente vê o nosso corpo depois que a gente morre? será que a gente vê a nossa vida? (22VF)
		Por quê?	Por quê?, Causa? Deus o tenha. (28BBM)
Família	2 (4,2%)	Pai	pai avo (24XM)
		Família	Família, Medo e Duvida (27AAM)
Negação	1 (2,1%)	Ta amarrado	ta amarrado, misericórdia e deus me livre. (38LLM)
Conscientizadora	1 (2,1%)	Me cuidar	me cuidar, evitar coisas erradas, sair do crime (44RRM)
Condição Biológica	1 (2,1%)	Sono	Sono (7GF)

FONTE: elaboração própria (2023).

Ao todo, foram 10 categorias para a questão, e a que se destaca é a relação que a morte tem com sentimentos dos participantes, ou seja, o que ela provoca. Das 47 (100%) questões analisadas, para 16 (33,6%) participantes, a morte provoca algum sentimento, e a que se destaca é a tristeza, apontada como primeira (1ª) palavra por 9 participantes; em seguida, vem a saudade, 2 vezes; as demais foram apontadas uma única vez (medo/dor/receio/perca/pavor).

A segunda categoria foi Finitude/Ruptura, 8 (16,8%) respostas. Para esses participantes, a morte encerra algum ciclo, que, no caso, é a vida. Já a terceira, com 6 (12,6%), Destino/Certeza, a morte é certa e inevitável, que pode ocorrer a qualquer momento e tem algum destino (inferno). A quarta categoria, Vivências/Experiências, obteve a mesma quantidade de respostas que a terceira. Nesta, ressaltamos que tais vivências precisam proporcionar alguma prática e/ou sua tentativa ao participante, ou seja, ele precisa ter experienciado para, só então, ter uma definição, como foi citado: sossego; suicídio; matar; impressionante; horrível e ruim. Para saber se algo é impressionante e/ou horrível e/ou ruim, pressupõe-se a sua experimentação, para, então, ter opinião e, assim, sua classificação pessoal; no caso da morte, ainda não é possível “desmorrer/ressuscitar”. Dentro do contexto “Matar”, entende-se que a morte

vem de forma violenta e vivenciada por terceiros. Sossego é um substantivo e condição física do ser humano após alguma ação. Já o suicídio pode ser de alguma ideiação ou presença de terceiro.

A categoria Indeterminação é quando não há nada explícito ou deixou de responder. Não é incomum a morte ser carregada de dúvidas, e isso reflete nas respostas dos participantes, por esse motivo há a categoria Dúvida/Incertezas. A morte também refletiu no campo familiar, possivelmente está atrelada à preocupação da perda de algum ente querido. A morte como negação, conscientizadora e condição biológica foram apontadas uma vez cada.

Indagou-se aos participantes sobre as 3 (três) primeiras palavras que lhes vêm quando ouvem ou veem a palavra morte, por isso essas palavras foram catalogadas em sua ordem: as que mais foram citadas por primeiro, as que foram por segundo e, por fim, as por terceiro. Foram apontadas 28 palavras como primeira palavra, e a que sobressai é “tristeza”, que foi apontada por 9 (nove) participantes. Já como segunda, foram apontadas 26 palavras e, mais uma vez, a palavra “tristeza” foi destaque, 5 vezes. E, na terceira palavra, 3 (três) tiveram empates com dois participantes cada, são elas: medo, saudade e inferno. São 3 das 25. Portanto, as principais palavras reveladas pelos participantes, ao lerem ou ouvirem a palavra morte, são: tristeza, medo, saudade e inferno, sendo a tristeza a mais citada (14 vezes).

Para dar compreensão às respostas da Questão 34 e seu sentido, esta teve um desdobramento com a questão 34.a), continuando a pergunta “34”: “Por que escolheu estas 3 (três) palavras?”. As mais diversas respostas foram apresentadas e algumas em branco, conforme pode ser visto no Quadro 26.

QUADRO 26: JUSTIFICATIVAS DOS PARTICIPANTES PARA AS TRÊS PALAVRAS SOBRE A MORTE

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
1AM	São as que me fazem lembrar de pessoas que conheci e morreram.
2BM	Porque para mim representam a morte, que é um momento triste de separação de quem a gente ama.
3CF	Porque eu penso sobre essas coisas no dia a dia.
4DF	Porque eu iria ficar triste pensando que poderia ter aproveitado mais feito coisas diferentes etc.
5EM	Porque a morte significa o fim desta vida e a separação das pessoas da família e amigos.

6FF	Porque é a realidade.
7GF	Por a morte ser parecida com um "sono", na minha opinião, quando morremos tudo se acaba e é como se estivéssemos dormindo, não vai existir nada.
8HF	Porque eles são tudo para mim.
9IM	Porque já passei por isso.
10JF	Talvez porque me define.
11KF	Não sei.
12LF	Porque chegou a hora da pessoa pra pessoa morrer, ninguém planeja nada, chega.
13MF	Porque é a verdade.
14NM	Porque a perda de alguém é triste e significa o fim da vida.
15OF	É o que veio na minha mente primeiro.
16PF	Porque já passei por uma dor que até hoje não cura morte!
17QF	-----
18RM	-----
19SF	Porque acho que é o que define a palavra morte. Porque quando agente perde uma pessoa primeiro vem a tristeza, depois a ansiedade e depois o desafio de superar a perda da pessoa.
20TM	Porque é o que eu penso na hora que fala morte.
21UM	PORQUE SÃO AS ÚNICAS QUE VÊM À MENTE.
22VF	Porque eu sempre me pergunto sobre isso.
23WM	Porque já tentei me suicidar.
24XM	Pela morte de ambos.
25YM	É o que veio na cabeça.
26ZM	Porque foi as que veio na mente.
27AAM	O que a morte me representa.
28BBM	Primeiro que me veio à mente.
29CCM	Porque a morte não é boa.
30DDM	Me veio à cabeça.
31EEM	As primeiras que pensei.
32FFM	Porque a morte é desagradável, e é as famílias que sofrem.
33GGM	Porque quando uma pessoa morre a mãe os parentes ficam tristes.

34HHM	Porque é a morte de uma pessoa ou animal, e porque todo mundo tem medo de morrer.
35IIM	Porque perde um amigo próximo e medo de eu morrer.
36JJM	-----
37KKM	Só vem isso.
38LLF	Me dá pavor essa palavra.
39MMF	Porque quando a gente morre a gente não vê mais nada.
40NNM	Tristeza por ser algo bem forte, solidariedade e compaixão por poder ajudar e sentir a mesma dor.
41OOM	Porque as vieram na mente.
42PPM	Porque é o que eu sinto.
43QQM	Porque a família vai sofrer.
44RRM	Principais para ter uma vida normal.
45SSM	E QUE O CORACÃO SENTE.
46TTM	Porque foi o meio que veio a mente.
47UUM	Porque ao pensar em alguém que perdi foi o que veio a mente.

FONTE: elaboração própria (2023).

O Quadro 26 deixa claro o pensamento dos participantes sobre a morte; ela, no ponto de vista geral deles, é algo que provoca tristeza devido às rupturas/separação/perda que ela causa, e isso pode ser de algum familiar, amigo e/ou outra pessoa querida. Também fica evidente que é o fim, “porque é a morte de uma pessoa ou animal, e porque todo mundo tem medo de morre” (34HHM). Além da finitude, outro sentimento se revela: o medo, conforme disse o participante 34HHM. O sentimento de medo pode surgir devido às dúvidas que pairam sobre morte e suas incertezas do além-vida.

A morte também é vista como algo ruim, “Porque a morte não é boa” (29CCM). Diante dessa afirmação, podemos observar um esvaziamento do sentido da vida, pois ainda, atualmente, a morte é o encerramento do ciclo da vida, mas há quem diga o oposto (Cordeiro; Wood, 2019). Porém, o contraponto na compreensão é que se trata de um momento em que todos irão vivenciar em algum momento de suas vidas, “porque acho que é o que define a palavra morte. Porque quando a gente perde uma pessoa primeiro vem a tristeza, depois a ansiedade e depois o desafio de superar a perda da pessoa” (19SF).

Essa participante exemplifica um modelo de ciclo sentimental em que uma pessoa pode passar quando perde um ente querido (luto) e deixa claro, ao final, dizendo que há um desafio para superar: a perda de uma pessoa. Mas, se há superação, também há consciência de que esse momento é importante para o seu desenvolvimento pessoal e uma renovação natural de que novos personagens ainda protagonizam o contexto da vida e o social.

Sobre as possíveis vivências que os participantes tiveram com a morte, de forma terceirizada, vivenciada pela morte de outrem, as Questões 35 a 39³¹ são um combo de perguntas semelhantes em que os participantes foram indagados sobre suas perdas de entes queridos e/ou próximos e as experiências que envolvem o enredo de morte, como participar de um velório e/ou ter visitado um cemitério.

QUADRO 27: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS AO CONTEXTO DE MORTE

VIVÊNCIAS EM VELÓRIO			
	Região 1	Região 2*	Região 3
Sim	18 (86,4%)	16 (92,8%)	9 (100%)
Não	1 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)
Não lembro	2 (9,6%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	46 (96,6%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SIM = 43 (90,3%)		
*Na Região 2, 1 (5,8%) participante não respondeu			
EXPERIÊNCIA EM ALGUM CEMITÉRIO			
	Região 1	Região 2*	Região 3
Sim	19 (91,2%)	16 (92,8%)	9 (100%)
Não	2 (9,6%)	0 (0%)	0 (0%)
Não lembro	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	46 (96,6%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SIM = 44 (92,4%)		
*Na Região 2, 1 (5,8%) participante não respondeu			
VIVÊNCIA DA PERDA DE ALGUM FAMILIAR			
	Região 1	Região 2*	Região 3
Sim	16 (76,8%)	8 (46,4%)	7 (77,7%)
Não	5 (24%)	6 (34,8%)	2 (22,2%)
Não lembro	0 (0%)	1 (5,8%)	0 (0%)
TOTAL	21 (100%)	15 (87%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	45 (94,5%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SIM = 31 (65,1%)		
*Na Região 2, 2 (11,6%) participantes não responderam			
VIVÊNCIAS DA PERDA DE ALGUM AMIGO			
	Região 1	Região 2*	Região 3
Sim	16 (76,8%)	8 (46,4%)	5 (55,5)
Não	5 (24%)	8 (46,4%)	4 (44,4%)
TOTAL	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	46 (96,6%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SIM = 29 (60,9%)		
*Na Região 2, 1 (5,8%) participante não respondeu			
VIVÊNCIA DA PERDA DE PESSOA SUPERIOR HIERÁRQUICA			
	Região 1	Região 2*	Região 3
Sim	2 (9,6%)	0 (0%)	1 (11,1%)

³¹ Para as questões que tratam dos sentimentos, das emoções ou das sensações dos participantes, não serão criadas tabelas, pois já são uma categoria a priori.

Não	19 (91,2%)	15 (87%)	8 (88,8%)
TOTAL	21 (100%)	15 (87%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	45 (94,5%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	NAO = 42 (88,2%)		
*Na Região 2, 2 (11,6%) participantes não responderam			

FONTE: elaboração própria (2023).

Diante do que é demonstrado no Quadro 27, a maioria dos participantes já teve vivências em velórios. As regiões 2 e 3 foram unânimes ao afirmarem que sim, isto é, já participaram de algum velório. Em contraponto, na região 1, 85,7% (18) disseram que sim, 9,5% (2) disseram não lembrar e 4,8% (1) disseram que não.

As Questões 35.a e 35.b são complementos para a 35, sendo que, na “a”, pergunta-se de quem era o velório e, na “b”, como se sentiu. Dentre as pessoas que estavam sendo veladas, família e parentes foram as mais informadas, principalmente dos avós (15 vezes) e tios (9 vezes); uma curiosidade é que “mãe” não foi informada nenhuma vez, porém “pai” se destaca em aparecer 6 vezes. Amigos foram os mais citados, 19 vezes, ou seja, a perda de pares pode ser uma morte mais próxima de sua realidade, uma vez que a morte de um amigo reflete que, para morrer, não tem idade, uma aproximação de suas vidas. Também há quem experienciou a perda de uma namorada, irmão, primos, cunhado, dentre outros e há quem não se lembre de quem era.

Perguntou-se aos participantes como se sentiram no velório e isso foi um *mix* de emoções e sentimentos nas respostas. Mais uma vez, a “tristeza” se sobressai perante os outros sentimentos, apontada 23 vezes. Mas há quem disse que achou legal e se divertiu com os primos, pois, no momento, brincava no entorno devido ainda ser criança. Dentre os 21 sentimentos apontados, apenas 1 participante normalizou a situação. O restante equivale a todos os sentimentos de profunda individualização: vazio, medo, perdido, mal, ruim, dor, angústia, saudade, calafrio, desconfiança, deprimido, tonto, estranheza. Revelações mais pessoais ocorreram, “vazia, porque eu acho estranho uma pessoa estra aqui e logo não estar mais é estranho, complicado.” (6FF), “triste, imagina saber que nunca mais vai ver a pessoa” (13MF) e “nao lembro estava dopada de remedio” (16PF). Isso demonstra que existem pessoas que precisam de outros meios para lidar com a situação da morte de uma pessoa. Foi o caso da participante 16PF, que revelou estar “dopada de remédios”, demonstrando sua fragilidade e necessidades diante de uma perda, ou os casos das 6FF e 13MF estarem incrédulas por não mais conviverem com elas, ao demonstrar que levarão um tempo para toda a assimilação.

A Questão 36 pressupõe uma experiência, a de ter ido alguma vez em determinado cemitério. Local que pode provocar diversos sentimentos nas pessoas. Os sentimentos explicitados até aqui pelos participantes ajudam a entender isso.

O que ocorreu nos velórios também aconteceu nos cemitérios. A maioria disse já ter ido em algum cemitério, portanto os participantes conhecem um dos locais onde ocorre o descanso final de muitas pessoas. Das 45 respostas, 2 disseram nunca ter tido essa experiência. Para dar dimensão à situação, perguntou-se aos participantes como se sentiram nesse local, 36.a. 18 participantes produziram, mais uma vez, o sentimento de “tristeza”, porém 6 normalizaram o local, e um fez um alerta: “Normal, mas senti medo de tocar nas coisas para não levar nada de ruim para casa” (31EEM). Ariès (2012) atribuiria que o não tocar pode ser o evitar do contágio da morte, uma vez que a não participação direta ‘eu’ estaria preservando.

Reflexões existenciais também surgiram de uma das participantes, “eu me senti como se não fosse nada e nem ninguém nessa vida.” (6FF), possivelmente ao adentrar no cemitério e avistar todos os elementos que compõem o local, a participante pode ter tido um choque da sua realidade, mais especificamente sobre o seu futuro, e com isso ter refletido, profundamente, que somos apenas mais uma pessoa compondo a sociedade e qual é o sentido que estaria dando à sua vida. Muitas pessoas compreendem o cemitério como lugar da saudade, saudade dos entes queridos que já se foram, e isso refletiu entre as participações: “fiquei com saudade quando fui visitar o meu tio e meus avós” (34HHM), demonstração afetiva do quanto aquelas pessoas eram importantes em sua vida. Já a participante 38LLF não tem a mesma visão: “mal também, apesar que falam que é lugar de paz. Eu não me sinto bem em cemitério”. Mesmo esses espaços sendo para alguns o local da saudade e de alguma forma se conectarem com seus entes queridos, para a participante 38LLF, é um local que a deixa mal e desconfortável, possivelmente pelo fato de os sentimentos despertados não serem os melhores.

A Questão 37 do questionário adentra no campo emocional dos participantes, pois há perguntas mais sensíveis e que possam despertar diversas lembranças dos entes queridos. Questionou-se a eles se já vivenciaram a perda de algum familiar. De acordo com o Quadro 27, nas respectivas regiões, em níveis percentuais, a região 3 é a que mais teve participantes com vivência na perda de algum familiar, 77,7%, seguida pela região 1, com 76,8%, e a 2, com 46,4%. Justamente a região 2 apresenta o maior percentual daqueles que não passaram por essa vivência, 34,8%. Também é a

única região onde teve participantes informando não lembrar, 5,8%. Diante da perda de algum familiar, das 47 participações, 31 (65,1%) disseram ter vivenciado esse momento.

A Questão 37 teve dois desdobramentos, 37.a e 37.b; a primeira pergunta sobre a perda de qual familiar ou quais, e a segunda relata seus sentimentos, emoções ou sensações. São questões que podem rememorar momentos que tiveram com esse ente familiar em vida, por isso outra oportunidade em ressignificar o sentido de suas vidas, uma vez que a morte levou pessoas que, possivelmente, tiveram grande participação na vida dos sujeitos desta pesquisa.

A 37.a é uma questão que também pode complementar a questão 35.a, uma relação direta com a vivência no velório. Os apontamentos quanto às suas perdas familiares foram seus avós (16) e tios (10), os mesmos apontados na questão sobre o velório; outros entes familiares são: bisavós, pai, primos, irmãos, padrasto, madrinha, ex-namorado(a) e namorado(a) e outros parentes distantes. Questionados sobre seus sentimentos, emoções ou sensações, os participantes puderam refletir suas ligações com esses familiares falecidos, conforme pode ser visto no Quadro 28.

QUADRO 28: SENTIMENTOS/EMOÇÕES/SENSAÇÕES DOS PARTICIPANTES COM PERDA DE FAMILIARES

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
2BM	Não lembro como me senti porque era muito novo
3CF	Chorei muito, e perguntei pra Deus por quê?
5EM	Saudade e tristeza
6FF	Medo, confusão, tristeza.
7GF	Foi dolorido ver a minha avó no caixão, eu queria acordar ela, no mesmo momento eu me arrependi de não ter feito mais por ela, de tudo o que ela me falava e eu achava que ela estava sendo chata.
8HF	Muito triste.
9IM	Sentimento de tristeza
10JF	Saudade, vazio, desanimo
11KF	Saudades
12LF	Muito triste, mas depois a gente tem que compreender
14NM	Somente tristeza
16PF	Desespero tremedeira choro

17QF	Triste
20TM	Tristeza, raiva, angustia, solidão
21UM	TRISTEZA
22VF	Não sentiu nada
23WM	Depressão, medo, abandonado, triste, raiva
24XM	Tristeza
25YM	Tristeza, raiva, chorei um pouco
26ZM	Triste
27AAM	Tristeza
28BBM	Triste
29CCM	Acabado
30DDM	Muito triste
34HHM	Tristeza
35IIM	Tristeza
36JJM	Faz tempo eu era pequeno, mas eu fiquei triste. Mais triste agora grande sabendo isso
37KKM	Perca
38LLF	Eu não chorei, eu não cheguei perto do caixão. Eu e meu pai não teve uma boa relação.
40NNM	De ódio, raiva e triste
41OOM	Tristeza e saudade
47UUM	Muto triste

FONTE: elaboração própria (2023).

O sentimento de “tristeza”, mais uma vez, é destaque nas emoções dos participantes, assim como o arrependimento de não ter feito mais pela pessoa que desponta entre as respostas: “Foi dolorido ver a minha avó no caixão, eu queria acordar ela, no mesmo momento eu me arrependi de não ter feito mais por ela, de tudo o que ela me falava e eu achava que ela estava sendo chata.” (7GF). A participante revela que os conselhos que a sua avó lhe dava em vida farão falta.

Ainda no contexto da perda, a Questão 38 é sobre se alguém já vivenciou de perto a perda de algum amigo ou amiga. Uma questão que tem muita relação com seus pares devido às idades próximas e pessoas cuja convivência era diferenciada concernente à família, mas que, muitas vezes, eram sujeitos mais próximos. Nesse sentido, amigos são aquelas pessoas que decidimos estar ao nosso lado. Confiamos

os nossos segredos e compartilhamos momentos.

No Quadro 27, demonstra-se que, das três regiões, a maioria dos participantes já vivenciaram de perto a perda de algum amigo ou amiga, isso representa 60,9% (29 das 47 participações). Por regiões, na 1, foram 76,8%, o que representa 16 participantes, na 2, 46,4% (9) e, na 3, são 55,5% (5). Esses são apontamentos alarmantes à sociedade, pois são adolescentes ou jovens que foram ceifados antecipadamente. Le Breton (2009, p. 64) informa que “A morte atinge três vezes mais os rapazes que as moças”. O AV (2021) nos revelou a mesma informação: os adolescentes/jovens do sexo masculino no Brasil morrem mais de forma violenta do que os do sexo feminino. Apontamentos esses de grande importância a toda a sociedade, já que revelam a prioridade e emergência aos cuidados sociais e de saúde mental para os adolescente e jovens brasileiros, principalmente do sexo masculino. Políticas Públicas para a Educação, Esporte, Lazer, Cultura, Saúde podem ser fundamentais para as medidas preventivas.

Sobre as emoções ao perder um amigo ou amiga, novamente, tristeza foi a mais apontada por 20 participantes. Há uma inovação nos sentimentos nessa questão. O sentimento de “culpa” aparece pela primeira vez na pesquisa. A amizade é uma relação muito forte, ainda mais quando se está em desenvolvimento (construção), e isso fica evidente em duas respostas: “Medo pois éramos "errantes" juntos e ele tinha me avisado que ele ia morrer, eu não acreditei.” (7GF), “foi uma perda muito ruim, não tive oportunidade de ver ela pela última vez porque ela mudou de cidade. Queria ter dado o último adeus” (38LLF). A falta do último “adeus” possivelmente deixou uma lacuna na amizade entre essas duas pessoas e deixando-as de viver muitas coisas. Nesse sentido, a morte surge como rompimento que se suscita nas lembranças e saudades à amiga querida. Solidariedade à mãe também é um quesito balizador para externalizar seus sentimentos: “foi muita tristeza ver a mãe dele chorando e sofrendo, é uma sensação muito ruim ver isso” (36JJM). Mãe é uma figura muito importante para quem se é adolescente. Se ela perde um filho na juventude e diante da resposta de 36JJM, outros se solidarizam ante a essa perda.

A última questão deste grupo é a 39: já vivenciou de perto a perda de alguma pessoa superior hierárquica de você? (se existir, exemplos: chefe, gerente, patrão). O sentido dessa pergunta está alinhado ao contexto ao qual muitos desses adolescentes foram conduzidos à socioeducação. São pessoas que, em seus meios

sociais (mundo), são consideradas superiores aos participantes na criminalidade. O objetivo é identificar se existem as mesmas emoções ou sentimentos em relação a outras perdas.

A vivência em comparação com as outras foi para a minoria dos participantes, região 1 para 9,6%, o que equivale a 2 participantes, e a região 3, 11,1%, 1 participante. A região 2 não teve nenhum apontamento para essa vivência. Sobre suas emoções/sentimentos, Questão 39.a, nem todos revelaram, das 3 participações que responderam sim, um dos participantes informou “tristeza” (9IM) e a outra “fique em choque” (16PF). Portanto, a vivência não ocorreu para a maioria dos participantes, 88,2% (42) disseram não ter experienciado a perda de alguém no contexto da criminalidade, ao menos no que se refere a nível superior hierárquico.

A Questão 40 adentra na esfera da morte em que a vivência/experiência parte para uma posição presencial do seu acontecimento. Foi perguntado o seguinte: 40) Você já presenciou um assassinato ou outro tipo de morte violenta? Uma questão do campo pedagógico para compreender seus contextos sociais e suas possíveis práticas com a violência, especificamente contra a vida. De acordo com o ECA, um dos motivos a considerar a medida socioeducativa de privação de liberdade, internação, do adolescente é ter praticado o que informa o Artigo 122, Inciso I, “I - tratar-se de ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência a pessoa;” (Brasil,1990). Na medida de restrição de liberdade, também se podem ter adolescentes com essa tipificação em seus processos judiciais. Normalmente, esses casos são adolescentes que já passaram pela privação e receberam, posteriormente, outra medida socioeducativa, a de restrição em uma Casa de Semiliberdade, ou seja, uma progressão da medida socioeducativa anterior. Ressaltamos que a questão não tem a ver com um possível envolvimento direto ou se cometeu tal ato, e sim se presenciou.

QUADRO 29: VIVÊNCIA DE ASSASSINATO OU TIPO DE MORTE VIOLENTA

ADOLESCENTES QUE PRESENCIARAM UM ASSASSINATO OU OUTRO TIPO DE MORTE VIOLENTA	Região 1	Região 2*	Região 3
Sim	13 (62,4%)	5 (29%)	5 (55,5%)
Não	8 (38,4%)	11 (63,8%)	4 (44,4%)
TOTAL	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	46 (96,6%)		
DESTAQUES DO TOTAL GERAL	SIM = 23 (48,3%) NÃO = 23 (48,3%)		
*Na Região 2, 1 (5,8%) participante não respondeu			

FONTE: elaboração própria (2023).

Dentre as respostas dos participantes, o Quadro 29 expressa que 62,4%, o que representa 13 dos 21 participantes na região 1, disseram que já presenciaram um assassinato ou outro tipo de morte violenta. A região 2 foi o inverso da 1, 63,8% disseram que não presenciaram, 11 das 16 participações. Já a região 3 teve um maior equilíbrio entre as respostas, no entanto a maioria disse “sim”, 55,5%, 5 de 9. Somando os resultados das respostas, 23 participantes disseram “sim” e outros 23 disseram “não”, do total de 46, 23 pessoas presenciando um assassinato ou outro tipo de morte violenta, isso é a metade dos participantes desta pesquisa. São dados alarmantes e preocupantes para sociedade e segurança pública, se levarmos em consideração que são pessoas menores de idade e em uma fase importante de seus desenvolvimentos integrais. Tais acontecimentos podem interferir em suas formações, com isso há a naturalização de tais formas de morte em seus estágios peculiares de desenvolvimentos. Outra análise refletida nesse quadro foi que a região 2 é a menos violenta em comparação às regiões 1 e 3.

Quando questionados sobre seus sentimentos, emoções ou sensações para os que responderam “sim” na questão 40, eles tiveram maiores aberturas ao revelarem alguns detalhes dessa vivência, o que reflete em um maior impacto nas suas vidas, conforme demonstra o Quadro 30 com as respostas atribuídas à Questão 40.a.

QUADRO 30: SENTIMENTOS/EMOÇÕES/SENSAÇÕES DOS PARTICIPANTES

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
2BM	Era minha defesa contra a pessoa pois fui eu quem fez os disparos.
3CF	Raiva.
4DF	Paralisada, grise de riso logo em seguida de choro, arrependimento
6FF	Culpa, remorso, raiva de mim mesma.
8HF	Pânico e tristeza.
9IM	Assustado, emocionado.
10JF	Pavor.
12LF	A pessoa se envolvia com droga, porque essa pessoa tá fazendo isso estragando a vida dela e da família.
13MF	Na hora não liguei porque não estava consciente, depois pensei no que fiz.
16PF	Várias coisas passam na mente.
19SF	Na hora não senti nada, mas depois vem o remorso.

20TM	Dó.
23WM	Não senti nada.
25YM	Um pouco de odio e de raiva.
27AAM	Fiquei em choque.
28BBM	Chocado porque eu era meio criança.
29CCM	Inconformado, fiquei bem louco depois.
31EEM	Fiquei desesperado. Foi em 2015, na prainha. Mataram um cara bem na minha frente. Fiquei apavorado, sem saber o que fazer. Uma mulher gritava muito também.
34HHM	Sentimento de susto, medo e sem saber o que estava acontecendo.
36JJM	É porque eu pra mim ter tomado tiro, e meu amigo tomou o tiro, mas eu fiquei bravo e triste pela morte dele.
38LLF	Eu não sei dizer bem, eu vi, mas me senti mal. Eu escutei o barulho de tiro, mas tampei o olho, não consegui olhar.
39MMF	Eu achei que ia morrer junto.
45SSM	TRISTEZA.

FONTE: elaboração própria (2023).

Diante das experiências e vivências dos participantes reveladas em suas respostas dadas ao questionário *on-line* e depois da familiaridade com o tema desta pesquisa, foi questionado se eles têm medo da morte, Questão 41. Como revelado anteriormente, a ambiguidade de sentimento em relação à morte se inicia desde cedo, na infância. Medo e curiosidade se misturam em relação ao tema, e isso pode ser constatado nas respostas dadas, porém com o bônus de novos sentimentos que emergiram ao longo de suas maturações.

QUADRO 31: TÊM MEDO DA MORTE

TÊM MEDO DA MORTE	Região 1	Região 2*	Região 3
Sim	11 (52,8%)	6 (34,6%)	5 (55,5%)
Não	10 (48%)	10 (58%)	4 (44,4%)
TOTAL	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	46 (96,6%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	NAO = 24 (50,4%)		
*Na Região 2, 1 (5,8%) participante não respondeu			

FONTE: elaboração própria (2023).

Mediante o que foi apresentado no Quadro 31, respectivamente regiões 1 e 3, os participantes, em sua maioria, disseram sim, têm medo da morte, no entanto há um equilíbrio percentual nas respostas, pois, entre o “sim” e o “não”, não consta grande divergência entre a totalidade.

A região 1 teve 21 respostas, sendo que, dentre elas, 11 participantes disseram “sim”, 52,8%, e 10 disseram “não”, 48%, apenas uma resposta a mais para o “sim”. A região 3 repetiu a fórmula, das 9 participações, 5 responderam “sim”, 55,5%, e 4 responderam “não”, 44,4%, também uma resposta de diferença. A região 2 destoa das outras duas, pois a maioria respondeu que não tem medo da morte, 58%, o que representa 10 participantes das 16 que responderam a essa questão. A diferença entre o “sim e o não”, nesse caso, foi maior: 6 foram os que responderam “sim”, 34,6%. Em relação à totalidade das participações, 22 disseram “sim”, tenho medo da morte, e 24 (50,4%) disseram não ter medo da morte. A diferença é de 2 participantes, mas, se for definir essa resposta entre as duas opções, os participantes informaram que “não” têm medo da morte.

Seria muito vago perguntar se os participantes têm medo da morte, por isso a questão tem um desdobramento, 41.a, e, com ele, a oportunidade de explicar seus motivos; aliás, a situação em foco não se limitava a quem respondeu “sim”. Para Le Breton (2009), a adolescência é uma transição, cheia de rupturas e descobertas; por conseguinte, não é incomum notar comportamentos subversivos e aventureiros que, muitas vezes, flertam com o perigo. Segundo o autor:

Os jovens não possuem, da morte, a visão fatal e irreversível dos de mais idade. Cada um deles tem a tendência a sentir-se “especial”, diferente dos outros à margem da lei comum. Ainda vaga os olhos, a morte não poderia atingi-los (Le Breton, 2009, p. 43).

Por ser a adolescência um momento de grandes novidades, maturação e a morte tendo como vilão o envelhecimento (Cordeiro; Wood, 2019), intensifica-se, nessa fase, a famosa frase “não dá nada”, sendo algo bem comum. O medo pode ser o grande inibidor das ações humanas, e esse sentimento é mais frequente com as experiências vividas. Depois de algumas frustrações e decepções, muitos desses momentos são experienciados na adolescência. Le Breton (2009) classifica os jovens como “ser indestrutível”. Segundo o autor, a ausência do medo também pode estar relacionada à ocupação de lugar no mundo.

TABELA 4: EXPLICAÇÃO SE OS PARTICIPANTES TÊM MEDO DA MORTE OU NÃO

CATEGORIA	Nº DE CITAÇÃO E FREQUÊNCIA (%)	UNIDADE DE REGISTRO (UR)	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
Naturalização	15 (31,5%)	isso é normal	porque isso é normal, todo mundo morre. (6FF)

		vai chegar	porque a morte vai chegar (11KF)
		uma hora todo mundo vai morrer	porque eu sei que uma hora todo mundo vai morrer e ninguém vai ficar para semente (12LF)
		faz parte	faz parte (14NM)
		pra todo mundo um dia a morte vai chegar	pra todo mundo um dia a morte vai chegar e não tem como escapar (17QF)
		a morte é normal	porque a morte é normal (23WM)
		todo mundo vai morrer um dia	Eu sei que todo mundo vai morrer um dia (27AAM)
		sei que vai chegar a hora, de todo	porque não queria morrer, mas sei que vai chegar a hora, de todo mundo vai (34HHM)
		todo mundo vai morrer	porque todo mundo vai morrer, não tem como explicar (37KKM)
		ela vai vir para todo mundo	porque ela vai vir para todo mundo (39MMF)
		única coisa que você sabe	porque é a única coisa que você sabe que chega (40NNM)
		vai chega queira ou não	não porque um vai chega queira ou não (41OOM)
		a gente vai morrer	um dia ou outro a gente vai morrer "única certeza que temos" (44RRM)
		coisa natural	Porque é uma coisa natural (47UUM)
		pode vir a qualquer momento	Porque pode vir a qualquer momento (48VVM)
Sofrimento	10 (21%)	as pessoas que amo e sofrer	medo de deixar as pessoas que amo e sofrer (1AM)
		morrer antes da hora	medo de morrer antes da hora (9IM)
		vai sofrer na hora ou não	porque depende se a gente vai sofrer na hora ou não, depende de como ela vem (13MF)
		deixar meus pais	medo de deixar meus pais (16PF)
		medo de acordar depois de ser enterrada	porque tenho medo de acordar depois de ser enterrada (19SF)

		tenho medo	eu tenho medo (26ZM)
		irmãos e minha mãe vão sofrer	Acho que meus irmãos e minha mãe vão sofrer (30DDM)
		não quero que minha família sofra	tem medo, porque não quero que minha família sofra (32FFM)
		antigamente fazia coisa errada	Tenho medo porque antigamente fazia coisa errada, tinha medo da polícia e das pessoas que eu roubava (35IIM)
		NAO QUERO VER MINHA FAMILIA SOFRENDO	POR QUE NAO QUERO VER MINHA FAMILIA SOFRENDO (45SSM)
Sonhos	4 (8,4%)	não realizar os meus objetivos	Sim por tenho medo de não realizar os meus objetivos (4DF)
		devemos fazer os nossos sonhos virarem realidades para morrermos "de bem com a vida"	Temos de viver sabendo que vamos morrer, então eu penso que, devemos fazer os nossos sonhos virarem realidades para morrermos "de bem com a vida". (7GF)
		tenho muitos sonhos	Porque tenho muitos sonhos para alcançar. (8HF)
		tenho muita coisa para viver	agora eu não tenho porque sou jovem e tenho muita coisa para viver (38LLF)
Ruptura	3 (6,3%)	não quero deixa	não quero deixar as pessoas que amo (2BM)
		não quero me separar das pessoas	sou novo para morrer e não quero me separar das pessoas, principalmente da minha avó e meus pais e irmãos (5EM)
		medo de deixar a minha mãe	porque eu tenho medo de deixar a minha mãe (20TM)
Indeterminação	3 (6,3%)	não sei responder	não sei responder (22VF)
		não sei dizer	não sei dizer (25YM)
		não sei	não sei (33GGM)
Vivência/Experiências	2 (4,2%)	cheguei a beira dela	Já cheguei a beira dela (3FC)
		já presenciei ela várias vezes	Não tenho porque já presenciei ela várias vezes, mas Deus é mais (31EEM)
Crença	2 (4,2%)	Deus sabe a hora	não, pois Deus sabe a hora de cada um (24XM)
		mandamentos	por causa dos mandamentos de

		de Deus	Deus (36JJM)
		sou evangélico	por que sou evangélico (43QQM)
Negação	1 (2,1%)	Ninguém quer morrer	Ninguém quer morrer né. (28BBM)
Saudade	1 (2,1%)	os mortos deixam saudades	Porque vou fazer falta e deixar saudade. Os presos são esquecidos, mas os mortos deixam saudades. (29CCM)

FONTE: elaboração própria (2023).

Para a questão 41.a, 41 foram as respostas, ou seja, explicaram se têm medo ou não da morte e quais são os motivos. 9 foram as categorias para essa questão, seguem por ordem das respostas/participantes de mais para menos: naturalização, 15 (31,5%); sofrimento, 10 (21%); sonhos, 4 (8,4%); ruptura e indeterminação, 3 (6,3%) cada; vivência e crença, 2 (4,2%) cada; e as duas últimas, negação e saudade, 1 (2,1%) cada. Diante das respostas e da categorização, o medo ou não da morte para os participantes está relacionado à sua natureza e ao conformismo de que todos irão morrer – só não se sabe quando e nem como. A segunda categoria reflete principalmente o sentimento de medo que ela causa, conseqüentemente o sofrimento. A terceira categoria tem a ver com seus sonhos e desejos em vida: “Temos de viver sabendo que vamos morrer, então eu penso que, devemos fazer os nossos sonhos virarem realidades para morrermos “de bem com a vida”. (7GF)”. Essa participante demonstrou plena consciência de uma boa morte por meio da realização de seus sonhos, a plenitude da realização.

As outras 6 categorias, somadas juntas (12 respostas de participantes), não se igualam à primeira categoria, naturalização 15. No entanto, não são menos importantes, já que elas demonstram a diversificação humana em relação a um tema/assunto ou única certeza da vida que assombra muitas pessoas, como demonstrado nesta pesquisa, em que a maioria dos participantes tem medo da morte.

Dando continuidade sobre seus pensamentos em relação à morte, foi feita a eles a seguinte questão: 42) A morte para você é. Essa questão pode ser compreendida como uma retomada da questão 34, isto é, qual a primeira (1ª), a segunda (2ª) e a terceira (3ª) palavras que lhe vêm à mente quando você escuta ou vê a palavra MORTE? Essa foi respondida de imediato e sem reflexão, a qual chamamos de evocação, já a segunda é uma retomada a essa evocação, porém com reflexão do assunto. Diante dessa comparação, sem reflexão e com reflexão, acreditamos na possibilidade da complementação das respostas dos participantes, fundamentação

e maior fidedignidade para a compreensão de suas representações de morte, o objetivo geral desta dissertação. Para a categorização das respostas, foram criadas 3 (três) categorias, considerando a reflexão pessoal, o seu enredo e circunstâncias naturais e não causais, pois, nos contextos da violência, nenhuma morte deveria ser considerada boa. A categorização parte do princípio de que a morte, atualmente, é uma certeza para todos. São as categorias: aceitação, negação e imprecisão, visto que se tratava de uma pergunta direta e que impactava diretamente em sua aceitação ou negação.

TABELA 5: O QUE É A MORTE PARA OS PARTICIPANTES

CATEGORIA	Nº DE CITAÇÃO E FREQUÊNCIA (%)	UNIDADE DE REGISTRO (UR)	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
Aceitação	27 (56,7%)		uma despedida (1AM) o fim de tudo (2BM) o fim desta vida e o começo de outra, espiritual (5EM) o fim de uma vida construída. (6FF) Nada mais e nada a menos que o nosso destino, a única certeza que temos. (7GF) Um sono profundo, onde a pessoa não mais voltara, e muito menos haverá. (8HF) perda de alguém importante, amigos, familiares (9IM) um sono profundo (10JF) sossego e paz (11KF) a morte pra mim é que a pessoa vai começar uma vida nova (12LF) o fim (14NM) é uma coisa que a gente não escolhe um dia a gente sabe que vai morrer (15OF) saudade dor não volta mais (16PF) tipo passageiro, do pó viemos ao pó voltaremos (19SF) terminou a vida (20TM) A MORTE PRA MIM É O FIM DA

		<p>VIDA HUMANA (21UM)</p> <p>desencarnar do corpo físico e ir para o plano espiritual (24XM)</p> <p>Quando acaba a vida (28BBM)</p> <p>É uma passagem de ida não sei para onde (30DDM)</p> <p>Morreu acaba tudo. Morreu os sonhos. (31EEM)</p> <p>morrer e nunca mais voltar, nunca mais ver a família (33GGM)</p> <p>o fim (39MMF)</p> <p>o fim (41OOM)</p> <p>descanso (43QQM)</p> <p>o fim da vida (44RRM)</p> <p>Normal (47UUM)</p> <p>fim da vida (48VVM)</p>
Negação	10 (21%)	<p>Não passa de uma fantasia (3CF)</p> <p>É uma bosta (4DF)</p> <p>a perda de uma vida (23WM)</p> <p>matar alguém, alguém está morto (25YM)</p> <p>Uma coisa ruim, bem ruim (27AAM)</p> <p>horrível (32FFM)</p> <p>chata, porque não queria que ninguém morresse (34HHM)</p> <p>coisa inacreditável (35IIM)</p> <p>ruim (36JJM)</p> <p>ANGÚSTIA (45SSM)</p>
Imprecisão	7 (14,7%)	<p>a morte significa muitas coisas (13MF)</p> <p>não sei (22VF)</p> <p>não sei dizer (26ZM)</p> <p>Impressionante (29CCM)</p> <p>não se explicar (37KKM)</p> <p>é coisa ruim ou fim da vida (38LLF)</p>

			depende muito da pessoa, pode ser um alívio, pode ser um sofrimento (40NNM)
--	--	--	---

FONTE: elaboração própria (2023).

O que pode ser compreendido em aceitação é a realidade de que a morte existe para todos e que um dia acontecerá, independentemente da interpretação pessoal dessa realidade para o participante. A negação, quando ela é vista de um ponto de vista ruim e interpretada de modo que não condiz com a realidade humana, de que o ciclo da vida é a morte e, assim, há sua renovação constante, destaca-se uma negação quanto aos fatos existenciais.

A pesquisadora Alessandra de Paula Pereira (2018) fez sua dissertação com adolescentes que cumpriam medida socioeducativa em meio fechado no município de Curitiba e Região Metropolitana, seu título: Passado, presente, futuro: projetos de vida de adolescentes em privação de liberdade. Nesse estudo, a pesquisadora enfatiza, na sua consideração final, a frase “É cadeia ou é caixão!” (Pereira, 2018, p. 132), frase declarada por alguns participantes da pesquisa referente aos seus futuros. Por estar relacionada com a morte e ser o mesmo público, no entanto com atualização de ser o ano 2022 e amplificação estadual, perguntamos aos participantes desta pesquisa: 43) Você já ouviu falar entre adolescentes e/ou jovens que cometem ato infracional que “só lhes resta prisão ou caixão”?

QUADRO 32: FRASE: SÓ LHES RESTA PRISÃO OU CAIXÃO?

SÓ LHES RESTA PRISÃO OU CAIXÃO	Região 1	Região 2*	Região 3
Sim	21 (100%)	16 (92,8%)	8 (88,8%)
Não	0 (0%)	0 (0%)	1 (11,1%)
TOTAL	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	46 (96,6%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	SIM = 45 (94,5%)		
*Na Região 2, 1 (5,8%) participante não respondeu			

FONTE: elaboração própria (2023).

A frase declarada, só lhes resta prisão ou caixão, na pesquisa de Pereira (2018) pelos seus participantes, é amplamente conhecida pelos sujeitos desta pesquisa. Nas regiões 1 e 2, os participantes foram unânimes em dizer que já ouviram a frase e, na região 3, 1 de 9 proferiu que não ouviu a frase. Percentuais altos dentre os participantes que disseram já ter ouvido a frase, 45 (94,5%), demonstrando que ela está enraizada no meio socioeducativo e de que só existem dois futuros aos socioeducandos, futuro esse fadado ao fracasso e desestimulante para novos caminhos e sua ressocialização.

Para um melhor entendimento da Questão 43, foi perguntado: 44) O que você pensa sobre a afirmação da pergunta “43” (só lhes resta prisão ou caixão)? A pergunta pode esclarecer o porquê dessa frase ser amplamente difundida e, muitas vezes, aceita como determinação de futuro. Foram criadas duas categorias: a primeira é o conformismo; a segunda é a esperança.

TABELA 6: FRASE: SÓ LHE RESTA PRISÃO OU CAIXÃO?

CATEGORIA	Nº DE CITAÇÃO E FREQUÊNCIA (%)	UNIDADE DE REGISTRO (UR)	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
Conformismo	25 (52,5%)	o caminho	e o caminho de quem escolhe o crime (1AM)
		um caminho sem outras opções	acho que é isso mesmo, que é um caminho sem outras opções porque ninguém se da bem muito tempo no crime (2BM)
		e verdade	Eu acho que isso e verdade. (3CF)
		É verdade	É verdade (4DF)
		é o que acontece	geralmente é o que acontece com quem entra pro crime (5EM)
		verdade	verdade quando você meche com pessoas envolvidas (11KF)
		é verdade	é verdade (12LF)
		é verdade	é verdade, quem tá na vida loca só tem esses 2 caminhos. (13MF)
		verdade	verdade (14NM)
		não tem outra porta	a vida do crime só tem duas coisas ou cadeia ou caixão bandido que e bandido ou passa pela cadeia ou caixão não tem outra porta (16PF)
		super real	eu acho super real (19SF)
		SIM SO RESTA	SIM SO RESTA A PRISAO E OCAIXAO E A VELA PRETA (21UM)
		uma hora a gente cai preso ou a gente morre	se a gente tá na vida do crime uma hora a gente cai preso ou a gente morre (22VF)
		só existe 2 caminhos	que na vida do crime só existe 2 caminhos (23WM)
		caixão	caixão (26ZM)
verdade	Uma verdade (27AAM)		

		<p>vida do crime</p> <p>ela ta certa</p> <p>acho que é verdade</p> <p>é o caminho</p> <p>verdade</p> <p>esta certo</p> <p>a realidade</p> <p>verdadeiro</p> <p>risco</p>	<p>vida do crime (32FFM)</p> <p>ela tá certa por que até agora eu cometi ato infracional e to preso, e eu poderia estar morto (33GGM)</p> <p>eu acho que é verdade. A maioria dos casos é verdades, as vezes alguns levam sorte e não acontece isso (36JJM)</p> <p>é o caminho da vida louca (37KKM)</p> <p>é bem verdade (40NNM)</p> <p>penso que esta certo (41OOM)</p> <p>Triste, mas é a realidade (43QQM)</p> <p>Que é verdadeiro (47UUM)</p> <p>risco do crime (48VVM)</p>
Esperança	18 (37,8%)	<p>É um preconceito que as pessoas têm</p> <p>Um rotulo horrível [...] todos podem mudar o seu destino</p> <p>frase triste</p> <p>ninguém deve tirar a vida</p> <p>só [...] se não mudar</p> <p>o crime não compensa</p> <p>só quando se entra pra vida loca</p> <p>só [...] quando você esta na vida errada</p> <p>todo mundo pode mudar</p>	<p>É um preconceito que as pessoas têm de você por fazer coisas que não é normal, mas ela não sabem porque você chegou a cometer esse crime ou fazer o que fez. (6FF)</p> <p>Um rotulo horrível que a sociedade coloca em 'crianças' mal-educadas, não temos que dizer isso pra as pessoas pois todos podem mudar o seu destino. (7GF)</p> <p>Uma frase triste, de uma pessoa que não acredita mais na arte de sonhar. (8HF)</p> <p>por que ninguém deve tirar a vida de uma pessoa (9IM)</p> <p>só resta esses dois caminhos se não mudar (10JF)</p> <p>penso que é verdade o crime não compensa (15OF)</p> <p>essa frase é verdade só quando se entra pra vida loca (17QF)</p> <p>só lhe resta cadeia ou caixão quando você esta na vida errada (20TM)</p> <p>acho errado pois todo mundo pode mudar e ter uma vida melhor com a família (24XM)</p>

		só se	só se tiver fazendo coisa errada (25YM)
		tá errado [...] coisas boas podem acontecer	Povo tá errado. Tem coisas boas que podem acontecer se a pessoa parar com o crime (28BBM)
		Perto da verdade	Perto da verdade (29CCM)
		pode não ser não	Acho que pode ser sim, mas pode ser não. Pode ter coisa boa (30DDM)
		Não é verdade	Não é verdade. Tem possibilidade da pessoa mudar, se ela quiser ser ajudada (31EEM)
		ainda tem chance	é o fim de cada um nessa vida, ainda tem chance (34HHM)
		que precisa mudar de opinião	que precisa mudar de opinião por que essa vida pode levar a isso (35IIM)
		se ela quiser ela muda	penso que as vezes é verdade as vezes não, depende da pessoa, se ela quiser ela muda (39MMF)
		mito	mito, todos podem mudar (44RRM)
Indeterminada	1 (2,1%)	não sei	não sei, realmente eu não sei (38LLM)

FONTE: elaboração própria (2023).

A categoria esperança caracteriza a consciência dos participantes de que não existem somente esses dois futuros para eles e o não conformismo. Já a categoria conformismo consiste em acreditar que isso é verdade, porém não há nenhuma demonstração dos participantes de que esse futuro “predeterminado” pode mudar; ao menos não expressaram nas suas respostas. Uma categoria foi adicionada, porque uma resposta não declina para nenhuma das outras duas, por isso a categoria indeterminada.

A Tabela 6 demonstra que há mais participantes conformados com a possibilidade dos dois futuros, prisão ou caixão: das 44 respostas, 25 entraram na categoria conformismo, o que equivale a 52,5%. Esses participantes compreendem esses futuros, “o caminho”, “a verdade”, “a realidade”, no entanto não manifestaram nenhuma possibilidade de mudança para que isso não aconteça, transparecendo que essa frase difundida popularmente é uma verdade intrínseca às suas realidades. Na categoria esperança, por mais que haja participantes que compreendam ser essa

uma verdade, há a possibilidade da mudança, como também desacordo em opiniões sobre a frase. Segundo alguns participantes: “É um preconceito que as pessoas têm de você por fazer coisas que não é normal, mas ela não sabem porque você chegou a cometer esse crime ou fazer o que fez. (6FF)”;

“Um rótulo horrível que a sociedade coloca em ‘crianças’ mal-educadas, não temos que dizer isso pra as pessoas pois todos podem mudar o seu destino. (7GF)”;

“Uma frase triste, de uma pessoa que não acredita mais na arte de sonhar. (8HF)”;

“acho errado pois todo mundo pode mudar e ter uma vida melhor com a família (24XM)”;

“Povo tá errado. Tem coisas boas que podem acontecer se a pessoa parar com o crime (28BBM)”;

e “mito, todos podem mudar (44RRM)”. Tais afirmações são desmistificações do imaginário popular de que a vida no “crime” não tem mudanças. Esses participantes comprovam que a mudança é sempre possível. O que não pode existir é a falta de oportunidades, e a socioeducação é uma dessas oportunidades para mudança de vida.

As duas últimas indagações dos questionários são relacionadas à educação para a morte no meio formal e sobre a pandemia de covid-19, um momento crítico na saúde mundial, que resultou em milhões de mortes causadas por um vírus: SARS-CoV-2, e que não poderia ser negligenciado nesta pesquisa. Mesmo depois do desenvolvimento de diversas vacinas e muitas pessoas vacinadas pelo mundo, diversas mortes ainda ocorreram.

QUADRO 33: EDUCAÇÃO PARA A MORTE

EDUCAÇÃO PARA A MORTE	Região 1	Região 2*	Região 3
Sim	0 (0%)	1 (5,8%)	0 (0%)
Não	14 (67,2%)	7 (40,6%)	7 (77,7%)
Não lembro	7 (33,6%)	8 (46,4%)	2 (22,2%)
TOTAL	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	46 (96,6%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	NÃO = 28 (58,8%)		
*Na Região 2, 1 (5,8%) participante não respondeu			

FONTE: elaboração própria (2023).

A autora Kovács (2021) defende que a morte precisa ser um escopo da educação, por isso foi questionado aos participantes se, em algum momento da sua escolarização formal, o assunto morte foi conceito gerador das discussões em sala de aula. Foram dadas as seguintes respostas: na região 1, 67,2% (14) disseram que nenhum(a) professor(a) discutiu e/ou ensinou sobre a morte, e 33,6% (7) disseram sim; na região 2, houve um desdobramento nas respostas, já que 46,4% (8)

disseram não lembrar, 40,6% (7) afirmam que não e apenas 5,8% (1) afirmaram que sim; e, finalizando as regiões, a 3 é representada por 77,7% (7) para não e 22,2% (2) para sim. Evidentemente, o Quadro 33 demonstra que há uma lacuna na educação formal brasileira, pois o assunto morte não tem destaque nos temas abordados pelos professores, ao menos para os participantes desta pesquisa. Aos que responderam “sim”, foi questionado: 45.a) Se respondeu “Sim” na pergunta 45. O que lembra e pensa sobre isto? Das três regiões e das 46 participações, apenas uma respondeu: “eles falaram que nasce, cresce, tem filhos e morre. A fase da vida” (34HHM). O conteúdo abordado é normalmente o que se ensina na disciplina de biologia sobre a morte, o ciclo da vida, a sua finalização.

De forma a encerrar o questionário aplicado, a última questão é sobre o período pandêmico e se ele trouxe novas reflexões devido aos grandes casos de mortes pelo mundo ou, o que Morin (1997) aventa, rediscutindo a morte de tempos em tempos. A questão foi a seguinte: 46) A morte com a pandemia de covid-19 teve ou tem outro significado para você? O Quadro 34 revela os dados.

QUADRO 34: SIGNIFICADO DE MORTE APÓS A PANDEMIA DE COVID-19

A PANDEMIA DE COVID-19 TROUXE OUTRO SIGNIFICADO DE MORTE	Região 1	Região 2*	Região 3
Sim	8 (38,7%)	7 (33,6%)	3 (33,3%)
Não	13 (62,4%)	9 (43,2%)	6 (66,6%)
TOTAL	21 (100%)	16 (92,8%)	9 (100%)
TOTAL GERAL	46 (96,6%)		
DESTAQUE DO TOTAL GERAL	NÃO = 28 (58,8%)		
*Na Região 2, 1 (5,8%) participante não respondeu			

FONTE: elaboração própria (2023).

De acordo com as respostas dos participantes e para as três regiões de modo geral, a morte com a pandemia de covid-19 não teve e não tem outro significado. Nas três regiões, a minoria respondeu que sim, 8 na região 1 (38,7%), 7 na região 2 (33,6%) e 3 na região 3 (33,3%). O total de respostas equivaleu a 46, o que significa que 28 (58,8%) não tiveram outro significado de morte com a pandemia de covid-19. Para implementar a questão 46, foi necessário um desdobramento: 46.a) Se respondeu “SIM” ou “NÃO” na pergunta 46, explique a sua resposta.

QUADRO 35: SIGNIFICADO DE MORTE

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
1AM	Medo de perder as pessoas da minha família.

2BM	Não mudei minha opinião.
3CF	Se aproximar mais de Deus.
4DF	CONTINUO SENDO UMA BOSTA.
5EM	Senti mais medo da morte quando minha mãe teve câncer, mas agora está bem.
6FF	Antes era normal agora se tornou natural.
7GF	Continuo pensando que somos fortes e ao mesmo tempo fracos, e que todo mundo vai morrer.
8HF	Me ensinou a valorizar cada segundo como se fosse o último.
9IM	Porque pessoas inocentes perderam a vida como crianças e idosos.
10JF	Aprende a valorizar as pessoas.
11KF	Porque chegou a hora.
12LF	Não sei.
13MF	Porque as pessoas continuam morrendo porque chegou a hora.
14NM	Nada modificou, penso o mesmo de sempre.
15OF	Que a gente tem que dá valor à vida porque em um piscar ela se vai.
16PF	Perdi várias pessoas.
17QF	Porque do mesmo jeito a gente não tem como escapar da morte, quando chega a hora não tem como escapar, já é o destino morrer.
19SF	Porque a morte parece estar mais perto do que eu imaginava.
21UM	PORQUE E UM VIRUS PORICO TEM DIFERENCA.
22VF	Independente da forma que a gente morre a gente vai morrer.
23WM	Porque para mim foram só mortes.
24XM	Não conheci ninguém que faleceu por motivo de covid-19.
25YM	Mais pessoas morrendo.
27AAM	Eu não perdi ninguém, tá igual.
28BBM	Não perdi ninguém importante. Então, não mudou nada para mim.
29CCM	Fiquei com medo, muita gente morreu.
30DDM	Para mim não, mas para os cientistas sim. Ganharam dinheiro com a vacina.
31EEM	Não mudou nada. Nem ia tomar vacina, tomei porque estava internado, mas se dependesse só de mim nem ia.
32FFM	Perdi um tio para a covid-19.

33GGM	Não sei não.
34HHM	Acho que foi por causa das coisas que ta acontecendo no mundo. E também porque acredito muito em Deus, ele ta voltando.
35IIM	Porque muitas pessoas morreram por falta de se cuidar. Não usar mascara e ficar em festas.
36JJM	Porque não tive tanto medo, mas eu tive medo se acontece algo com minha mãe e família.
37KKM	Não tem como explicar.
38LLF	Não sei.
39MMF	Porque não.
40NNM	Porque é uma doença.
41OOM	Não porque foi mais uma pandemia.
42PPM	Porque foi só uma fase.
43QQM	Por que não.
44RRM	Praga.
45SSM	PARA APRENDER DAR VALOR MAIS NAS PESSOAS PK A MORTE PEGA DE SUPRESA.
46TTM	A morte é mais rápida do que a gente pensa.
47UUM	Muitas mortes em pouco tempo.

FONTE: elaboração própria (2023).

A morte na pandemia foi um lembrete da natureza de que somos vulneráveis e estamos a qualquer momento suscetíveis a imprevistos. O ser humano participa de uma cadeia de seres vivos que dividem um mesmo território: planeta terra, por isso muitas situações fogem ao seu controle e outras são provocadas pelo mau uso, devido ao simples fato de que somos mais um: nem superior, nem inferior.

Ademais, diante do fato de que somos vulneráveis e por isso morreremos, nosso futuro é incerto por ainda não existir, porém sonhos e planejamentos são possíveis. O agora, presente, é a realidade; por conseguinte, cada momento é importante. Uma participante demonstrou isso em suas falas: “Me ensinou a valorizar cada segundo como se fosse o último.” (8HF), fala essa que reconhece a finitude do ser humano, logo a vida precisa ser valorizada em seus segundos.

Sobre a imprevisibilidade da vida, um participante ressalta: “PARA APRENDER DAR VALOR MAIS NAS PESSOAS PK A MORTE PEGA DE SUPRESA” (45SSM). Essa consciência da morte dita pelo participante enfatiza a magnitude que as pessoas e a família têm em nossas vidas.

A pandemia foi uma realidade mundial, em que rotinas e estilos de vidas foram forçados a mudar, ao menos por um período, e ela foi uma oportunidade para refletirmos sobre nossas vidas e atitudes ante a diversas esferas, sendo a morte causada por um vírus letal e noticiada como uma avalanche; uma morte muito próxima e que exigia precauções novas para muitos.

Diante desse fato, os participantes também demonstraram preocupações mediante a instabilidade sanitária e os cuidados negligenciados por alguns: “porque muitas pessoas morreram por falta de se cuidar. Não usar máscara e ficar em festas” (36JJM), e por quem está no sistema: “Não mudou nada. Nem ia tomar vacina, tomei porque estava internado, mas se dependesse só de mim nem ia” (31EEM). Nesse caso, a socioeducação demonstrou ser necessária à preservação da vida desse socioeducando, uma vez revelado que somente tomou a vacina contra a covid-19 na unidade em que estava internado.

A palavra tristeza se manifesta em vários momentos nesta parte da pesquisa, constantemente evocada. Segundo o dicionário da língua portuguesa Houaiss (2011), trata-se de uma palavra do estado emocional do ser humano, de maneira a se caracterizar pela melancolia, pela falta de alento e de ânimo.

5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de uma dissertação constitui momentos árdusos, sofridos, desesperadores, como também o comprometimento de o mestrando utilizar os termos corretos sem ferir a dignidade humana e fazer ciência com responsabilidade. Nesses momentos, tem-se a preocupação de estar fazendo o seu melhor, mas é um caminho gratificante. Pesquisar e falar sobre o outro não é uma tarefa fácil, ainda mais quando são pessoas em estado de vulnerabilidade e passando por um momento difícil de suas vidas. Saber que um sonho idealizado se concretiza é uma das emoções que somente quem passa compreende.

Esta é uma obra incompleta, inacabada e que cumpre o que foi definido em seus objetivos. Compreendemos que o assunto deve ser explorado por outras visões e rigores, bem como destacamos que é apenas um recorte delimitado em um espaço e tempo. Nem todas as respostas e todas as possibilidades serão esgotadas nesta pesquisa; serão possibilidades para novos trabalhos, e as questões são reflexões abertas a quem está realizando a leitura.

A socioeducação é um campo fértil em pesquisa, porém sua sensibilidade amedronta algumas pessoas, conseqüentemente, inibindo a ciência e a abertura para novas compreensões educacionais – e, mais importante, humanas. Cuidados e ética são primordiais a qualquer pesquisa; e, se são elementos garantidos, não tem por que do medo.

Algumas comarcas judiciais não deram nenhum retorno positivo e/ou negativo, ou seja, deferimento ou indeferimento para a realização da pesquisa. Pelo quantitativo de autorizações deferidas pelas comarcas, 8 (oito), isto é, 50% dentre as 16 (dezesesseis) existentes, notou-se que a aplicabilidade da pesquisa ocorreu nas regiões 1, 2 e 3, entre CENSEs e Casas de Semiliberdade (Masculina e Feminina), fatores que culminaram na diversificação territorial, em números de participantes, tipos de medidas, gêneros e culturas. A representatividade da pesquisa, portanto, foi garantida. Das 15 unidades possíveis de participação, 5 (cinco) não participaram, e diversos foram os motivos: resistência ao tema e ao apoio técnico à pesquisa; falta de tempo em seu cronograma diário; prazo determinado judicialmente esgotado; tentativa de interferência ao método e/ou sem justificativa.

O assunto morte demonstrou ser necessário na discussão educacional e entre as pessoas, um assunto da natureza humana que ainda causa medo.

Mesmo sendo a realidade de seus futuros, reafirmou o seu tabu social. As pesquisas na revisão integrativa no campo educacional brasileiro foram uma demonstração dessa realidade. Nenhum trabalho com o tema morte se apresentou como protagonista, uma lacuna nas pesquisas e um campo de possibilidades.

Entende-se que o objetivo geral desta pesquisa foi atingido, uma vez que, conforme idealizado, realizou-se uma investigação e análise da compreensão das representações sociais de morte dos(as) adolescentes que cumprem medida socioeducativa em meio fechado no estado do Paraná. Ressalta-se que os objetivos específicos também foram alcançados, já que se traçou o perfil sociodemográfico dos(as) adolescentes participantes, constituindo-se esse perfil, majoritariamente, de Homens Cis, seguido por Mulheres Cis, heterossexuais, autodeclarados brancos(as) e pardos(as), com idade predominante de 17 anos (adolescentes), nascidos(as) em 2004 (no ano de análise desta pesquisa, completaram suas maioridades, 18 anos em 2022) e solteiros(as). Estão cursando o Ensino Fundamental II, gostam de ler livros e estão conectados às redes sociais. Aliás, a maioria dissera utilizá-las como principal meio de ler/ver/ouvir notícias, mas que também navegam na internet e assistem telejornal e televisão – e que acreditam que a escola e o ato de estudar lhes proporcionarão bons trabalhos.

São paranaenses que, antes de receberem suas atuais medidas socioeducativas, moram em seu estado de nascimento: Paraná; moravam, ao menos, com 1 (um) integrante familiar (mãe, pai e/ou irmão); a maioria não tem filhos, ou seja, não são mães e pais adolescentes; suas mães e pais estão vivos e moram no mesmo estado brasileiro; não são filhas e filhos únicos; têm algum dos avós vivos e que conviveram com os que já faleceram; suas ações em momentos de lazer envolvem condutas de risco à vida; e são religiosos – a religião predominante é o cristianismo. Eles e elas, ao menos, têm algum equipamento de uso doméstico e/ou eletrônico em suas residências; destaca-se um quantitativo expressivo entre eles e elas não terem internet em casa; suas famílias têm alguma renda; diversas são as fontes e responsáveis, incluindo as de forma ilícita; e a maioria não recebe Bolsa Família do Governo Federal. São pessoas, ou como Paulo Freire pontua, gentes cheias de sonhos, que projetam suas vidas para além do agora.

Sistematizar estudos e pesquisas sobre o tema morte no campo da Educação também foi substancial. A revisão integrativa revelou a escassez de pesquisas no campo educacional da temática proposta. Nenhuma pesquisa tratou do assunto morte na socioeducação brasileira. Ademais, identificar as concepções de morte pelas

histórias/experiências dos(as) adolescentes, participantes da pesquisa, permitiu observar que o sentimento de tristeza se revelou constante em suas respostas.

Algumas questões surgiram ao longo da pesquisa. Acentua-se que algumas delas são passíveis de resposta nesta dissertação, outras são convites a reflexões. A música que inicia este estudo, a propósito, é um desses convites: o que você quer deixar após a sua morte? Qual será o seu legado? No campo da pesquisa, tudo pode ser pesquisado, porém alguns assuntos ainda causam incômodo em algumas pessoas; a morte é um deles.

O assunto morte, para aqueles que cumprem medida socioeducativa, demonstrou não ser tabu, uma vez que, dentre os corredores das unidades socioeducativas, é um assunto recorrente entre os adolescentes. A pesquisa revelou que a morte não é direcionada nas vidas dos(as) adolescentes. O que direciona suas vidas são seus sonhos e desejos, e o que falta para realizá-los são as oportunidades e melhores condições sociais.

A morte é o ciclo final da vida, biologicamente, mas, no campo das lembranças, ela passa a adquirir proporções nas vidas das pessoas que ficam, principalmente, para aqueles(as) que as conheceram em vida. Os sentimentos podem ser admiração, saudade, bons momentos, portanto o convívio é importante. Este é o cerne na vida dos(as) adolescentes infratores, que frisamos ser apenas um momento e que pode ser superado, pois as pessoas são referências em suas vidas. O que diferencia suas adolescências são a falta de oportunidades para melhores perspectivas de vidas.

Para os adolescentes participantes da pesquisa, a morte está relacionada com o sentimento da tristeza. É a representação social que coletivamente se constrói e torna físico o que antes estava em suas mentes. No sentido de direcionamento de suas vidas, é a falta de perspectiva pela falta de oportunidades concretas e reais, em que muitos(as) se encontram e duelam no jogo do imediatismo sem considerar os seus futuros. A morte é a finitude consciente deles(as), não sendo capaz de privar seus sonhos e desejos. Podemos refletir que os sonhos são conquistas a longo prazo, e os desejos de imediato equivalem a qualquer outra pessoa na fase da adolescência, porém, para esses(as) participantes (adolescentes), pairam sobre si que o caixão e a prisão podem ser uma realidade futura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a13v27n2.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2020.

ANOREG/BR. Reconhecimento de paternidade. **ANOREG/BR**, 2022. Disponível em: <https://www.anoreg.org.br/site/atos-extrajudiciais/registro-civil/reconhecimento-de-paternidade/>. Acesso em: 7 nov. 2022.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**: e um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos tempos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Aline Menezes de. **Escolarização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação**: estudo bibliográfico. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015a.

BARROS, Geraldo Neves Pereira de. **Historiografia educacional e educação escolar para adolescente em situação de privação de liberdade (1996-2013)**. 2015. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belem, 2015b.

BDTD. Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações. **Base de dados**. Disponível em: <https://bdtb.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 29 maio 2022.

BRASIL. Acesso CAFe. **Portal de Periódicos da CAPES**, 2022e. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/acesso-cafe.html>. Acesso em: 23 jun. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2022a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 nov. 2022.

BRASIL. Cursos avaliados e reconhecidos. **Plataforma Sucupira**, 2022d. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoRegiao.xhtml>. Acesso em: 7 ago. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990**. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Brasília, DF: Presidência da República, 2022g. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm. Acesso em: 18 maio 2022.

BRASIL. Divulgado Levantamento Anual do Sistema Nacional de Atendimento

Socioeducativo. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**, 14 maio 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/sdh/noticias/2018/janeiro/divulgado-levantamento-anual-do-sistema-nacional-de-atendimento-socioeducativo>. Acesso em: 12 set. 2022.

BRASIL. Fase da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é Adolescência? **Portal Vivendo a Adolescência**, 2022h. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>. Acesso em: 18 maio 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Projeções da População. **IBGE**, 2022b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em: 12 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 26 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2022i. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012**. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional; e altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); 7.560, de 19 de dezembro de 1986, 7.998, de 11 de janeiro de 1990, 5.537, de 21 de novembro de 1968, 8.315, de 23 de dezembro de 1991, 8.706, de 14 de setembro de 1993, os Decretos-Leis nºs 4.048, de 22 de janeiro de 1942, 8.621, de 10 de janeiro de 1946, e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Brasília, DF: Presidência da República, 2022c. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm. Acesso em: 18 nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Estatuto da Juventude. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Biblioteca virtual em saúde**. 2022c. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/01-a-08-02-semana-nacional-de-prevencao-da-gravidez-na-adolescencia/>. Acesso em: 7 nov. 2022.

BRASIL. Novo Qualis CAPES. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, 2022f. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppggeo/ppggeo/wp-content/uploads/2019/12/QUALIS-NOVO-1.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2022.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado nº 328, de 2015**. Brasília, DF: Presidência da República, 2021c. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/121529>. Acesso em: 17 ago. 2021.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. 2021b. Disponível em: <http://www.saude.ufpr.br/portal/cometica/wp-content/uploads/sites/7/2015/03/RESOLUCAO-466.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2021.

BRONDANI, Renata Petry; ARPINI, Dorian Mônica. Experiências escolares de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 24, n. 1, p. 73-88, 2019. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/4228>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & lingüística**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

CERQUEIRA, Daniel; FERREIRA, Helder; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

CHIAVENATO, Júlio Jose. **A morte**: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.

CNMP. Levantamento do CNMP indica que há superlotação em unidades de atendimento socioeducativo no Brasil. **CNMP**, 24 set. 2019. Disponível em: <https://www.cnmp.mp.br/portal/todas-as-noticias/12528-levantamento-do-cnmp-indica-que-ha-superlotacao-em-unidades-de-atendimento-socioeducativo-no-brasil>. Acesso em: 18 nov. 2022.

CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti da; TEIXEIRA, Joana D'arc; CAMPOS, Rafael Garcia. Socioeducação: desafios e brechas à justiça social. **Revista Olhares**, Guarulhos, v. 8, n. 2, p. 102-121, 2020.

CORDEIRO, José Luis; WOOD, David. **A morte da morte**: a possibilidade científica da imortalidade. São Paulo: LVM Editora, 2019.

COSTA, Angelo Brandelli; ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, Silvia H.; COUTO, Maria Clara P. de Paula; HOHENDORFF, Jean Von (org.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 55-70.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da; COSTA, Alfredo Carlos Gomes da; PIMENTEL, Antônio de Pádua Gomes. **Educação e vida**: um guia para o adolescente. 2. ed. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Gleicimar Gonçalves; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; BRANCO, Ângela Uchoa. Universo afetivo-semiótico de adolescentes em medida socioeducativa de internação. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/187126>. Acesso em: 23 jul. 2022.

EQUIPE PLANETA. Família disfuncional: linhagem deteriorada. **Revista Planeta**, 30 dez. 2019. Disponível em: <https://revistaplaneta.com.br/familia-disfuncional-linhagem-deteriorada/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

ERIC. Educational Resources Information Center. **Base de dados**. Disponível em: <https://eric.ed.gov/>. Acesso em: 23 jun. 2022.

- FEITOSA, Juliana Biazze. Adolescência e o ato infracional: uma análise histórica. *In*: SILVA, Alex Sandro da *et al.* (org.). **Cadernos de socioeducação**: fundamentos da socioeducação. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Justiça, Trabalho e Direitos Humanos, 2018. p. 31-42.
- FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.
- FREITAS, Riane Conceição Ferreira. **Sistema punitivo e justiça restaurativa**: os reflexos na escolarização e profissionalização na socioeducação. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.
- GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOHENDORFF, Jean Von. Como escrever um artigo de revisão de literatura. *In*: KOLLER, Sílvia H.; COUTO, Maria Clara P. de Paula; HOHENDORFF, Jean Von (org.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 39-54.
- HOUAISS. **Dicionário conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.
- JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- JOTA QUEST. Dias melhores. **Letras**, 2022. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jota-quest/46686/>. Acesso em: 8 nov. 2022.
- KELLEHEAR, Allan. **Uma história social do morrer**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte**: quebrando paradigmas. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2021.
- LAMPERT, Ernâni. Educação permanente: limites e possibilidades no contexto da América Latina e Caribe. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 1-13, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1252/1064>. Acesso em: 6 out. 2022.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. O percurso: problema-pergunta-hipótese. *In*: LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean (org.). **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 103-127.
- LE BRETON, David. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas: Autores Associados, 2009.
- LE BRETON, David. **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

- MACHADO, Érico Ribas. **Fundamentos da pedagogia social**. [S. l.]: UNICENTRO, c2023.
- MICHAELIS. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imagino Editora, 1997.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- OLIVEIRA, Ueliton Peres de *et al.* Esporte e lazer no plano individual de atendimento de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação. **Movimento**, v. 26, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/101588>. Acesso em: 29 maio 2022.
- OPAS. Saúde do adolescente. **OPAS**, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-do-adolescente>. Acesso em: 18 maio 2022.
- PARANÁ. Centros de Socioeducação e Casas de Semiliberdade. **Secretaria da Justiça, Família e Trabalho**, 2022. Disponível em: <https://www.justica.pr.gov.br/Pagina/Centros-de-Socioeducacao-e-Casas-de-Semiliberdade>. Acesso em: 17 nov. 2022.
- PARANÁ. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES. **Estado do Paraná**. Regiões Geográficas. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: https://www.ipardes.pr.gov.br/sites/ipardes/arquivos_restritos/files/documento/2019-09/Regi%C3%B5es%20Geogr%C3%A1ficas%20%28Lei%20Estadual%2015.pdf. Acesso em: 17 nov. 2022.
- PARANÁ. **Resolução nº 300, de 23 de outubro de 2022**. Regulamenta os procedimentos de solicitação para a realização de pesquisa nos Centros de Socioeducação e Casas de Semiliberdade da Secretaria de Estado da Justiça, Família e Trabalho. Curitiba: [s. n.], [2022]. Disponível em: https://www.justica.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-08/resolucao_de_pesquisa_n_300-2020_sejuf.pdf. Acesso em: 6 jun. 2022.
- PEREIRA, Alessandra de Paula. **Passado, presente e futuro: projetos de vida de adolescentes em privação de liberdade**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Curitiba: InterSaberes, 2016.
- PIAGET, Jean. **Pedagogia**. Lisboa: Odile Jacob, 1998.
- PIMENTEL, Gisele Arendt. **Sexualidade e agressividade do adolescente no espaço escolar: contribuições psicanalíticas**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2017. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2992>. Acesso em: 9 jul. 2021.
- RAMIDOFF, Mário Luiz. **Lições de direito da criança e do adolescente: ato infracional e medidas socioeducativas**. Curitiba: Juruá, 2006.
- REDALYC. Revistas Científicas de América Latina Y el Caribe, España y Portugal. **Base de**

dados. Disponível em: <https://www.redalyc.org/>. Acesso entre 23 jun. e 1 jul. 2022.

REIS, João José. **A morte é uma festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE JÚNIOR, Luiz Nolasco de; SÁ, Antônio Villar Marques de. O jogo do xadrez e a aprendizagem lúdica para adolescentes em ambiente socioeducativo. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 21, n. 2, p. 221-229, 2016.

ROCHA, Julia Siqueira da. **Castigo e crime:** adolescentes criminalizados e suas interações com as condutas de risco, a educação e o sistema de justiça. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SANCHES-ROSA, Rodrigo *et al.* A educação como possibilidade de transformação: a adolescência e suas demandas. *In:* SILVEIRA, Dieison Prestes da *et al.* (org.). **Saberes sociais:** investigações e inquietações emergentes na contemporaneidade. Cruz Alta: Ilustrações, 2020. p. 35-46.

SANCHES-ROSA, Rodrigo *et al.* Troca de experiências: pilar de sustentação para a formação do educador e educadora da e na EJAI. *In:* COSTA, Aldemar; LOPES, Cleber; HARACEMIV, Sonia (org.). **Conexões:** educação, psicologia e tecnologia. Chapecó: Livrologia, 2021. v. 2, p. 83-97.

SANCHES-ROSA, Rodrigo. **A morte:** do tabu à representação na socioeducação. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

SANCHES-ROSA, Rodrigo; ASINELLI-LUZ, Araci. Morte: por que ainda a tratamos como um tabu nos espaços educacionais? *In:* DICKMANN, Ivo; DICCKMANN, Ivanio (org.). **Educação Brasil 2.** 2. ed. Chapecó: Livrologia, 2020. p. 251-267.

SANCHES-ROSA, Rodrigo; BARBOZA, Renatha Schneider Gomes. Tabu: uma reflexão sobre o ressignificado das proibições na sociedade moderna e seu reflexo nos espaços educacionais. *In:* LIMA-BERTON, Tatiane Delurdes de; BUENO, Rosa Elena; PEREIRA, Alessandra de Paula (org.). **Espaços educativos como oportunidade de aprendizagens:** a pedagogia social preventiga integral. Curitiba: CRV, 2021. v. 3, p. 151-170.

SANCHES-ROSA, Rodrigo; RIBAS, Ana Lúcia; ASINELLI-LUZ, Araci. Ritos fúnebres: o tema morte como desafio ao professor de história e historiador. *In:* SANTOS, Marcos Pereira dos (org.). **Formação docente:** importância, estratégias, princípios. Curitiba: Bagai, 2020. v. 1, p. 212-224.

SCIELO. Scientific Electronic Library Online. **Base de dados.** Disponível em: <https://scielo.org/>. Acesso entre 10 abr. e 29 maio 2022.

SCOPUS. Elsevier. **Base de dados.** Disponível em: <https://www-scopus.ez22.periodicos.capes.gov.br/search/form.uri?display=basic#basic>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SHAN, Kwong Kuen. **O gato filósofo.** São Paulo: Estação Liberdade, 2015.

SILVA, Marcela Guedes Carsten da; ZILLOTTO, Flávia Palmieri de Oliveira; BATISTA, Alison Adalberto. Perfil do adolescente autor de ato infracional no estado do Paraná. *In:*

SILVA, Alex Sandro da *et al.* (org.). **Cadernos de socioeducação**: fundamentos da socioeducação. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Justiça, Trabalho e Direitos Humanos, 2018. p. 43-56.

SILVA, Márcia Alves da; MEIRA, Mirela Ribeiro. Por uma ética de integridade e produção de sentidos na atenção a adolescentes infratores. **EccoS**, São Paulo, n. 34, p. 131-142, maio/ago. 2014.

SILVESTRE, Luciana Pavowski Franco. Privação de liberdade e criminalização de adolescentes. *In*: SILVA, Alex Sandro da *et al.* (org.). **Cadernos de socioeducação**: fundamentos da socioeducação. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Justiça, Trabalho e Direitos Humanos, 2018. p. 57-70.

SOUSA, Marlene Feitosa de. **Representações sociais de adolescentes**: ato infracional e projeto de vida. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/2912/1/Dissertacao_RepresentacoesSociaisAdolescentes.pdf. Acesso em: 29 maio 2022.

THESAURUS ERIC. **Purpose and Scope**. ERIC, 2022. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?ti=all>. Acesso em: 10 abr. 2022.

THESAURUS INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. 2022. Disponível em: http://pergamum.inep.gov.br/pergamumweb/biblioteca/pesquisa_thesouro.php. Acesso em: 22 jun. 2022.

THESAURUS UNESCO. Información del vocabulario. **UNESCO**, 2022. Disponível em: <http://vocabularies.unesco.org/browser/thesaurus/es/?clang=es&anylang=on>. Acesso em: 10 abr. 2022.

UNICEF. Convenção sobre os direitos da criança. **UNICEF Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 18 maio 2022.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo; ARAUJO-JORGE, Tania. Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais: novas perspectivas e resultados preliminares. **Atas CIAIQ**, v. 2, p. 41-48, 2019.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

WEB OF SCIENCE. **Base de dados**. Disponível em: <https://www-webofscience.ez22.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/basic-search>. Acesso em: 23 jun. 2022.

WORDCLOUDS. Free online Wordcloud generator. **WordClouds**, 2022. Disponível em: <https://www.wordclouds.com/>. Acesso em: 9 set. 2022.

ZANIANI, Ednéia José Martins. Infância(s) e adolescência(s): uma leitura sócio-histórica. *In*: SILVA, Alex Sandro da *et al.* (org.). **Cadernos de socioeducação**: fundamentos da socioeducação. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Justiça, Trabalho e Direitos Humanos, 2018. p. 15-30.

ANEXO 1 – PARECER DE AUTORIZAÇÃO DO DEASE



PARECER

Trata-se do protocolado nº 18.135.272-8 referente ao projeto de pesquisa acadêmica apresentado pelo pesquisador Rodrigo Sanches Rosa, intitulado “A representação social de morte para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa”, a ser realizada junto aos/às adolescentes das Casas de Semiliberdade e Centros de Socioeducação do Paraná”. Informa-se que após a análise, a proposta de pesquisa foi **DEFERIDA** para execução.

Como requisito para dar início a coleta de dados junto aos/às adolescentes, o pesquisador deve solicitar autorização junto ao juízo das Comarcas de referência de cada Unidade Socioeducativa, conforme artigo 3º da Resolução nº 300/2020-SEJUF, e também submeter a pesquisa para análise do Comitê de Ética do Sistema CEP/Conep, conforme exigência da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos. Esses documentos devem ser apresentados à Direção de cada Unidade e a este Departamento para ciência e inclusão no protocolado supracitado.

Após a realização destes dois procedimentos, o pesquisador deverá realizar contato com as Unidades Socioeducativas, para agendar datas e horários compatíveis com as rotinas das Unidades para coleta de dados.

Mediante esta aprovação, encaminha-se o Termo de Compromisso de Pesquisa assinado ao pesquisador, juntamente com cópia deste parecer. Outrossim, solicita-se que seja enviado uma cópia do resultado da pesquisa (dissertação e/ou artigo) quando esta estiver finalizada, conforme Art. 13 da Resolução n.º 300/2020 - SEJUF e item 2.2 da cláusula 4ª do Termo de Compromisso de Pesquisa.

Atenciosamente,

Luciana Mara Finger
Psicóloga - CRP nº 10.956/08
Divisão Psicossocial – DEASE/SEJUF

Coronel David Antônio Pancotti
Chefe do Departamento de Atendimento Socioeducativo

Palácio das Araucárias | Rua Jacy loureiro de Campos, s/n | Centro Cívico | 80530-915 | Curitiba | Paraná | Brasil.



ePROTOCOLO



Documento: **Despachodeferimento.pdf**.

Assinatura Avançada realizada por: **Luciana Mara Finger** em 13/10/2021 16:41.

Assinatura Simples realizada por: **David Antonio Pancotti** em 13/10/2021 17:38.

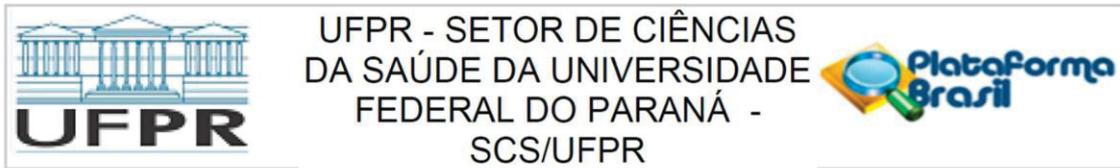
Inserido ao protocolo **18.135.272-8** por: **Andressa Ferreira de Brito** em: 13/10/2021 16:38.



Documento assinado nos termos do Art. 38 do Decreto Estadual nº 7304/2021.

A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço:
<https://www.eprotocolo.pr.gov.br/spiweb/validarAssinatura> com o código:
5621e2069587e8fa68136f123ea6540.

ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A representação social de morte para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa.

Pesquisador: Araci Asinelli da Luz

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 53055721.5.0000.0102

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.429.342

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa intitulado “A representação social de morte para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa”, sob a responsabilidade da Prof^a. Dr^a. Araci Asinelli-Luz, professora orientadora e, o mestrando do PPG em Educação, Rodrigo Sanches Rosa, com previsão de início a partir da aprovação no comitê de ética até março de 2023. Segundo os pesquisadores, a pesquisa acontecerá de forma presencial nas Casas de Semiliberdade e Centros de Socioeducação (CENSE) no Estado do Paraná.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo os pesquisadores, o objetivo geral da pesquisa será “compreender qual a representação social de morte para adolescentes que cumprem medida socioeducativa.

1.1 Objetivos Específicos

- Traçar o perfil dos/das adolescentes em medida socioeducativa com restrição e privação de liberdade em Casas de Semiliberdade e CENSEs localizados no Estado do Paraná, participantes da pesquisa;
- Sistematizar estudos e pesquisas sobre o tema morte no campo da Educação;
- Identificar as concepções de morte via as histórias/experiências dos/das adolescentes em medida socioeducativa com restrição e privação de liberdade no Estado do Paraná, participantes da pesquisa.”

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar

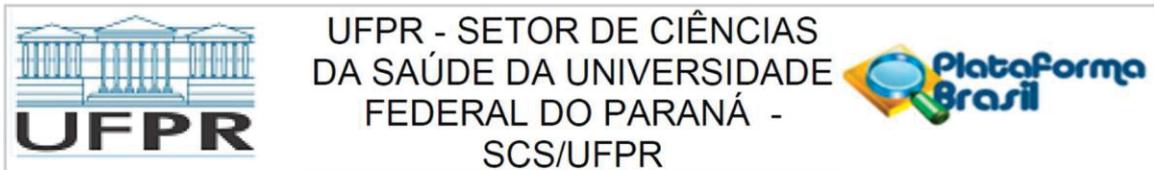
Bairro: Alto da Glória

CEP: 80.060-240

UF: PR **Município:** CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 5.429.342

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores, um benefício direto seria “possibilidade da reflexão sobre as suas vidas e seus atos tendo a morte como o centro desta reflexão”. Tal reflexão poderia promover a resiliência e a diminuição da “violência como causa de morte precoce de adolescentes e oportunizar a pedagogia dos sonhos/projetos de vida para adolescentes em situação de vulnerabilidades sociais”. Um benefício indireto seria para os/as profissionais da educação e socioeducação envolvidos na pesquisa que teriam a oportunidade de contribuir para a “desmistificação e resignificação de assuntos que se tornaram relevantes e necessários ao tempo e convívio social.”

Os pesquisadores apontam como risco, o fato que o questionário pode causar desconforto ao participante, pois pode rememorar situações que lhe causem tristeza, angústia, medo e intimidação, bem como receio de suas identidades e informações divulgadas. No entanto, propõem várias medidas de minimização de tais riscos inclusive com a colaboração do serviço de psicologia da unidade.

Não há previsão de ressarcimento ou pagamento aos participantes pois os participantes da pesquisa não necessitarão se deslocar de onde moram/estudam para participar da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa qualitativa que se fundamenta na Teoria das Representações Sociais e investigará a “representação social de morte para adolescentes que cumprem medida socioeducativa”. Para tanto, após revisão integrativa da literatura os pesquisadores construirão um questionário a ser respondido online (Google Formulários) pelos adolescentes/participantes.

A pesquisa será realizada remotamente nas Casas de Semiliberdade e os Centros Socioeducativos (CENSE) do Estado do Paraná, onde os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de restrição e privação de liberdade vivem. Segundo os pesquisadores, as “unidades têm salas para atendimentos individualizados, onde o sigilo e a restrição dos/das participantes estarão preservados; salas essas onde ocorrem os atendimentos técnicos (psicológicos, pedagógicos, terapêuticos, chamadas familiares, assistenciais) no cotidiano. Foram instalados nas salas de atendimentos computadores com acesso à internet para diversos acessos e ou pesquisas. Na companhia de um/a técnico/a o/a participante poderá realizar o acesso ao questionário” em horário agendado previamente. O projeto detalha o processo para garantir o sigilo e confidencialidade das respostas.

O projeto prevê a participação de pelo menos 24 adolescentes, 8 em cada uma das regiões do

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar

Bairro: Alto da Glória

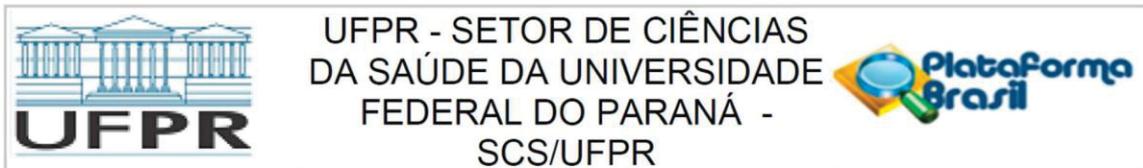
CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 5.429.342

estado. O recrutamento será realizado nas CENSEs e após a autorização da diretoria, os adolescentes serão convidados a participarem por funcionários da equipe técnica das próprias unidades. Ressalta-se que um dos pesquisadores é funcionário, agente de segurança socioeducativo, de uma dessas unidades no estado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados adequadamente, um TALE para os adolescentes e um TCLE para o(a) diretor(a) da CENSE.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de pesquisa qualitativa com grupo de adolescentes vulneráveis que cumprem medidas sócioeducativas e encontram-se sob a tutela do estado. O recrutamento será feito nas CENSEs do estado com o auxílio de funcionários da equipe técnica que receberão orientações de como apresentar a pesquisa para os adolescentes e os procedimentos para viabilizar a resposta ao questionário online pelos adolescentes. Os pesquisadores apresentaram claramente a relevância social e teórica para a área. O projeto detalha todos os aspectos do método, inclusive recrutamento e cuidados para minimizar riscos.

Favor inserir em seu TCLE e TALE o número do CAAE e o número deste Parecer de aprovação, para que possa aplicar aos participantes de sua pesquisa, conforme decisão da Coordenação do CEP/SD de 13 de julho de 2020.

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais(a cada seis meses de seu parecer de aprovado) e final, sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO.

Para o próximo relatório, favor utilizar o modelo atualizado, (abril/22), de relatório parcial.

Demais alterações e prorrogação de prazo devem ser enviadas no modo EMENDA. Lembrando que o cronograma de execução da pesquisa deve ser atualizado no sistema Plataforma Brasil antes de enviar solicitação de prorrogação de prazo.

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar

Bairro: Alto da Glória

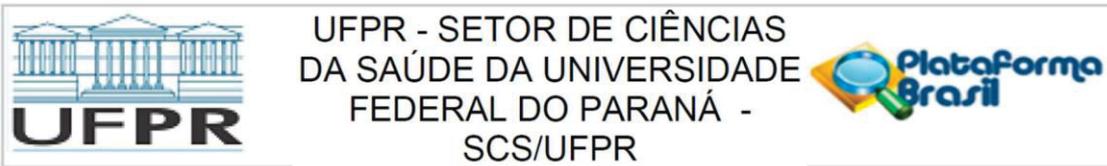
UF: PR

Telefone: (41)3360-7259

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 5.429.342

Emenda – ver modelo de carta em nossa página: www.cometica.ufpr.br (obrigatório envio).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1810029.pdf	12/04/2022 21:44:01		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_RODRIGO_modificado.docx	12/04/2022 21:42:01	Araci Asinelli da Luz	Aceito
Outros	Carta_Pendencia.docx	12/04/2022 21:41:32	Araci Asinelli da Luz	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Concordancia_de_Coparticipacao.pdf	03/11/2021 18:33:57	Araci Asinelli da Luz	Aceito
Declaração de concordância	SEI_UFPR_Declaracao_Concordancia_PPGE.pdf	03/11/2021 18:32:31	Araci Asinelli da Luz	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Compromisso_da_equipe.pdf	03/11/2021 18:25:15	Araci Asinelli da Luz	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Analise_do_merito_cientifico.pdf	03/11/2021 18:24:30	Araci Asinelli da Luz	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Carta_de_Encaminhamento_do_Pesquisador_ao_CEP.pdf	03/11/2021 18:24:16	Araci Asinelli da Luz	Aceito
Outros	CheckList.pdf	03/11/2021 18:23:41	Araci Asinelli da Luz	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_Rodrigo.pdf	03/11/2021 18:22:44	Araci Asinelli da Luz	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	31/10/2021 23:28:57	Araci Asinelli da Luz	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	31/10/2021 23:28:33	Araci Asinelli da Luz	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_Rodrigo.docx	31/10/2021 23:28:17	Araci Asinelli da Luz	Aceito
Outros	ExtratodeATA.pdf	31/10/2021 23:27:52	Araci Asinelli da Luz	Aceito

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar

Bairro: Alto da Glória

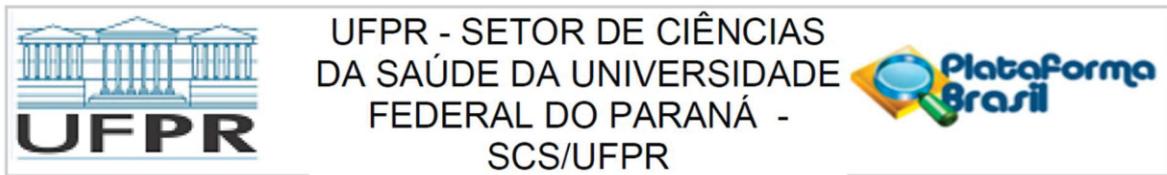
CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 5.429.342

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 25 de Maio de 2022

Assinado por:
IDA CRISTINA GUBERT
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO *On-line*

Este questionário está dividido em 2 (duas) partes. Ele ajudará na compreensão de morte dos/das adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa (Casa de Semiliberdade e CENSE) do Estado do Paraná, ou seja, a representação social deles e delas sobre o assunto, bem como caracterizar os/as participantes.

PARTE 1 – Perfil Sociodemográfico

Nesta parte, os/as participantes nos ajudarão a identificar e traçar o perfil sociodemográfico dos/das adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa.

1) Cidade e Estado de nascimento.

2) Ano de nascimento

3) Qual a sua idade?

4) Identidade de gênero

Obs: Considere o termo “Cis” para as pessoas que se identificam com o gênero designado ao nascer, e o termo “Trans” para as pessoas que não se identificam com o gênero designado ao nascer.

() Mulher Cis

() Homem Cis

() Travesti

() Mulher Trans

() Homem Trans

() Não Binarie

() Outra: Qual? _____

5) Orientação sexual

- Lésbica
- Gay
- Bissexual
- Pansexual
- Heterossexual
- Assexual
- Outra: Qual? _____

6) Qual a sua cor/etnia?

- Branco/a
- Preto/a
- Pardo/a
- Amarelo/a
- Indígena
- Outra: Qual? _____

7) Qual o seu estado civil?

- Solteiro/a
- Casado/a
- Juntado/a – Mora juntos
- Separado/a
- Divorciado/a
- Viúvo/a
- Outra: Qual? _____

8) Qual a sua escolaridade?

Lembrando o último ano que cursou na escola regular ou no sistema socioeducativo.

- Ensino Infantil incompleto
- Ensino Infantil completo
- Ensino Fundamental I incompleto (1º ao 5º ano)
- Ensino Fundamental I completo (1º ao 5º ano)
- Ensino Fundamental II incompleto (6º ao 9º ano)
- Ensino Fundamental II completo (6º ao 9º ano)

- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo

8.a) Se assinalou "Ensino Superior incompleto ou Ensino Superior completo" na pergunta "8". Qual o curso?

9) Qual a importância da escola/estudar para você?

10) Antes de receber a sua medida socioeducativa, qual era a Cidade e o Estado da sua moradia (casa)?

11) Tipo de moradia antes do cumprimento da medida socioeducativa:

- Casa
- Barraco
- Instituição de acolhimento
- Apartamento
- Situação de rua
- Outra: Qual? _____

12) O local onde residia (casa/moradia) era:

- Própria
- Alugada
- Invasa
- Empréstada
- Favor
- Não se aplica
- Outra: Qual? _____

13) Quantas pessoas moravam na residência com você?

14) Pessoas com quem morava:

Obs: pode marcar mais de 1 (uma) opção.

- Pai e Mãe
- Somente Pai
- Somente Mãe
- Com Irmão e/ou Irmã
- Com Avós
- Com Tio e/ou Tia
- com Amigos/Amigas
- Outra: Qual(ais) pessoa(s)? _____

15) Tem filho e/ou filha?

- Sim
- Não

15.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "15", quantos?

16) Tem Mãe viva?

- Sim
- Não

16.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "16", onde sua Mãe mora?

16.b) Se respondeu "Não" na pergunta "16", sabe informar do que sua Mãe morreu?

17) Tem Pai vivo?

- Sim
- Não

17.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "17", onde seu Pai mora?

17.b) Se respondeu "Não" na pergunta "17", sabe informar do que seu Pai morreu?

18) Tem irmão e/ou irmã?

() Sim

() Não

18.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "18", quantos?

18.b) Se respondeu "Sim" na pergunta "18". Quantos deles são menores de 18 anos?

18.c) Se respondeu "Sim" na pergunta "18". Na ordem de nascimento, você está em qual posição?

19) Se tem irmão ou irmã, algum já morreu?

() Sim

() Não

19.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "19", era irmão ou irmã?

19.b) Ainda, se respondeu "Sim" na pergunta "19", sabe informar do que seu irmão e/ou irmã morreu?

19.c) Se respondeu que tem irmão e/ou irmã, quantos estão vivos?

20) Tem Avós vivos?

() Sim

() Não

20.a) Se respondeu "Não" na pergunta "20", quais avós já morreram?

20.b) Ainda se respondeu "Não" na pergunta "20", você teve alguma convivência com algum deles?

() Sim

() Não

21) Quais destes equipamentos domésticos tem no lugar onde mora? (antes da medida socioeducativa)

Obs: Pode marcar mais de 1 (uma) opção.

() Geladeira

() Aspirador de Pó

() Ar-condicionado

() Ventilador

() Aquecedor

() Fogão

() Micro-ondas

() Forno Elétrico

() Liquidificador

() Batedeira

() Máquina de Lavar

() Ferro Elétrico

() Nenhum

22) Quais destes equipamentos eletrônicos tem no lugar onde mora? (antes da medida socioeducativa)

Obs: Pode marcar mais de 1 (uma) opção.

- Televisão
- Rádio
- Telefone Fixo
- Celular
- Notebook
- Computador
- Outro(s): Qual(ais)? _____

23) Na sua casa tem Internet? (antes da medida socioeducativa)

- Sim
- Não

24) O que você prefere ler?

Obs: Pode marcar mais de 1 (uma) opção.

- Livro
- Revista
- Jornal impresso
- Gibi/Quadrinhos/Manga/ HQs
- Notícias on-line
- Não gosto de ler
- Outro(s): Qual(ais)? _____

25) Por onde costuma ouvir, ver e ler as notícias?

Obs: Pode marcar mais de 1 (uma) opção.

- Telejornal – Televisão
- Rádio
- Internet
- Redes Sociais
- Em todos mencionados acima
- Não ouço e/ou vejo e/ou leio notícias
- Outro(s): Qual(ais)? _____

26) O que você fazia no seu tempo livre antes da medida socioeducativa?

28) Qual é a renda familiar?

Obs. A base é o salário-mínimo nacional (R\$1.100,00).

- Não tem base
- Menos de 1 salário-mínimo
- 1 salário-mínimo
- 2 salários-mínimos
- mais de 2 salários-mínimos
- Não sabe
- Outra. Quantos? _____

28) Qual a origem da renda familiar?

29) Quem é a pessoa responsável pela renda familiar na sua casa ou as pessoas?

30) Sua família recebe bolsa família?

- Sim
- Não
- Não sabe

31) Você tem alguma religião que você pratica/segue/acredita?

- Sim
- Não

Se respondeu "Sim" na pergunta "31", qual?

32) Qual o seu sonho ou projeto de vida para depois do cumprimento da medida socioeducativa?

33) Como você se imagina daqui a 10 anos?

PARTE 2 – Evocação sobre a Morte

Nesta parte do questionário você ajudará na compreensão do assunto da pesquisa e na representação da morte por parte dos/das adolescentes que cumprem medida socioeducativa.

34) Qual a primeira (1ª), a segunda (2ª) e a terceira (3ª) palavras que lhe vêm à mente quando você escuta ou vê a palavra MORTE?

34.a) Continuando a pergunta "34". Por que escolheu estas 3 (três) palavras?

35) Você já participou de algum velório?

() Sim

() Não

() Não lembro

35.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "35". De quem foi?

35.b) Se respondeu "Sim" na pergunta "35". Como se sentiu no velório?

36) Você já foi em algum cemitério?

() Sim

() Não

() Não lembro

36.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "36". Como se sentiu no cemitério?

37) Já vivenciou de perto a perda de algum familiar?

- () Sim
() Não
() Não lembro

37.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "37". De qual familiar ou quais?

37.b) Se respondeu "Sim" na pergunta "37", relate seus sentimentos ou emoções ou sensações.

38) Já vivenciou de perto a perda de algum amigo ou amiga?

- () Sim
() Não

38.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "38", relate seus sentimentos ou emoções ou sensações.

39) Já vivenciou de perto a perda de alguma pessoa superior hierárquica de você? (Se existir, exemplos: chefe, gerente, patrão)

- () Sim
() Não

39.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "39", relate seus sentimentos ou emoções ou sensações.

40) Você já presenciou um assassinato ou outro tipo de morte violenta??

- () Sim
() Não

40.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "40", relate seus sentimentos ou emoções ou sensações.

41) Você tem medo da morte?

() Sim

() Não

41.a) Se respondeu "SIM" ou "NÃO" na pergunta 41, explique a sua resposta.

42) A morte para você é:

43) Você já ouviu falar entre adolescentes e/ou jovens que cometem ato infracional que "só lhes resta prisão ou caixão"?

() Sim

() Não

44) O que você pensa sobre a afirmação da pergunta "43" (só lhes resta prisão ou caixão)?

45) Na escola, algum professor/alguma professora já falou e/ou ensinou sobre a morte?

() Sim

() Não

() Não lembro

45.a) Se respondeu "Sim" na pergunta "45". O que lembra e pensa sobre isto?

46) A morte com a pandemia de COVID-19 teve ou tem outro significado para você?

() Sim

() Não

46.a) Se respondeu "SIM" ou "NÃO" na pergunta 46, explique a sua resposta.
